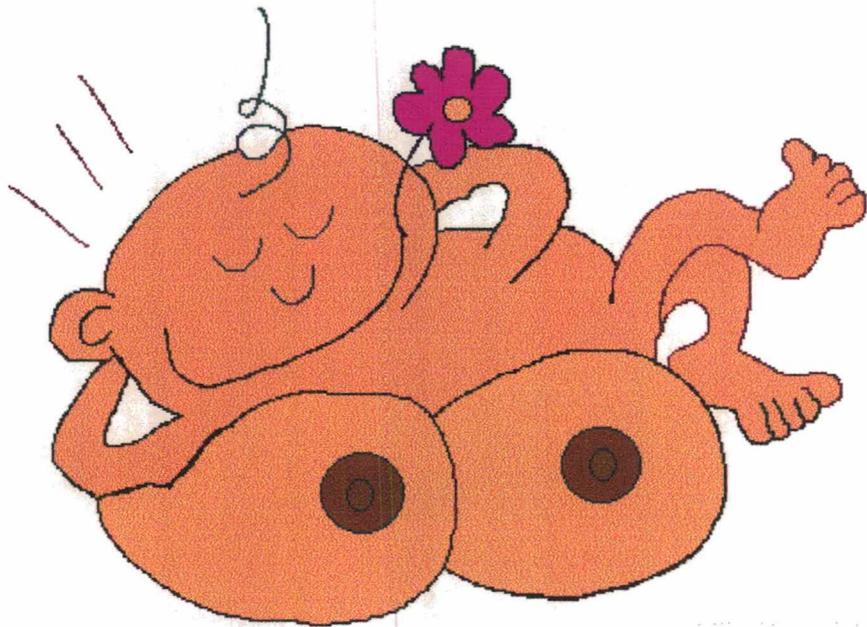


**CAROLINA SAMPAIO BARRETO**

**A DIMENSÃO PROSPECTIVA DO ENSINO  
APRENDIZAGEM DO ALEITAMENTO MATERNO -  
UMA EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS ESCOLARES**



Florianópolis SC

1999

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE**  
**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**  
**PROGRAMA DE MESTRADO EM ASSISTÊNCIA DE**  
**ENFERMAGEM**

**A DIMENSÃO PROSPECTIVA DO ENSINO**  
**APRENDIZAGEM DO ALEITAMENTO MATERNO - UMA**  
**EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS ESCOLARES**

**CAROLINA SAMPAIO BARRETO**

*Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação de Enfermagem da UFSC  
para obtenção de Grau de Mestre em  
Assistência de Enfermagem.*

Florianópolis SC

1999

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM  
PROGRAMA DE MESTRADO EM ASSISTÊNCIA DE  
ENFERMAGEM**

**A DIMENSÃO PROSPECTIVA DO ENSINO  
APRENDIZAGEM DO ALEITAMENTO MATERNO - UMA  
EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS ESCOLARES**

**CAROLINA SAMPAIO BARRETO**

*Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação de Enfermagem da UFSC  
para obtenção de Grau de Mestre em  
Assistência de Enfermagem.*

Florianópolis SC

1999

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM  
PROGRAMA DE MESTRADO EM ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM

**A DIMENSÃO PROSPECTIVA DO ENSINO APRENDIZAGEM DO  
ALEITAMENTO MATERNO - UMA EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS  
ESCOLARES**

**CAROLINA SAMPAIO BARRETO**

*Dissertação submetida ao processo da avaliação pela Banca Examinadora para a  
obtenção do grau de*

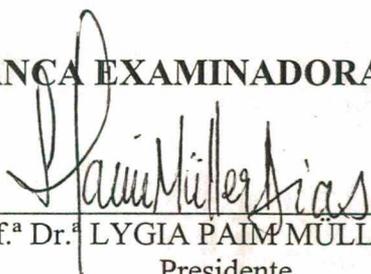
**MESTRE EM ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM,**

*aprovada em 22 de março de 1999, atendendo às normas da legislação vigente do  
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem – Curso de Mestrado em Assistência de  
Enfermagem, da Universidade Federal de Santa Catarina.*



Prof.ª Dr.ª Alacoque Lorenzini Erdmann  
Coordenadora do Programa

**BANCA EXAMINADORA:**



Prof.ª Dr.ª LYGIA PAIM MÜLLER DIAS  
Presidente



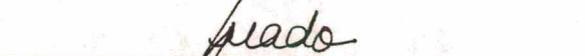
Prof.ª Dr.ª MERCEDES TRENTINI  
Membro



Prof.ª Dr.ª MARIA ITAYRA C. PADILHA  
Membro



Dda. CLEUSA RIOS MARTINS  
Convidada



Prof.ª Dr.ª MARTA LENISE DO PRADO  
(Suplente)

**CAROLINA SAMPAIO BARRETO**

**A DIMENSÃO PROSPECTIVA DO ENSINO  
APRENDIZAGEM DO ALEITAMENTO MATERNO - UMA  
EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS ESCOLARES**

**Orientadora:**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> LYGIA PAIM MÜLLER DIAS

*Dedico este estudo ao meu anjo guardião, que acompanhou esta trajetória, permanecendo sempre ao meu lado, inspirando-me, guiando-me e amando-me.*

# AGRADECENDO...

*Certo dia, uma enfermeira/estudante, após estudar bastante, teria que agradecer a muita gente que lhe ajudou a conquistar o diploma de Mestre em Enfermagem.*

*Primeiro ela pensou e ... agradeceu a Deus, pois Ele ensina que: o homem se desenvolve por si mesmo, naturalmente, mas nem todos progredem ao mesmo tempo e da mesma maneira; é então que os adiantados ajudam os outros a progredir, pelo contato social*

*(Kardec, 1997).*

*Depois de refletir sobre isto, ela pensou, pensou e se lembrou de várias pessoas muito adiantadas que lhe ajudaram a conseguir este título.*

*Uma destas pessoas sempre teve um lugar muito forte no seu coração. Por isso, ela gostaria de contar-lhes a sua história...*

*Era uma vez uma menina baiana, magrinha, estudiosa e que tinha uma irmã. Gostava de cantar, fazer teatro e conversar com suas amigas.*

*Ela tinha um sonho... Queria ser enfermeira. Aí ela estudou, estudou, e um dia conseguiu se formar, e hoje ela é Doutora Enfermeira.*

*Ela gostou tanto de ser enfermeira, que um dia saiu pelo mundo criando muitos cursos de Enfermagem.*

*Foi muito trabalho. Em 1976 ela viajou, viajou, por tudo quanto foi lugar, só pensando em formar mais Enfermeiras.*

*Percorreu o Brasil, de norte a sul. No norte, esteve em Rio Branco/Acre, e lá nos reencontramos. Foi uma festa!*

*Um certo dia, ela veio parar em Florianópolis, e hoje eu recebo dela: ajuda, paciência, atenção e uma amizade tão antiga que passou a fazer parte da minha história de vida.*

*O nome dela: Lygia Paim Müller Dias!*

*Obrigada!*

*Em seguida veio a lembrança dos seus pais, com quem desde cedo iniciou a paixão de educar e cuidar dos outros.*

*Depois, dos 11 irmãos, muita gente! Com eles aprendeu a compartilhar alegrias, sonhos e tristezas.*

*E aí, ela foi lembrando de mais gente,*

*Os colegas do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade do Acre e o seu corpo administrativo pela convivência compartilhada, respeitosa e saudosa;*

*O Marcondes, pelo processo de crescimento compartilhado e pelas observações valiosas;*

*A Mila e Camila, pela dedicação e pelo exemplo de que é possível se cultivar uma grande amizade;*

*A Cláudia Mesquita, pela ajuda e docilidade num mundo de tão pouca fantasia;*

*As amigas do mestrado: Consuelo, Carin, Odaléa, Fátima, Rosângela, Roseli, Elfy, Luizita, e tantos outros, pelos risos, ajudas e sufocos, que passaram juntos;*

*Aos escolares, familiares e direção dos colégios, pois sem eles, certamente ela não estaria aqui. Obrigada por terem apostado na aprendizagem;*

*Aos professores da banca, Doutorinhas Mercedes, Itayra, Marta e doutoranda Cleusa, pelo estímulo e críticas, as quais permitiram-lhe superar alguns entraves teóricos no decorrer deste trabalho;*

*A Pós graduação e Departamento de Enfermagem, pela recepção calorosa, pelo apoio e paciência no atendimento pessoal;*

*Ao Vander, pela disponibilidade e amizade quando da digitação deste trabalho.*

*De repente, ela se cansou e parou de lembrar de nomes. Mas ela acha que tem muito mais gente para agradecer.*

*Assim, esta estória chega ao final, em que ela afirma:*

**A MINHA ADORAÇÃO POR VOCÊS É DO CORAÇÃO!**

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A.M. – Aleitamento Materno

AIDS - Síndrome da Imuno-Deficiência Adquirida

CCS - Centro de Ciências da Saúde

IBFAN - Rede Internacional em Defesa do Direito de Amamentar

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

INAN - Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

LSE - Leitura Sistematizada dos Encontros

OMS - Organização Mundial de Saúde

PNIAM - Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

WABA - Aliança Internacional de Ação pelo Aleitamento Materno

ZDP - Zona de Desenvolvimento Proximal

## SUMÁRIO

<b>SUMÁRIO</b>	<b>ix</b>
<b>RESUMO</b>	<b>xi</b>
<b>ABSTRACT</b>	<b>xii</b>
<b>1 - PRESENTAÇÃO DA TRILHA EM PERCURSO</b>	<b>1</b>
<b>2 - TRILHA DA PRESENTE PROPOSTA</b>	<b>3</b>
<b>2.1 - INTRODUÇÃO DO TEMA-PROBLEMA</b>	<b>4</b>
<b>3 - TRILHA TEÓRICA</b>	<b>8</b>
<b>3.1 - Revisão de literatura</b>	<b>9</b>
3.1.1 - Abordagem do desenvolvimento infantil na teoria histórico cultural da educação	9
3.1.1.1 - Concepções da teoria de Lev Vygotsky	9
3.1.1.2 - O ensino e o desenvolvimento cognitivo na idade escolar	10
3.1.1.3 - Interação aprendizado-desenvolvimento: Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP)	12
3.1.1.4 - O potencial da imitação, do lúdico e da brincadeira no desenvolvimento da criança	13
<b>3.2 - O Aleitamento Materno: Reflexões sobre a sua prática</b>	<b>15</b>
3.2.1 - Contextualização histórica	15
3.2.2 - A relação do aleitamento materno com a qualidade de vida das crianças	18
3.2.3 - Educação e Saúde: um espaço para a promoção do aleitamento materno	22
3.2.4 - A enfermeira no grande palco da prevenção	24
<b>3.3 - Desenhando um marco conceitual</b>	<b>27</b>
3.3.1 - Pressupostos	27
3.3.2 - Interrelações conceituais necessárias	27
3.3.3 - Tentando elucidar a figura da representação conceitual...	32
<b>4 - TRILHA METODOLÓGICA</b>	<b>35</b>
<b>4.1 - Pré-análise</b>	<b>36</b>
4.1.1 - Revisitação e re-leitura sistematizada da experiência	37
4.1.1.1 - Ponto de encontro: a Escola	37
4.1.1.2 - Abrindo a Agenda...	38
4.1.1.3 - Os encontros registrados como fonte de dados	39

<b>4.2 - Leituras sistematizadas do processo nos Encontros</b>	<b>40</b>
4.2.1. A sistematizaçãode leitura dos encontros	41
4.2.2 - Ensaizando a entrada na trilha da análise “nossa primeira historieta”	52
<b>5 - TRILHA DA ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO</b>	<b>59</b>
<b>5.1 - A escolha da abordagem de análise</b>	<b>60</b>
<b>5.2 - O “corpus”de análise</b>	<b>60</b>
<b>5.3 - Alguns limites a serem considerados</b>	<b>61</b>
<b>5.4 – Análises e interpretações dimensionadas em meu olhar de participante-mediadora</b>	<b>61</b>
5.4.1 - O que eles sabiam de A.M. antes da experiência	61
5.4.2 - “Fazendo entrevistas: A participação afetuosa das mães”	66
5.4.3 – “Construindo historietas: conteúdo revelador de uma aprendizagem”	81
<b>6 - TRILHA DA REFLEXÃO</b>	<b>99</b>
<b>6.1 - Conceitos no processo: tecendo o meu fazer</b>	<b>100</b>
6.1.1 - Entre os conceitos desenhados e presentes no processo	100
6.1.2 - Educação e Ética: concepções e práticas presentes no processo	103
6.1.2.1 - Educar e ser educador no processo assistencial	104
6.1.2.2 - Ética... é possível refletir...	108
<b>7 - UM OLHAR RETROSPECTIVO A UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA DE DIMENSÃO PROSPECTIVA</b>	<b>113</b>
<b>7.1 - Considerações finais sobre a trilha percorrida</b>	<b>114</b>
<b>7.2 - Novas trilhas a serem desvendadas</b>	<b>120</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>123</b>
<b>Anexo 1</b>	<b>131</b>
<b>Anexo 2</b>	<b>132</b>
<b>ANEXO 3</b>	<b>133</b>
<b>ANEXO 4</b>	<b>134</b>
<b>ANEXO 5</b>	<b>135</b>
<b>Anexo 6</b>	<b>154</b>

## RESUMO

Este estudo parte de uma experiência pedagógico-assistencial com crianças escolares inserida em programa de Educação e Saúde para alunos de 1º grau na cidade de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Seus objetivos resumem-se na inserção do tema aleitamento materno nos referidos programas buscando possibilidades de viabilizá-los. Para tanto, o apoio esteve centrado na concepção vygotskyana, a qual se refere à dimensão prospectiva do ensino no que diz respeito ao desenvolvimento das crianças face ao aprendizado. A abordagem de caráter sócio-histórica registra a cultura como fator importante e vale-se do lúdico, em especial da noção de imitação como principal estratégia durante essa prática. A obtenção de dados teve como fonte os denominados Encontros entre mediadora e escolares, perfazendo sete sessões. Os registros de cada Encontro, focalizados no processo de construção dos escolares diante da sua própria relação de ser aleitado por sua mãe, foram a base de dados e a metodologia de análise destas construções valeu-se de elementos do processo sócio-lingüístico extraídos de textos expressivos, roteirizados e encenados pelas crianças, representações do aleitamento materno. Os resultados do processo suscitam novos questionamentos, destacadamente o que privilegia a necessidade de revisão dos programas de Educação e Saúde nas escolas neste nível de ensino-aprendizado. Isto ocorreu pela tradução de novas abordagens histórico-sociais pela superação da convencionalidade de não antecipar temas a escolares por negar o conhecimento de que a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), Vygotsky, 1991, ao ser explorada, acelera o desenvolvimento dessas crianças.

## **ABSTRACT**

This study is based on a pedagogical-assistance experience conducted with elementary school children in Florianopolis, Santa Catarina Brazil. The objective is to insert on school health-education programs the theme of breast feeding, in an effort to make such programs operational. Support was sought on Vygotsky's conception covering the prospective dimension of teaching regarding the development of children in their early learning stages. The socio-historic approach registers culture as an important aspect, using playful techniques, that of imitation in particular, as its main strategy. Data collection was based on so called "meetings" between the negotiator and students in a total of seven sessions. Records of the meetings, with a focus on the development of schoolchildren face to their reaction of having been breast-fed by their mothers formed the corpus. The methodology employed in the analysis methodology for theses constructs used elements from the socio-linguistic process taken from expressive texts routinely acted upon by the children as representations of breast-feeding. Results obtained bring up new questionings, mainly those which emphasize the need for a review of Health Education programs in the schools on this teaching-learning level. The translation of new historical-social approaches overcoming the conventional attitudes of not anticipating knowledge as they deny the Zone of Proximal Development (ZPD) which, when properly explored, heightens the children's development. (Vygotsky, 1991).



# 1. APRESENTAÇÃO DA TRILHA EM PERCURSO\*

*Os sinos dobram quando  
ouvimos os significados de  
cada gesto, palavra e som  
emitidos por uma criança.*

\* As frases são da autora

### Abrindo o meu coração... A minha prática profissional...

Creio que minha prática profissional não se constitui somente do saber e dos conteúdos adquiridos na formação acadêmica, pois meu modo de ver, sentir e colocar-me frente à vida são frutos de um quadro interpretativo pessoal, construído através de múltiplos fatores, dentre os quais ressalto minha 'estória' pessoal. As experiências da infância ao lado de pessoas simples, do campo, moradores do sertão da Bahia, tendo meus pais e doze irmãos (seis mulheres) sempre por perto, permitiram-me definir os rumos e práticas do meu ser e fazer. Neste momento em que minhas lembranças afloram, recordo fatos e situações daquela época que pouco diferem do contexto de educação e saúde nas últimas décadas.

Para minimizar o isolamento e dificuldades daquela gente, meu pai exercia o papel de veterinário, parteiro, patrão e curador das pessoas dos arredores. Por inexistência de escola local, fui estudar em outras cidades do Estado, graduando-me em enfermagem pela UFF. Em época de férias escolares, retornava à região de origem e lá, contava as coisas da cidade grande para meus amigos de infância. Nestas idas e vindas, meu pai solicitava que eu e outra irmã acadêmica de enfermagem reuníssemos as famílias da fazenda e fizessemos palestras sobre noções de básicas de saúde e higiene não observadas naquela realidade rural. Estas palestras, realizadas na igreja, constituíam-se em felizes momentos de reencontro e fortalecimento dos laços de amizade com aquela gente, e ainda surpreendo-me com a crença e disposição para realizar trabalhos de educação em saúde com escolares. Minha filosofia me leva a afirmar: O ontem é o hoje, e o hoje, o amanhã. Durante a prática profissional como enfermeira na cidade de Rio Branco-Acre, coordenei o GALPA - Grupo de A. M. Peito Amigo e supervisionei aulas práticas em serviço de atendimento a gestantes, justificando-se assim, meu interesse pelo tema. Nas práticas educativas com mulheres seringueiras, que por força do trabalho de extração do 'leite' (látex), chamam a seringueira de árvore mãe, dela retirando o sustento de suas famílias, percebi as possibilidades e vantagens de associar o simbólico da interação vital árvore-ser humano para a compreensão do valor do seu próprio corpo na nutrição dos filhos. Tais práticas de saúde populares, inspiraram-me muitas vezes a escrever artigos em jornal local sobre o A. M.

Passei a questionar se as estratégias de educação e saúde até aqui por mim desenvolvidas criavam uma nova dimensão para mudar questões que tanto me angustiavam, como as que passo a lhes apresentar neste trabalho...



## 2. TRILHA DA PRESENTE PROPOSTA

*A criança que fui  
chora na estrada.  
Deixe-a ali para ser o  
que sou. Agora lhe  
convido para juntos  
abrirmos outras  
estradas.*

## 2.1 - INTRODUÇÃO DO TEMA-PROBLEMA

Este trabalho contém um estudo desenvolvido em Prática Assistencial, que gerou elementos para a elaboração desta dissertação, como atividade final do Curso de Mestrado em Assistência de Enfermagem, logo, procura responder a uma importante estratégia do referido curso que permite a articulação entre educação pós-graduada neste nível (Mestrado) e a Prática Assistencial em diferentes serviços, onde pode atuar o profissional de Enfermagem. No caso deste trabalho, a estratégia se fez possível incluindo a ligação entre as disciplinas curriculares obrigatórias, Prática Assistencial de Enfermagem, Educação e Assistência de Enfermagem e Aspectos Éticos da Assistência de Enfermagem.

Permitindo-me a desenvolver uma Prática Assistencial que pode servir a programa de saúde escolar possibilitando-me a explorar o tema Aleitamento Materno\*, com o qual eu já tinha alguma familiaridade e enorme disposição em avançar, sob o ponto de vista da construção de um conhecimento que, além de fortalecer as posições teóricas acessíveis, polemizassem e por sucessivas aproximações com as crianças, seus familiares e professores, tal construção mobilizasse conceitos tradicionalmente reconhecidos como estáveis.

Na qualidade de aluna do citado curso, pude vivenciar esta modalidade de articulação interdisciplinar através de uma Prática Assistencial, realizada não com adultos, mas com escolares de ambos os sexos, cuja idade variou entre nove e onze anos, em escolas de ensino fundamental, permitindo-me acrescentar outras indagações a um tema desta natureza.

A escolha do tema, além de uma forte ligação com a minha trajetória pessoal e profissional, já explicitada anteriormente, teve como um de seus pressupostos a crença de que a melhoria de vida e saúde, em particular das mulheres e das crianças, tem uma estreita relação com o conhecimento que vem sendo construído através dos tempos.

---

\* No desenvolver deste texto, toda a referência a A.M. será lida como Aleitamento Materno

Assim, o aleitamento materno vem convencionalmente fazendo parte nos Programas de Saúde da aprendizagem de adultos (mulheres e casais) e quase sempre a exploração deste assunto no cuidado se dá circunscritamente em programas de pré-natal ou até mesmo tardiamente no pós-parto ou puerpério.

Neste sentido, busquei apoio teórico conceitual em concepções que sustentassem a antecipação desta aprendizagem inserindo-a no contexto de desenvolvimento intelectual das crianças e conquistassem a receptividade das famílias, que esses grupos viessem não apenas a compreender, mas também e, principalmente, viessem a participar da mudança proposta nesta experiência, construindo o conhecimento de modo coletivo. Nesta caminhada, apoiei-me em publicações sobre a obra de Lev Semyonovich Vygotsky, psicólogo russo, que possibilitou-me avançar no tema, quando explicita a tese de que a análise do desenvolvimento da criança, não deve deter-se naquilo que já amadureceu, mas ir além para captar o que está em processo de transformação.

Busquei então situar-me ao eleger o conceito de **Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP)** ou seja: chamamos ZDP a *“distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.”* (Vygotsky, 1991, p.97). De modo sumário, apropriei-me deste conceito, pois está radicado no interior de uma análise das relações entre o que eu pretendia com o A.M. enquanto tema da construção do conhecimento de crianças e seu desenvolvimento intelectual na idade escolar.

Quando desenvolvi a Prática Assistencial que agora dá lugar a esta dissertação, baseei-me no caráter essencialmente humanizador da imitação. Esta permitiu à criança desempenhar os papéis que lhe foram propostos pela Prática Assistencial: de entrevistador de sua família, narrador de historietas<sup>\*\*</sup> e preparador de roteiros e apresentações teatrais na escola, como formas de re-visitar seus próprios dados socio-culturais sobre A.M., como operações estimuladoras de sua criatividade e imaginação. Na verdade, na Prática

---

<sup>\*\*</sup> Segundo FERREIRA é uma história pequena, curta. Esclareço que este termo tem duas acepções; narração sem importância e anedota. Neste texto este termo não em esta concepção.

Assistencial ensaiei a possibilidade de deixar ver como as crianças respondiam a uma experiência de desenvolvimento do tema A.M. na dimensão educativo-prospectiva.

Nesse sentido, a abordagem lúdica, o brinquedo, também criam e fortalecem a zona de desenvolvimento proximal na criança. Vygotsky tinha em mente os vários tipos de brincadeiras em que as crianças imitam os adultos e dava grande valor às imitações ou a assumir papéis tanto para o desenvolvimento cognitivo quanto para o emocional (Der Veer, & Valsiner, 1996). Assim, foi efetivo o trabalho de Prática Assistencial nessa dimensão prospectiva do ensino-aprendizagem do A.M., focalizado como tema de importância social também entre crianças. Esta abordagem na Prática Assistencial movimentou-me no sentido da busca de novas formas de desenvolver Assistência de Enfermagem, em especial, com escolares no ensino fundamental. À primeira vista, este tema, A.M., parece esgotado, entretanto se analisarmos as altas taxas de morbi-mortalidade infantil percebemos que o direito das mães de amamentar os filhos e o direito dos filhos de serem amamentados, têm sido violados, quiçá até pela tardia e não-participativa forma de inserção desse tema (A.M.) na vida das pessoas e dos grupos humanos.

Quando a Prática Assistencial a que me refiro foi realizada, ela objetivou desenvolver uma proposta educacional centrada na dimensão educativo-prospectiva do tema A.M. entre crianças escolares, socializando informações, construindo e problematizando com os escolares elementos das situações revisitadas de suas histórias, e todo esse processo serviu como alicerce para a construção da estrutura frente ao processo pedagógico desta presente dissertação.

Ver, na prática de saúde escolar, como as crianças re-inventaram o tratamento do tema A.M. acena para uma ampla e oportuna discussão da prática educativa da enfermeira na dimensão prospectiva de temas sociais onde a saúde se assenta. A partir daí, lendo e discutindo a realidade dessa experiência já vivenciada, recortei uma pergunta que me direcionou para a intencionalidade argumentativa da presente dissertação: *Em saúde escolar, como as crianças apropriam-se do conhecimento sobre A.M.?*

À ótica de futuridade, vale olhar esta questão dissertativa no caminho de uma participação em saúde escolar, apoiada em Vygotsky (1991, p. 97) que afirma: “o ensino deve orientar-se não ao ontem, mas, ao amanhã do desenvolvimento infantil, pois só assim poderá estimular os processos que se acham na zona de desenvolvimento proximal.” A

partir desse olhar de revisão da Prática Assistencial vivenciada situo-me nesse atual trabalho de dissertação propondo-me a:

**- Analisar elementos sócio-linguísticos representativos da construção do conhecimento sobre A.M. de textos expressivos, roteirizados e interpretados por crianças escolares; e**

**- Reconhecer a viabilidade da inserção do tema social A.M. em Programas de Saúde na escola, considerando a dimensão prospectiva da construção deste conhecimento entre crianças escolares.**



### 3. TRILHA TEÓRICA

*A criança não só  
escuta a si mesma  
como também, as  
vozes de seu coração.*

### **3.1 - Revisão de literatura**

Para fundamentar teoricamente minha busca, senti necessidade de ampliar o olhar sobre o processo do desenvolvimento intelectual e aprendizagem proposto por Vygotsky, o qual me facultará andar de forma segura e prazerosa, bem como, o estudo de temas traduzindo o que se escreve e pensa no universo da amamentação infantil.

*Embora essa revisão de literatura, no que diz respeito a obra de Vygotsky, não se valha de fontes primárias, impossibilidade de domínio da língua falada na Rússia é para mim um limite, felizmente, recorri a fontes fidedignas de suas traduções em livros reconhecidos no Brasil e mais ainda, assessoriei-me em grupos específicos de estudos Vygotskyanos na área de educação em nosso meio, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)*

#### **3.1.1 - Abordagem do desenvolvimento infantil na teoria histórico cultural da educação**

##### **3.1.1.1 - Concepções da teoria de Lev Vygotsky**

No intuito de aliar a perspectiva entre o ensino do A.M. e a aprendizagem, recorri a alguns pressupostos de Lev Semnovich Vygotsky, filósofo e semiólogo nascido na pequena cidade de Orsha, localizada na Bielo-Rússia, em 17 de novembro de 1896 e falecido de tuberculose em 11 de junho de 1934, que contribuiu de forma decisiva para o estudo dos processos de natureza psicológica relacionados à educação. Suas expectativas teóricas, posteriormente comprovadas na prática, alicerçaram a fundamentação da Prática Assistencial, da qual obtive os dados para este projeto. Dentre os fundamentos, destaco o pressuposto de que o ensino deve mover-se à frente do desenvolvimento para provocar o avanço das funções mentais superiores.

Rego (1998) afirma que uma das principais características da obra de Vygotsky é a riqueza de diversidade dos temas que abordou. Ele estudou a crise da Psicologia, as diferenças entre o psiquismo animal e humano, a gênese social das funções psicológicas superiores, as relações entre pensamento e linguagem, a questão da mediação simbólica, os

processos de aprendizagem que ocorrem na escola e fora desta, o problema das deficiências físicas e mentais, o papel das diferentes culturas no desenvolvimento das funções superiores, a questão do brinquedo, a evolução da escrita e a psicologia da arte. Esta variedade era coerente ao articular estudos que integram os processos mentais: neurológico, psicológico, lingüístico e cultural dos seres humanos.

Para esta grande atividade contou com a participação de talentosos pesquisadores, dentre os quais destacamos: Aleksander Romanovich Luria (1902-1977), Aleksei Nikolaevich Leontiev (1903-1979), e outros que deram continuidade aos seus estudos.

Sua obra foi silenciada durante o regime Stalinista e seus livros somente chegaram ao Ocidente em meados dos anos 60; no Brasil, segundo Lopes (1996) na década de 70, trazida por estudiosos no exterior.

Seu trabalho destacou-se pela perspectiva histórico-cultural ou sócio-cultural que valoriza o elemento sócio-cultural sobre o biológico-natural (fisiológico), pois, para ele, as fontes de desenvolvimento psicológico não estão no indivíduo, mas na comunicação e nas relações sociais que se estabelecem entre as pessoas. Assim, o desenvolvimento é determinado pela evolução cultural da sociedade ao longo de sua trajetória, centrada na composição dialética da história pessoal, a história da humanidade.

*A leitura de Vygotsky trouxe a reflexão sobre outra possibilidade que utilizei na Prática Assistencial como base de dados a esta dissertação, sobretudo ao presumir que o desenvolvimento psicológico poderia se dar pela comunicação e relações sociais, baseadas na valorização de elementos construídos sócio-culturalmente.*

### *3.1.1.2 – O ensino e o desenvolvimento cognitivo na idade escolar*

Nos últimos anos de vida, Vygotsky, volta-se para o estudo do ensino na escola, dedicando-se atentamente ao entendimento da relação entre aprendizagem na escola e desenvolvimento cognitivo. Assim, contrapõe as idéias de três grupos, representados por Piaget, Thorndike e Koffka. O primeiro grupo representado por Piaget afirmava que a aprendizagem escolar deve seguir o desenvolvimento. As funções psicológicas das crianças devem ter um nível de amadurecimento para que o processo de aprendizagem possa começar e desenvolver-se de forma natural de acordo com a maturação das funções

cerebrais. Além desta visão organicista, os pesquisadores deste grupo criaram as pesquisas pedológicas com a utilização de testes mentais, para avaliar o nível de integridade da criança sob os aspectos biológico, antropológico e psicológico (Der Veer & Valsiner, 1996).

O segundo grupo, representado por Thorndike, afirmava que: o desenvolvimento cognitivo não se baseia no amadurecimento, sendo a aprendizagem a principal força que o promove. Assim, a composição desta relação defende que o desenvolvimento cognitivo é considerado como sombra da aprendizagem. Para Vygotsky, Thorndike afirma que, aprendizagem e desenvolvimento acontecem de forma paralela.

O terceiro grupo, representado por Koffka, tenta conciliar os dois pontos de vista contraditórios pois afirma que ambos estão parcialmente certos. Para ele, o desenvolvimento da criança se apoia, em parte, nos processos do amadurecimento e na aprendizagem.

Para Vygotsky (1988) os três pontos de vista eram contraditórios e, para entender a complexa relação entre aprendizagem e desenvolvimento, lidou com os processos de alfabetização de escolares e percebeu que a capacidade da criança em escrever com consciência ou representar os objetos, não é, de forma alguma, ensinada pelo professor. Assim, o desenvolvimento cognitivo não é, nem diretamente paralelo nem é a sombra do processo educacional. Com esta visão, segundo Der Veer & Valsiner (1996, p. 358), anunciou sua hipótese principal: “O ensino só é efetivo quando aponta para o caminho do desenvolvimento.”

Segundo Vygotsky (apud Rego, 1998), o processo de aprendizagem e desenvolvimento pressupõe uma natureza social e específica, através da qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que estão à sua volta. Assim, o desenvolvimento pleno do homem está relacionado à aprendizagem cultural de seu meio a partir das vivências com outros homens.

*Destaquei para o trabalho assistencial que realizei, a crença neste pensar vygotskyano de que a aprendizagem, vista sob este prisma, nos leva a perceber e reconhecer que a família é e será o primeiro centro de formação da aprendizagem da criança, somando-se depois a escola. Assim, procurei estimular a proximidade do convívio*

*da criança em buscas histórico-sociais no interior de sua própria família e valorizei o desenvolvimento daí originado.*

*Foi acreditando que uma abordagem sócio-cultural ligada à educação em saúde com escolares e familiares permitia a criação de um espaço para compreensão das questões ligadas à prática do A.M. que fiz esta incursão como mediadora na escola.*

*Pretendo estar sensível aos dados obtidos nesta abordagem com escolares para discuti-los e então reconhecer que a aprendizagem precoce é possível quando nos libertamos das amarras do ensino tradicional e percebemos que a criança estimulada forma novos conceitos que a conduzem para a construção do conhecimento.*

*Esta leitura tem propriedade na voz dos dados obtidos da prática, ao olhar a produção e o processo de desenvolvimento das crianças que se envolveram na prática educativa desenvolvida. A argumentação em favor da dimensão prospectiva e o valor da natureza social (familiar) do desenvolvimento intelectual do escolar, advém dessa suposição teórica que a literatura reafirma.*

### *3.1.1.3 – Interação aprendizado-desenvolvimento: Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP)*

A geração de saberes socialmente constituídos, apoia-se nas funções interpessoais e interações recíprocas de um sujeito ativo com outro sujeito ativo, facilitando uma educação promotora do desenvolvimento cognitivo em todas as fases da vida humana (Isaia, 1996).

Desta forma, a perspectiva dialética à sua compreensão só poderá ser entendida na íntegra, se levarmos em conta a noção de ZDP, preconizada por Vygotsky (1991). O ponto de partida para a compreensão deste processo é o entendimento de que: o processo de desenvolvimento não coincide com o processo de aprendizagem, ou seja, ele vai sendo conduzido de forma lenta em comparação à aprendizagem; assim, a aprendizagem das crianças está relacionada diretamente com seu processo de desenvolvimento, embora nunca de maneira paralela.

Segundo Der Veer & Valsiner (1996), em 23 de Dezembro de 1933, Vygotsky contrapõe a idéia de que a investigação do desenvolvimento cognitivo da criança está

relacionada com sua capacidade de realizar uma tarefa sozinha e sem ajuda de ninguém. O destaque desta afirmativa, surge quando ele diz que crianças com a mesma idade mental são capazes de resolver problemas de diferentes idades mentais. O que faz a diferença entre as crianças é sua vivência social, agindo como força propulsora da transformação do homem biológico em ser humano. Segundo Vygotsky (1991, p. 97), a evolução intelectual é caracterizada por saltos qualitativos de um nível de conhecimento para outro e, para explicar esse processo, ele desenvolveu o conceito de zona de desenvolvimento proximal (ZDP) que definiu como: “A distância entre o nível de desenvolvimento real que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes”. A estes companheiros mais capazes, ele denominou mediadores.

*Nesta perspectiva, a educação não fica à espera do desenvolvimento da criança, nem atua somente no que ela já domina. A escola tem que impulsionar o desenvolvimento intelectual da criança também pela consideração a seu espaço cultural.*

Assim, comungamos com a afirmativa de Dalla-Zen (1997, p. 59): “A infância é algo que deve ser pensado levando-se em consideração o espaço cultural em que a criança está inserida”.

*Esse pressuposto de que a vivência social faz diferença entre as possibilidades de manifestação do desenvolvimento cognitivo de crianças, foi respeitado na experiência da assistência e desembocou em dados que favorecem a argumentação construção de conhecimento, ao mediar o tema A.M. em Programas de Saúde nas escolas.*

#### *3.1.1.4 – O potencial da imitação, do lúdico e da brincadeira no desenvolvimento da criança*

Sabendo que a sala de aula é o espaço onde as situações de aprendizagem são mais ou menos previsíveis, acreditamos ser necessário refletir sobre o ambiente social e cultural em que se insere a criança, a família e a própria escola, pois é nesta última que fortalecem-se as interações sociais.

*A percepção que tive e quero argumentar com os dados obtidos da experiência vivida, foi que, ao trabalhar com educação e saúde, o tema A.M. com escolares, não poderemos perder de vista a necessidade de transformar a sala de aula num espaço criativo, lúdico e participatório.*

Muitos autores, inclusive Dytz (1995), falando do valor da brincadeira no desenvolvimento infantil traz os nomes de Piaget, Benjamin, Vygotsky, Leboviev & Diatkine, como estudiosos e incentivadores desta atividade. Dytz ao evocar Vygotsky, afirmou que este considerou a atividade lúdica como uma válvula de escape para a liberação do pensamento fantasioso da criança frente as pressões do mundo real, pois, ao imitar a realidade com seus sujeitos e objetos do mundo infantil, a criança melhora sua adaptação mental, social e de desenvolvimento da linguagem.

*A base de dados deste trabalho refere-se a manifestação do espaço de ludicidade atrelado à atividade de criação e imitações confundindo o fantasioso e a realidade, que levam a argumentar em defesa da possibilidade do desenvolvimento da linguagem, da adaptação mental e da atividade lúdica como ponte à construção do conhecimento.*

Oliveira (1994), citando Vygotsky, afirma que o brincar oferece às crianças um suporte mental que lhes permite agir e pensar de diferentes maneiras e que a natureza do brincar é simbólica e de vital importância para o desenvolvimento cognitivo da criança. Quando a criança brinca com outras, seu potencial é aguçado passando a agir em níveis mais avançados do que se ela brincasse sozinha. Estas situações imaginárias a impulsionam para a zona de desenvolvimento proximal. Ainda citando Oliveira (1994), as crianças brincam sempre acima de sua idade média, acima de seu comportamento diário; é como se ao brincar a criança fosse “uma cabeça” mais alta que ela mesma.” Assim, as crianças vão atingindo outros estágios mais elevados de seu desenvolvimento cognitivo. Portanto, o que a criança escreve, pensa e representa revela-se no seu jeito de ser, de conviver e de sobreviver.

*É aproveitando essa perspectiva teórica do brincar simbólico da criança, que o adulto (neste caso, eu como enfermeira, os pais, os professores, enfim, todos os envolvidos) tem papel relevante, ajudando-a a operar a ZDP através da obtenção de caminhos para formação de sua própria identidade.*

Segundo Vygotsky (1988, p. 141), o jogo de dramatização tem um atributo que o difere dos demais jogos: “não há imitação ou mímica direta; pelo contrário: há uma construção artística deliberada, guiada por uma idéia inicial da criança”.

Para os argumentos nesta proposta dissertativa, dispomos de elementos de análises, construídos do texto artístico de autoria das crianças, os quais traduzem suas idéias iniciais a respeito do conhecimento sobre A.M. O jogo da dramatização como atributo constitui-se, então, numa das marcas essenciais na construção desse conhecimento, e me levam a defesa desse conceito Vygotskyano para responder aos Programas de Saúde que tratam sobre A.M.

## **3.2 - O Aleitamento Materno: Reflexões sobre a sua prática**

### ***3.2.1 – Contextualização histórica***

A extensão dos problemas de saúde vividos pelas populações carentes, evidencia-se através de uma série de problemas sociais, políticos e econômicos. Se oportunizássemos às crianças integrantes da massa de famílias pobres e exploradas de nações onde a cidadania não é exercida em sua plenitude, a escreverem suas próprias historietas descrevendo seu espaço no mundo, bem como sua relação com os adultos, certamente conheceríamos alguns relatos de desesperança e sofrimento que envergonhariam mesmo homens e mulheres menos sensíveis.

A citação do filósofo Søren Kierkegaard dirigida ao pintor Norueguês Eduard Munch aqui transcrita, é digna de reflexão: “minha alma está tão pesada que nenhum pensamento nunca mais a poderá elevar, nem nenhuma batida de asas a conduz ao alto para o espaço celeste. Se alguma coisa a mover de alguma forma, ela apenas raspará o chão, como um pássaro a voar baixo depois da tempestade. A opressão e ansiedade estão a meditar rancorosamente no meu ser interior, pressentindo um tremor de terra” (Bischoff, 1997, p.11).

Estes sentimentos de apocalipse e frustração estão impregnados na alma de pessoas sensíveis e comprometidas com a vida de nossas crianças. Se buscarmos o fio que

tece a história da assistência à saúde da criança brasileira, veremos que este é, ao mesmo tempo, antigo e atual na perpetuação de sua forma de ver, sentir e lidar com questões relevantes à sua sobrevivência.

Esta situação vem sendo vivenciada desde a época do Brasil colônia, quando colonizadores, ao tomar como modelo os hábitos, valores e medidas opressoras da metrópole, criavam situações de agravo à atenção à criança. A exemplo, os pais aplicavam-lhes castigos físicos cruéis (Costa, 1989).

Segundo Freyre (1963), no século XVI, os jesuítas com o papel de catequizar os índios no novo continente passam a disseminar junto aos nativos a cultura da resignação “Deus quis assim”, valorizando a idéia de que a morte das crianças era fato banal e corriqueiro, exacerbando a figura da criança morta, “anjinho”, cuja vida após a morte seria largamente compensada pela sua curta e trágica passagem terrestre, e sua felicidade futura assegurada no “reino dos céus”.

Segundo Teixeira (apud Freyre 1963, p. 444), em um enterro de “anjo” no Rio de Janeiro, ouviu-se a mãe relatar o seguinte: “Oh, como sou feliz!, como sou feliz!, morreu o último filho!, como sou feliz! Agora, quando eu morrer e for para o céu, não deixarei de entrar; lá estarão meus cinco filhinhos para me arrastarem para dentro agarrados às minhas saias: ‘entra, mãe!, entra!’.”

A partir do século XVII, com o surgimento da sociedade burguesa na Europa, delineiam-se as mudanças progressivas na construção de um novo modelo familiar, passando a família a ser lugar privilegiado para a afetividade entre cônjuges, pais e filhos. Agora, a criança é vista como um ser com sentimentos diferentes do adulto. Esta influência, faz-se sentir nas produções culturais e artísticas da época.

Os filhos legítimos das senhoras, poupadas do trabalho da maternagem, eram amamentados pelas amas-de-leite, mulheres escravas dispensadas de outros trabalhos, a quem permitiam-se amamentar seus próprios filhos, embora os da senhora tivessem prioridade. Vem desta época o termo “irmão de leite.”

Embora este tempo já se faça passado, estamos enfrentando outros desafios para a prática do A.M. Na atualidade, a Síndrome da Imuno Deficiência Adquirida (AIDS) cria novas implicações para a saúde das mulheres e crianças, comprometendo a prática da

amamentação “cruzada” usada em determinadas culturas e grupos, exigindo assim um novo olhar no trato desta questão.

*Assumir o compromisso de uma prática em educação e saúde, abordando o tema A.M. com as futuras gerações e a sua relação com doenças como a AIDS e a hepatite, nos permitirá sonhar e acompanhar uma legião de crianças que tragam no seu rosto a expressão do ser saudável. Este processo de construção de saber, terá que ser, desde agora, compartilhada com a sociedade, através dos escolares e destes com a sua família.*

Encontramos nos trabalhos de pintores pós-renascentistas obras com crianças cuidadas pelos próprios pais e presentes em eventos sociais. *A criança doente* (1885-86) de Edward Munch, exposto na galeria nacional de Oslo, *A menina com o regador* (1876) de Pierre-Auguste Renoir exposto na Washington National Gallery of Art, e *Doença das três raparigas da Bretanha*, (1888) de Paul Gauguin exposto na Washington National Gallery of Art, são bons exemplos desta época. Assim, a soberba “Deusa Arte” vai revelando com graça e beleza a trajetória da humanidade e suas crianças.

Segundo Flores (1995), no século XVIII, existia na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro a roda dos expostos, onde as mães negras abandonavam os filhos, apoiando-os num cilindro oco com abertura no muro. Oculto pelas sombras da noite, alguém colocava o recém-nascido na roda, girava-a até a abertura alinhar-se com o interior do muro, tocava uma sineta e fugia para não ser reconhecido. As crianças ali ficavam até os 7 ou 8 anos, sendo depois encaminhadas para outros locais. Sob tais circunstâncias eram privadas do direito de sugar o peito das mães.

No Brasil, segundo Araujo (1996) o movimento higienista alia-se ao Estado passando a intervir com amplos poderes na vida dos cidadãos impondo-lhes novas práticas sociais que alteram sobremaneira o viver das famílias. Neste período, desencadeia-se intensa campanha de valorização ao aleitamento materno e combate à amamentação mercenária convocando as mães a assumir a função de cuidadora dos filhos.

A industrialização tardia da economia brasileira a partir da segunda guerra mundial e as conseqüentes mudanças nas relações capitalistas de produção, geração e distribuição da renda, a partir de um modelo até então eminentemente rural, provocam a rápida urbanização da população, produzindo um desenvolvimento desigual que atinge principalmente as camadas mais vulneráveis e crianças por excelência. Tal realidade tem

provocado inquietações e perplexidade ao longo das últimas décadas e na atualidade, a despeito de diversos planos governamentais, as questões de educação e saúde continuam permeadas de indefinições e injustiças.

*Diante deste breve histórico sobre as questões de saúde das crianças, percebo que muitos destes aspectos estão intimamente relacionados com a qualidade de vida das nossas crianças e na capacidade de negociação entre famílias e profissionais de saúde, notadamente na ação da enfermeira, ao incentivar o A.M. junto a crianças escolares.*

*Este trabalho tem como fio condutor a abordagem sócio-histórico-cultural, focando o A.M. concebido como algo internalizado e organizado no saber de mães e filhos durante suas vivências. Ao trazer o tema para sala de aula percebo que a linguagem e o pensamento criativo destas crianças são manifestados e compartilhados com outras pessoas. Portanto, a relação da criança com a mediação da linguagem, os signos e seu próprio desejo de se envolver no tema A.M. me motivam a continuar este trabalho visando a criança saudável.*

### **3.2.2 – A relação do aleitamento materno com a qualidade de vida das crianças**

Minayo (1995) alerta para fatos no cotidiano da sociedade brasileira, tais como: a) evidência do crescimento de mortalidade por violência, tanto no campo como nas grandes metrópoles urbanas, produzindo contradições e agravos nas relações sociais; b) o aumento de casos de doenças degenerativas, vasculares, AIDS e outros, que exigem melhor adequação dos programas sanitários; c) recrudescimento e dificuldades de combate a doenças epidêmicas; d) aumento da legião de desempregados; e e) desigualdade social com interferência na estrutura familiar e social.

As políticas de saúde e de educação em saúde do país, tem sido historicamente caracterizadas por deficiências gerenciais e/ou de recursos financeiros, que acentuam a tendência à desigualdade, ao acesso e qualidade dos serviços, devido à forma descontínua, desarticulada e sem efetiva participação da comunidade, quando de sua implementação.

Embora o Brasil caracterize-se por amplas diferenças regionais, temos registrado, em especial nos últimos 10 anos, melhoria da qualidade de vida de alguns segmentos da população, indicados por aumento da expectativa de vida e redução da mortalidade infantil.

Estudo realizado em 1996 pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), revela que o país, do ponto de vista do desenvolvimento econômico e social divide-se em três; um semelhante à Bélgica, outro, à Bulgária e o terceiro, à Índia. Coabitam nestes três “Brasis” elevados índices de conforto e tecnologia, padrões médios de desenvolvimento e situações de subdesenvolvimento humano. O Estado de Santa Catarina, de acordo com o estudo, encontra-se na 4ª melhor posição entre os estados brasileiros em Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), que mede a qualidade de vida e progresso humano em escala mundial.

O relatório da situação mundial da criança, FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA - UNICEF (1998), traz afirmações como: “a desnutrição é um dos fatores responsáveis por mais da metade dos 12 milhões de mortes anuais de menores de 5 anos nos países em desenvolvimento”, salientando que o sacrifício e desperdício humanos ocorrem devido a doenças que, em grande parte, poderiam ser evitadas se o aleitamento materno não fosse interrompido precocemente, se as necessidades nutricionais da criança fossem suficientemente atendidas e preconceitos profundamente arraigados não aprisionassem mulheres e crianças na ignorância e pobreza.

Bittencourt (1995, p.287), afirma que “os profissionais não detectam a desnutrição como uma doença dos muitos brasileiros que chegam ao serviço de saúde, mas sim, como característica inerente ao ambiente, como se fosse muito usual. Deste modo, um enorme contingente de brasileiros sofre de forma silenciosa do drama de nascer, crescer e morrer com fome”.

Dados do registro civil de 1994 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicam que das 2.472.325 crianças nascidas vivas naquele ano no Brasil, 83.177 morreram com menos de 1 ano de idade, e 15.413 morreram entre 1 a 5 anos de idade.

Para a redução desses números, várias medidas de combate à desnutrição e desenvolvimento da criança estão sendo fomentadas. Entre elas, o incentivo ao A.M. pelo seu alto poder de proteção imunológica, nutricional e emocional, principalmente no primeiro ano de vida da criança.

Reconhecemos que as crianças adoecem e morrem, em grande parte porque as mães desconhecem ou são induzidas a desvalorizar o leite materno, substituindo-o pelo

leite artificial, insuficiente para as necessidades e inadequado ao desenvolvimento da criança. Muitas que sobrevivem a esta realidade, entram num círculo vicioso de má nutrição e doença, provocando conseqüências físicas e intelectuais que as limitam pelo resto da vida.

Evidenciar a importância de a criança ser amamentada no peito, às vezes, nos parece desnecessário, uma vez que o leite materno é, e será a primeira providência nutricional de que a mãe dispõe para oferecer ao seu bebê. No entanto, este simples e milenar ato social e cultural, tem sofrido variações no decorrer dos tempos. Ao afirmar que “o desejo de amamentar não acompanha todas as mulheres requer ser ensinado e aprendido”, Dias (1996, p. 01) evidencia as muitas interferências que alteram o querer e poder amamentar.

Segundo Vinha (apud Araújo, 1997, p.15), “em todas as épocas existiram mulheres que não puderam ou não quiseram amamentar. A prática do aleitamento, por ser um ato social, esteve sujeita a alterações ligadas a circunstâncias históricas”. Vários estudos analisando a associação entre a amamentação e queda da morbi-mortalidade infantil, demonstram a inequívoca importância do leite materno sob o ponto de vista ético e de direito à vida, daí a necessidade de sua prática. Além disso, a privação, a dificuldade em dar o peito e o desmame precoce, têm estreita relação com a quebra da ordem da natureza feminina.

Segundo Alves (1982, p.26), “a ordem sempre fascinou os homens”. Esta ordem, quando ditada pela natureza e por nós preservada não permite o surgimento de doenças, sendo o A.M. um bom exemplo, pois, sua privação desorganiza a natureza ecológica da mulher, da criança e por extensão, dos seres humanos.

No Brasil, foi criado em 1981 o Programa Nacional de Incentivo ao A.M. (PNIA.M.), coordenado pelo Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN-BRASIL), passando a fazer parte do movimento mundial para resgatar a tradição de alimentar os bebês exclusivamente ao seio até os seis meses de idade. Foram criados vários comitês, compostos de sub-programas para agregar ações semelhantes. Entre eles, o da Educação com o propósito de transmitir informações corretas sobre a importância do A.M. mediante a inclusão do tema em currículos do pré-escolar, 1º, 2º e 3º graus, organização de concursos de redação, cartazes e monografias.

O Encontro Mundial de Cúpula pela Criança realizado em setembro de 1990, definiu metas e compromissos a serem atingidas até o ano 2000, pelos governos dos países em desenvolvimento para melhorar e poupar a vida da criança. Entre eles: a) redução de 1/3 nas taxas de mortalidade de crianças menores de 5 anos; b) redução de 50% das taxas de desnutrição grave e moderada entre crianças menores de 5 anos no mundo todo; e c) conscientização de todas as famílias, com relação à importância de apoiar as mulheres no A.M. exclusivo, nos primeiros 4 a 6 meses de vida do bebê.

A convenção reconhece as dificuldades dos governos para cumprir este postulado, entretanto, afirma que vontade política associada a atitudes éticas dos governos são os elementos básicos para cumpri-lo, ao que acrescentamos a conscientização das mulheres quanto a sua liderança participativa na construção de um mundo mais saudável.

Em 1991, o UNICEF e a Organização Mundial da Saúde (OMS), criam a Iniciativa Hospital Amigo da Criança com o objetivo de apoiar, promover e proteger o A.M. através de incentivos às mudanças de rotinas e procedimentos em hospitais com atendimento à maternidade exigindo que estas treinem suas equipes e busquem cumprir os 10 passos para o aleitamento bem sucedido. O passo de número 3 preconiza: “informar todas as gestantes sobre os benefícios e procedimentos do A.M.” Tal formulação cria excelente oportunidade para reforçar a orientação às mulheres durante o pré-natal; entretanto, para maior eficácia das ações propostas, o tema pode e deve ser abordado de forma antecipatória com escolares de ambos os sexos, em um contexto sócio-cultural nas escolas primárias e secundárias.

Atividades educativas de pesquisa e extensão desenvolvidos por algumas Universidades vivenciam e enriquecem o tema A.M. ao associar teorização e prática. O mesmo ocorre com organismos internacionais como a Aliança Mundial para Ação (WABA) em A.M.; e a Rede Internacional em Defesa do Direito de Amamentar (IBFAN), ao concentrarem esforços na promoção do A.M. junto à população através da realização e apoio a eventos de caráter educativo-social.

As Igrejas, em particular a Católica através da Pastoral da Criança, têm contribuído na redução da mortalidade infantil, utilizando o trabalho de voluntários locais que, após receberem treinamento, orientam as mães sobre cuidados com a criança. Tais ações simples e de baixo custo, ao contrário do pensamento tradicional de alguns técnicos

que insistem em assumir atitudes alienadas das questões sócio-culturais da população, têm alcançado resultados importantes para a melhoria de vida das famílias mais carentes. O mesmo ocorre com a participação dos meios de comunicação na divulgação de campanhas de orientação sobre o A.M. em todo o país e a adesão criativa de artistas de teatro, circo e televisão.

Ao analisarmos o conteúdo das campanhas de promoção do A.M., concordamos com Silva (1997) ao afirmar:

- A ideologia preconizada coloca a mãe como responsável pela amamentação;
- A amamentação é natural, biológica e instintiva, motivada pelo amor materno;
- A abordagem deste tema é feita de forma superficial, apelativa para os sentimentos e instintos maternos, não parecendo atender ou respeitar as necessidades das mulheres.
- A mensagem é única, sem atentar para as diferenças sociais e culturais das mulheres.

*Reconheço os esforços e investimentos feitos pelas campanhas de incentivo ao A.M., entretanto é necessário admitir a fragilidade dos serviços de assistência à mulher e à criança. Assim, vislumbrei uma estratégia metodológica que aproximasse as divergências de percepção frente ao trato de uma questão tão nuclear como a do A.M. necessitando ser melhor encaminhada. Pois, o perfil da criança do próximo milênio já está sendo delineado, podendo ela trazer em seu corpo e mente, marcas dos cuidados que lhes são dispensados e seu futuro; portanto, este futuro está na mãos desses parceiros e no desejo de cada um em operar mudanças, mudando a história da prática do A.M. através de parcerias em redes de trabalho.*

### **3.2.3 – Educação e Saúde: um espaço para a promoção do aleitamento materno**

Políticas sociais podem ser definidas como um conjunto de medidas adotadas pelo Estado, cuja meta é atender às populações carentes nas questões de saúde, educação e moradia (Lima, 1997). No Brasil, contínuas desigualdades da saúde e educação têm contribuído para formar legiões de desassistidos, crescentemente penalizados pelas

insuficientes formas de gestão e vontade política, e o grande desafio que a todos se impõe é promovê-las contemplando quantidade e qualidade. Quantidade para ampliar a cobertura ao cidadão e qualidade para melhorar a eficácia das ações. Em tratando-se especificamente de saúde, destaque deve ser dado ao A.M., grande aliado na prevenção de doenças em crianças com menos de um ano de idade. Estas medidas certamente terão espaço reservado na sociedade de nosso sonhos, e dos direitos do “ser e querer ser” cidadão deste planeta.

A educação em saúde é enfocada na disciplina Ciências e Programas de Saúde, englobando questões como alimentação, saúde, doença, uso de drogas, sexualidade, trabalho, lazer, e meio ambiente, entre outras. Esta disciplina, propõe que conteúdos relativos ao solo, ao ar, à água, ao homem, aos animais, às plantas, ao meio ambiente e à matéria, sejam trabalhados em conexão uns com os outros, em nível de profundidade, enfocando aspectos biológicos, físico-químicos, sociológicos, culturais e tecnológicos.

Porém, o que se observa é que a educação em saúde, assim como os outros temas, é fundamentada basicamente na transmissão de conhecimentos, apresentando uma realidade distorcida, sem nenhuma conexão com a própria história do educando, sendo vista de forma abstrata, irreal e fragmentada. A disciplina é ministrada por um professor com formação pedagógica, geralmente sem formação na área da saúde.

Acredito não haver discordância sobre a necessidade e urgência de se repensar as metodologias de ensino dos projetos de educação e saúde, pois, de modo geral, estamos presos aos ditames do ensino tradicional, pouco fomentador de ações participativas e criativas de conhecimentos geradores de mudanças. Entretanto, novos espaços políticos e técnicos de suporte à construção de novos saberes estão surgindo.

No final da década de 70 e meados da década de 80, a OMS definiu novas diretrizes em educação para a saúde, alertando sobre a importância dos fatores de risco e sua relação com as questões sociais (Alma-Ata, 1978; Carta de Ottawa, 1986). Em resumo, propõe o abandono do modelo de saúde pública clássica (biologicista), substituindo-o pelo ecológico (Pino, 1998). Esta autora, estudando as diferenças entre os modelos citados, indica as seguintes ações para o profissional de educação em saúde:

A saúde deve ser vista como bem social, comunitário e participativo e não apenas como responsabilidade individual;

A saúde deve prevenir as enfermidades afastando-se do modelo da cura de doenças;

*O ensino da educação em saúde deve ser permeado de receios, clarões e arcos-iris, risos e lágrimas, para colocar a educação no seio do porvir do homem.*

*Nesta perspectiva, tornam-se indispensável práticas que incluam a saúde escolar como elemento promotor do desenvolvimento sustentável global do ser humano.*

As estratégias metodológicas para expandir a prática do A.M. como um caminho do ser saudável e a sinalização para reduzir o desmame precoce, devem possibilitar o exercício da cidadania. Então, se a informação possibilita a cidadania, o direito de ser informado não exclui, mas fortalece o respeito às diferenças individuais entre as mulheres quanto ao seu próprio querer e poder amamentar, como uma decisão consciente (Araújo, 1997).

*Assim sendo, o despertar para a aprendizagem da prática do aleitamento materno, precisa ser exercido o mais precocemente possível para a promoção da saúde, de futuras gerações saudáveis.*

### **3.2.4. – A enfermeira no grande palco da prevenção**

Segundo Lima (1997), o enfoque sobre a educação em saúde tem sofrido modificações, gerando implicações para a prática da enfermagem ao longo da sua atuação junto aos indivíduos. As formas de promover a educação em saúde em nosso País vêm sendo mescladas com várias abordagens. A mais tradicional, caracteriza-se por ações preventivas tendo como meta educar o povo e mudar o comportamento para promover a saúde. Outra refere-se à responsabilidade imputada aos profissionais de saúde de informar corretamente ao cidadão princípios de saúde. Lima (1997) cita que, somente na década de 70, alguns educadores de tendência progressista iniciam um movimento em que afirmam que a saúde é o resultado das condições de vida e trabalho do indivíduo. Inicia-se assim, uma nova abordagem trazendo como parceiros grupos sociais dentro de um contexto sócio-histórico.

Com essa visão, Valla & Stotz (1994, p.13) afirmam que “a educação em saúde é um campo de conhecimento que pode facultar à sociedade uma melhor compreensão sobre as relações entre condições de vida e trabalho, e saúde e doença do ponto de vista da ação social, apontam meios para pressionar os governos a aplicar recursos públicos de acordo com as necessidades da população.” Afirmam ainda que a discussão sobre educação em saúde tem uma dimensão sócio-histórica e desta forma, seu entendimento precisa ser revisto porque está em constante interação com o seu processo de saúde.

Com base nos autores citados anteriormente, a cidadania é conquistada através da luta da população de assalariados pela saúde de qualidade ampliando os seus direitos sociais e reduzindo as diferenças sociais entre a população. Ao tratarmos a questão do direito de cidadania, certamente frases que estamos acostumados a ouvir nas campanhas de promoção à saúde, em especial as sobre A.M. como “Aleitamento Materno é saúde, e só depende de você”, não teriam espaço neste cenário de busca pelo respeito ao outro.

Inscriver o papel da enfermeira como educador neste contexto é tarefa delicada, principalmente quando falamos do papel do “outro”. Nas palavras, do poema *MULETAS*, de Bertold Brecht, encontramos sentimento e beleza assemelhados às ações do cuidado desenvolvido pelo(a) enfermeiro(a).

*Há sete anos, eu não dava nenhum passo.*

*Quando a um bom médico fui consultar,  
ele indagou: - Para que essas muletas?*

*E eu disse: - Não posso andar.*

*Ele disse: - Com esses dois trambolhos  
a atrapalhá-lo, não é de se estranhar.*

*Pois ande, caia, rasteje, engatinhe,  
tenha a bondade de experimentar!*

*A rir feito um desalmado,  
minhas belas muletas apanhou;  
quebrou-as nas minhas costas  
e, rindo, ao fogo as lançou.*

*Fiquei bom: hoje eu ando.*

*Curou-me aquela risada sonora...*

*Só mesmo às vezes, quando vejo um pedaço de pau,  
passo um pouco pior algumas horas.*

*(Varani, 1998)*

*O papel de promotor e educador em saúde desenvolvido pela enfermeira, terá que ter a tolerância, a sabedoria e a virtude de conviver com a diferença dos homens porque estes são desafiados constantemente pela realidade, devendo responder a esta de maneira original.*

As novas descobertas para a promoção do A.M. junto aos escolares somente podem ocorrer quando a enfermeira incorpora o conhecimento como ação do SER sobre a realidade, voltada para as transformações nos níveis individual e coletivo.

Profissionais de Enfermagem vêm desenvolvendo em Instituições de Saúde e Educação práticas educativas de saúde da mulher e da criança. Muitos interlocutores consideram “precoces” práticas de A.M. com escolares, preferindo discuti-lo em programas de pré-natal exclusivamente com a gestante, geralmente tensa e insegura. Todavia, percebo a possibilidade de antecipar o tema, não apenas como curiosidade científica, mas como oportunidade de aumentar o registro cultural dos valores de formação da criança ao permitir que suas vivências individuais e familiares sejam incluídas e respeitadas conjuntamente como saber vivido e construído de forma ética e democrática e não apenas como “realidade dada”.

*Portanto, a Prática Assistencial inserida na saúde escolar consubstancia a promoção da saúde num contexto que possibilita sua inclusão estratégica nas atividades da escola.*

*Assim, os argumentos deste trabalho estão baseados na aprendizagem e na experiência de um trabalho que tem a crença de que o A.M. possui significados diferentes entre as várias culturas, sendo um ato social que se apresenta em épocas e costumes diferentes. Aliada à crença de que é possível como enfermeira fazer uma ação mediadora entre os escolares, a fim de motivar a aprendizagem do A.M. de forma antecipada num contexto sócio-histórico cultural, de forma prazerosa, criativa e compartilhada. Acredito que assim procedendo, poderemos transformar os rumos da educação em saúde da qual somos responsáveis.*

### **3.3 - Desenhando um marco conceitual**

O marco conceitual aqui apresentado constitui-se da adaptação de alguns conceitos da teoria histórico-cultural (ou sócio-histórica), também conhecida como sócio-interacionista, de Vygotsky, em especial o conceito de ZDP, aliado a alguns pressupostos pessoais manifestos para o embasamento deste trabalho.

#### ***3.3.1 - Pressupostos***

\* As modalidades de ações de promoção e de proteção ao A.M. não vêm atingindo os escolares de forma sistemática e contínua;

\* Construir o conhecimento sobre A.M. pode despertar nos alunos a consciência de cidadania, e parte do pré-compromisso com a futuridade e o ser saudável;

\* A arte de contar histórias é um recurso antigo como parte do lúdico da humanidade e mostra-se apropriada à abordagem do A.M. entre crianças escolares;

\* O direito de mães escolherem como alimentar seus bebês, precisa ser assegurado, mas à esta escolha precede o direito de ser informada e o acesso a esse saber;

\* A antecipação da aprendizagem do A.M. por crianças escolares, utilizando o incentivo à ZDP, contribui para o desenvolvimento cognitivo da criança e favorece a sua participação em tema de tamanha contextualização social;

\* O fator cultural é o mais importante para preservar a qualidade e a consciência histórico-social do A.M.;

\* O lúdico vivenciado pela criança inclui a criatividade e o prazer da descoberta, reforça-os e possibilita o mais precoce desenvolvimento intelectual da criança, inclusive na construção do conhecimento sobre A.M.

#### ***3.3.2 - Interrelações conceituais necessárias***

Os conceitos, a despeito da revisão de literatura, estão sendo interrelacionados obtendo uma composição em marco, significando uma oportunidade às discussões emergentes de uma prática teorizada. Para tanto, considere as veredas de minhas crenças (meus pressupostos), ao lado de caminhos por mim trilhados em leituras e práticas

profissionais, e, simultaneamente, fui tecendo a composição de referência às teorizações decorrentes do processo desenvolvido em Prática Assistencial pontuada na temática de A.M. colocada precocemente entre escolares.

**Habilidades sócio-histórico-culturais** - Na verdade, a criança vai paulatinamente modelando sua cultura primitiva, passando aos poucos a dominar algumas habilidades culturais com esmero e de forma a lhe permitir ser, estar e se expressar no mundo. Por coerência, escolhemos olhar a cultura conforme Vygotsky (1991). Este conceito vai além, ao afirmar que se desejamos conhecer as habilidades culturais de uma criança, temos que retroceder aos seus primórdios e descrever os caminhos percorridos por sua mente. Ao entrar na escola, a criança já traz algumas habilidades culturais, assimiladas no convívio com os problemas e oportunidades de aprendizagem do seu meio. Portanto, não é uma página em branco e leva-nos a crer que as cores das tintas utilizadas têm nuances das vivências e habilidades culturais experimentadas. Tais habilidades são criadas à medida que a criança vence continua e progressivamente estágios avançados de sua própria aprendizagem. Nas vivências do cotidiano percebemos a formação e transformação das habilidades culturais da criança, e por extensão, da humanidade.

Assim, neste trabalho, quero argumentar em favor de que crianças e familiares revêem conceitos e significados sobre A.M.. Para tanto, vão deixando-se aos poucos ir desencantando o passado e estabelecendo uma relação aberta com o presente e, ainda, por extensão, como futuro. Esta relação passado-presente rompe a nostalgia da água parada (realidade) permitindo-lhes sentir a força da correnteza (desenvolvimento) e gozar as peripécias de mergulhos evolutivos de inesgotável prazer (habilidades culturais).

Vale lembrar que a cultura é construída e refere-se a essa trajetória sócio-histórica que compõe a identidade de cada um e de alguns grupos. Na questão do A.M., a sociedade tem acompanhado as transformações culturais e sociais, a exemplo da introdução do uso da mamadeira modificando uma prática natural milenar da espécie humana. Algumas regras e normas culturais, de natureza econômica ou modos culturais, trazem consigo influências desviantes do desejo e necessidade de ser, ter e agir, neste caso, o das mulheres frente ao ato da amamentação.

Os escolares e suas mães, ao invés de serem considerados “espaços vazios” - seres passivos que apenas reagem às pressões e estímulos de seu meio - ao contrário, precisam

ser vistos enquanto possuidores de patrimônio cultural que os faz ser, pensar e agir de forma diferenciada. Além disso, algumas construções de ordem técnica, frente a necessidade de novas descobertas (a exemplo de AIDS) podem, por limites de informações, trazer ambivalência ou prejuízos à dinâmica das culturas a respeito do A.M.

**Lúdico** - O mundo infantil é regido pelos princípios do brinquedo e da ludicidade, transformando-se, assim, numa linguagem, um modo de ser.

A arte de contar historietas, a imitação, a construção artística, etc; são um antigo recurso lúdico que acompanha a humanidade e proporciona satisfações, além de projetá-los para o mundo da fantasia tanto para os que representam ou narram como aos que assistem ou ouvem. Expressar fabulações de suas experiências possibilitam ao autor falar no prazer em ver outros brincarem e imitarem a vida, refazendo-a em suas múltiplas criações e formas artísticas. Além disso, a criação de textos em historietas e a expressão interpretativa em “teatrinhos” (como as crianças chamavam suas representações na escola) fazem ver a ludicidade simultânea à aprendizagem, em especial do A.M., como tema entre os escolares.

Ao inventar “historietas” a criança resgata experiências reais vividas combinando-as com o novo, abrindo assim espaço para a criatividade humana. Vygotsky (1991, p.117), ao estudar o brinquedo e sua relação com a criança afirma: “o brinquedo pode ser considerado uma atividade condutora que determina o desenvolvimento da criança criando sua zona de desenvolvimento proximal”. Portanto, o imaginário é o fio condutor entre o mundo real e o “faz de conta”.

A criação de textos e a expressão interpretativa por eles produzida, abre espaço para uma citação de Vygotsky (1988, p. 132): “... a criação de uma situação imaginária pode ser considerada como um meio para desenvolver o pensamento abstrato”. Para tanto, é necessário que o lúdico seja uma garantia de esforços para continuar sendo uma fonte de inspiração e liberdade para o potencial criador da imaginação, fantasia e alegria.

Ademais, as experiências resgatadas nas expressões de jogos e brinquedos, têm fonte na cultura e na oportunidade que o desenvolvimento social de cada criança lhes garantiu. Logo, há nexos entre essa consideração lúdica e a consideração do valor sócio-cultural nesta contido.

**Amamentação** - Ao buscar conceituar amamentação nos vem à mente várias obras de pintores clássicos e modernos que traduzem nas suas telas a beleza natural deste gesto através da aproximação de dois corpos, levando-nos a perceber os signos e significados que representam este gesto solidário e feminino.

O ato de amamentar é em si uma peculiar interação de elementos pessoais, sociais, econômicos e culturais que somente as mulheres que o praticam são capazes de traduzir de forma sábia e amorosa. Até por isso a cultura de amamentar ou não amamentar serve de referência para as futuras gerações de homens e mulheres do universo.

Jelliffe (apud Araújo, 1997, p.39) afirma: “amamentação não é exclusivamente instintiva, mas a combinação entre o aprendizado anterior e instinto inerente...”. Crianças assistindo a suas mães ou a outras mulheres amamentando no dia a dia, ou através de recursos informativos, aprendem sobre amamentação. Essa aprendizagem está intensamente inserida e registrada pelo contexto sócio-cultural vivido pelas pessoas, primeiro em famílias e secundariamente na sociedade.

Do ponto de vista de construção do conhecimento, esta é uma prática saudável e por isso mesmo necessita ser amplamente divulgada junto aos escolares e suas famílias para que a aquisição se faça cognitivamente, desafiando-os a conhecer sobre amamentação de modo reflexivo a partir da troca de informação familiar, identificando aspectos histórico-culturais que lhe dizem respeito. Deste modo, é que neste conceito se inclui o estímulo, adiantamento e construção do conhecimento e desenvolvimento de funções psicológicas em processos mentais a serem desabrochados (Dimensão Prospectiva).

Neste sentido, a atividade principal para a promoção do ser saudável é o respeito das ações e procedimentos que garantam a aprendizagem sócio-cultural do A.M., contribuindo assim, para a construção de uma infância socialmente mais plena de justiça.

**Ensino/Aprendizagem** - O ensino da teoria histórico-cultural permite ao aluno construir sua aprendizagem através de interações sociais de trocas estabelecidas com seus semelhantes (outras crianças e adultos, na família e na escola) e não somente através do seu processo de maturação orgânica. Portanto, o trabalho pedagógico está associado à intencionalidade de promover avanços no desenvolvimento do aluno, impulsionado pelo

aprendizado sócio-histórico-cultural, o que se sustenta na dinâmica dos relacionamentos humanos.

Vygotsky (1991, p. 97) afirma que “o bom ensino” é aquele que se adianta ao desenvolvimento, ou seja, dirige-se às funções psicológicas em vias de se complementar (Dimensão Prospectiva). É dado destaque ao valor da interação no aprendizado, apoiando-o na construção do conhecimento partilhado, já que através dos outros estabelece-se a relação entre sujeito e conhecimento. E além disso, a prospecção é algo que só se estabelece em suas relações com o passado e o presente na dimensão histórica, social e cultural.

Nesta prática educacional, este trabalho, como vem ficando claro, buscou desenvolver um processo de adiantamento das funções psicológicas que estão por vir (dimensão prospectiva) fazendo-se presente a intencionalidade de provocar o aluno para que este possa, em contato com seu meio sócio cultural, construir sua aprendizagem na interação com outros. As formas lúdicas, em especial a narração e interpretação de histórias, apóiam a construção desse conhecimento compartilhado entre crianças, famílias e escola. A entrevista filho(a)-mãe é um exemplo desta interrelação, parte da aprendizagem de caráter subjetivo histórico-social. O desenho da cultura aparece nas expressões, na linguagem, no gestual e até mesmo na eleição da idéia que embasa as apresentações, as manifestações, as falas e as escritas dos textos construídos e encenados pelos próprios autores (crianças escolares).

**Criança / Ser Saudável** - Vygotsky (1988) percebe o homem como um ser que pensa, raciocina, deduz e abstrai, e isto inclui pensar em alguém que sente, se emociona, deseja, imagina e se sensibiliza.

O potencial humano referido, está estreitamente relacionado com a dinâmica das interações dialéticas entre os indivíduos, e destes com o meio em que vivem. Ser e viver ou não viver saudável, é definido também, e necessariamente, pela qualidade de vida da família. Independentemente de uma imagem mais biofísica, o conceito de ser e viver saudável neste trabalho, se estabelece considerando o desenvolvimento cognitivo em suas potencialidades mostradas na dinâmica da ZDP. Assim, a mobilização nesta construção do conhecimento, se faz na compreensão da cultura e da manifestação sócio-histórica

imbricada no processo de compartilhamento e construção do conhecimento feito pelas crianças.

É saudável a criança escolar na aludida prática assisencial que, independentemente do ensino, constrói em sua situação sócio-histórico-cultural o texto de revisão da sua vida e consegue expor essa idéia no grupo e para si mesma, aprendendo a aprender.

Assim, neste trabalho, a enfermeira teve uma proposta pedagógica para desenvolver o tema A.M. e buscar a manifestação do saudável na criança escolar. Com este conceito de ser saudável pretendi provocar a interação de escolares e de suas mães e familiares no interior de suas relações sócio-histórico-culturais, em busca da construção do (re)conhecimento do A.M., como fonte do desejo por uma vida prazerosa, amistosa e consciente de suas respectivas implicações.

**Enfermeira** - Ser que se insere como parte da dinâmica do relacionamento humano com a intencionalidade pedagógica de mediar o processo educativo para cuidar e promover o desenvolvimento cognitivo de escolares, compreendido em suas potencialidades de pensar e abstrair, mas também de imaginar, sensibilizar e emocionar.

Neste trabalho, distingue-se no lidar com questões do ser saudável na mulher e na criança a referência ao contexto sócio-histórico-cultural de todos os envolvidos na empreitada do ato educativo para o ser saudável.

Nesta caminhada, a escola revela-se um espaço onde se propõe a construção de conhecimentos importantes para modificar e ampliar questões relacionadas á saúde em temas como o A.M. Não mais uma participação em Programas de Saúde Escolar para assegurar espaço formal do profissional de saúde, mas necessariamente advogar a presença da dignidade, do respeito às relações das crianças com a escola, e o conhecimento, a partir das suas próprias histórias sociais e culturais.

### ***3.3.3 - Tentando elucidar a figura da representação conceitual...***

Procurei fazer uma figura, (figura 1) ao mesmo tempo lúdica e, tanto quanto possível, elucidatória do marco conceitual. A profissional enfermeira, procurei associar ao fogo, cuja chama simbolicamente aquece e impulsiona os demais conceitos referidos na

prática educativa para fazer “voar”, no sentido de desenvolver ao infinito, as potencialidades da criança como um ser saudável.

Por dispor, como ofício, da mediação pedagógica a enfermeira, essa “chama”, impulsiona a acessibilidade das crianças e suas mães (e/ou outros familiares) à construção do conhecimento cultural que lhes é apropriado, segundo suas vivências histórico-sociais.

As imagens conceituais no balão estão nucleadas pelo conceito central de habilidades sócio-histórico-culturais, estas que são o ponto de partida e de chegada do desenvolvimento cognitivo das crianças, em particular, nesta temática do A.M.

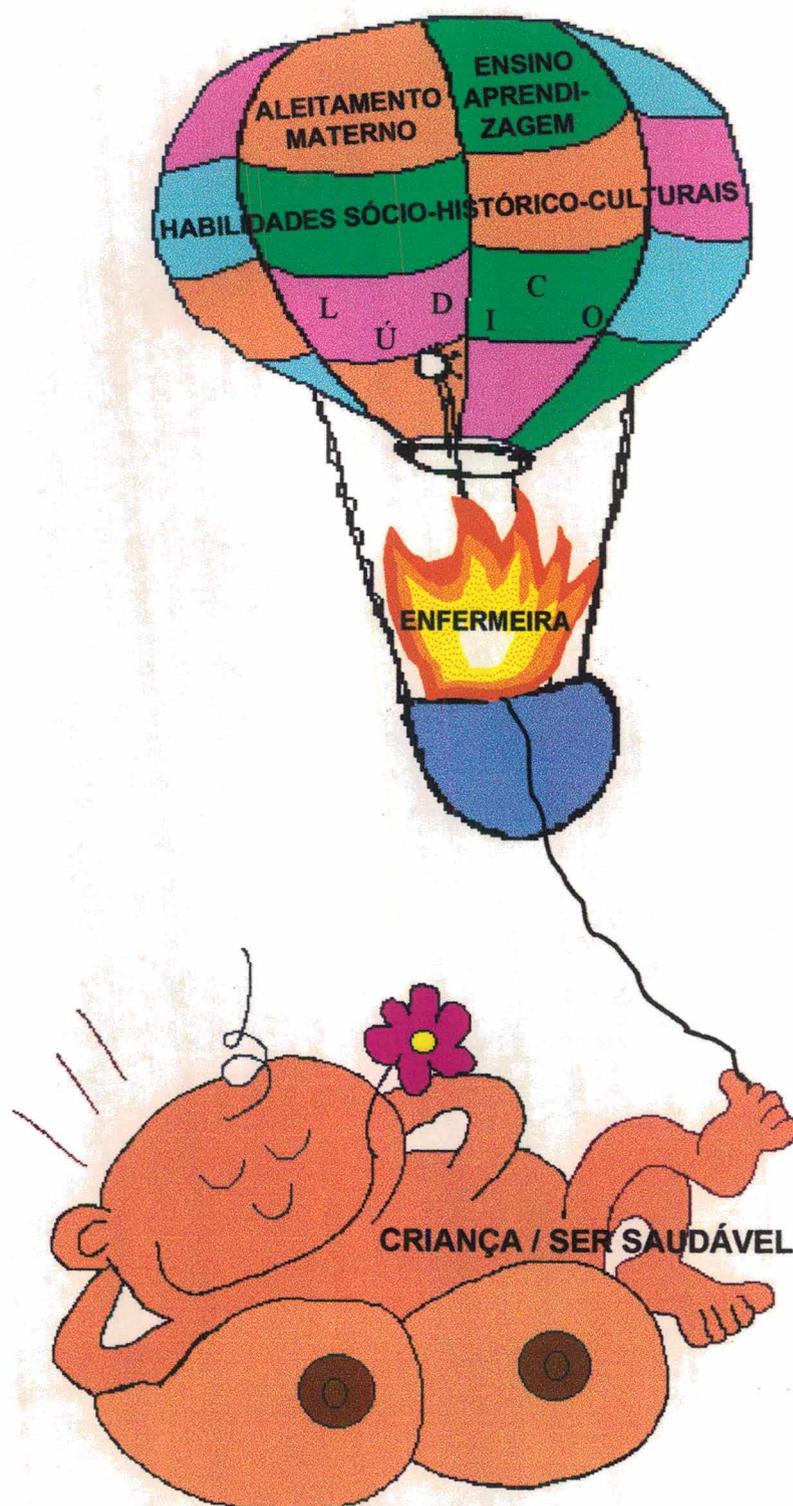
No topo do balão, estão o próprio conceito em (re)construção sobre o A.M. considerados os elementos centrais sócio-histórico-culturais. Ao lado dele, passo a passo, o conhecimento em construção, perpassa pelos estímulos a ZDP criados em estratégias de ensino aprendizagem.

Na “boca do balão”, a ludicidade, em sua diversificação de expressões das crianças, em suas idéias originais e originárias de suas condições e influenciadas por suas habilidades culturais. Ali se instaura o gesto e o gosto de rir, de lidar com preocupações, com ansiedades, o sabor de prazer; as emoções canalizadas no jogo do lúdico em dramatizações, cantos e outras maneiras próprias daquelas crianças fazerem a sua própria leitura desse tema em suas oportunidades de vivência.

Finalmente, a criança em seu viver saudável, está representada pelo balão atado por um fio aos seus pés, mostrando que é dela que provém o seu “vôo”, o seu desenvolvimento, é nela que já está o potencial de alcance cognitivo em contexto sócio-histórico-cultural, a ser expressado e então ela vá se tornando mais e mais saudável (ou construtora de conhecimento).

A almofada que lhe aconchega, não poderia ser outra, a maciez e a fonte de sua primeira nutrição, o A.M., dentro das possibilidades sócio-histórico-culturais, a matriz do seu desenvolvimento.

Na representação gráfica (Fig. 1), podemos compreender melhor como o lúdico, as habilidades sócio-histórico-culturais, a amamentação e o ensino/aprendizagem, quando interrelacionados, tendo como mediadora a enfermeira, podem ser mobilizados, com o intuito de manter o ser humano (o escolar) cada vez mais saudável.



**Figura 1: Representação gráfica dos conceitos**  
Desenho projetado e adaptado a partir da estória "Amamentar também é ecológico produzida pelo grupo ORIGEM de Pernambuco, Brasil (1995).



## 4. TRILHA METODOLÓGICA

*Abrace o mundo. Vá  
tecendo a existência  
com os fios da  
paciência. Numa  
manhã de sol, você verá  
que educou uma  
criança.*

#### **4.1 - Pré-análise**

A análise do discurso condutor de toda a experiência pedagógica será feita pela utilização de uma abordagem êmica, característica da etnografia da comunicação, da socio-lingüística interacional e da antropologia lingüística e dos métodos da análise do discurso crítica do conteúdo das entrevistas, das três perguntas dirigidas aos alunos dos dois colégios no primeiro encontro e do texto das historietas criadas pelos alunos.

Neste estágio, preocupei-me em adotar uma perspectiva êmica que privilegia as ações dos participantes (personagens das historietas). Ações estas observáveis nas expressões lingüísticas desses participantes onde se verifica para o que esses interagentes demonstram estar orientando suas falas (e/ou silêncios).

Através desta perspectiva, portanto, é possível identificar alguns elementos sócio-lingüísticos relevantes que emergem no componente lingüístico do corpus (Goffman, 1998; Gumperz, 1982; Pomerantz, 1997). Entretanto, devido à limitação dos dados em questão, que não contêm todos elementos comunicativos necessários à aplicação integral dos conceitos-chave subjacentes à metodologia etnográfica (especificamente fatores relacionados ao contexto da situação comunicativa: gestos, postura corporal, olhares, sorrisos, tom e altura de voz, dentre outros), faz-se necessário relacionar-se os resultados alcançados nesta primeira análise a um contexto sócio-histórico mais abrangente. Para tanto, serão utilizados os métodos empregados em análise do discurso crítica (Heberle, 1997) que nos permitirão fazer afirmações substanciadas nas relações sociais, inclusive relações de poder e outros, que transparecem no discurso deste trabalho como um todo.

Pretende-se que os resultados alcançados pela análise forneçam elementos que permitam avaliar em que medida este trabalho cumpriu os objetivos propostos. Deseja-se ainda que esta avaliação aponte novas direções / novos rumos para a ação da enfermeira ao lidar com a educação em saúde, em especial o tema A.M. com escolares.

#### ***4.1.1 – Revisitação e re-leitura sistematizada da experiência***

A trajetória metodológica de Prática Assistencial está intencionalmente registrada e, em seus acontecimentos, estão a memória da convivência e a dinâmica da proposta. A descrição dessa metodologia está carregada de dados, os quais vistos agora mais distanciados, incitam novas posições críticas e possibilidades de ampliar os modos de ver e discutir a experiência desenvolvida com os escolares.

##### *4.1.1.1 - Ponto de encontro: a Escola*

Os nossos encontros ocorriam em dois colégios, localizados na cidade de Florianópolis-Santa Catarina, um de caráter particular, aqui chamado de Colégio A e o outro denominado Colégio B, da rede pública estadual.

O Colégio A atende a alunos do pré-primário, até a 8ª série do ensino fundamental, com crianças de ambos os sexos, brancos, bem comportados e tímidos, consideradas na hierarquia social de nível médio e alto. Usam uniformes de cores vivas, padronizados, podendo a aluna optar por calças compridas ou saia. A escola possui quadra de esportes, entretanto, não dispõe de auditório destinado as atividades de encontro e de apresentação pública dos seus alunos. As suas paredes são pintadas com cores claras e coloridas e suas carteiras são individuais. As disciplinas são ministradas por professores especializados em cada área. Portanto, a alternância de professores em classe faz parte da sua estrutura curricular.

O Colégio B, atendendo a uma expressiva quantidade de alunos, desde o pré-escolar até o 2º Grau, oferecendo cursos de formação para magistério de 2º grau, sendo frequentados por alunos de variadas classes sociais, com forte miscigenação de raças. Usam uniforme padronizado com blusa de cor cinza e calça preta. As paredes das salas tem as cores cinza e creme. A ventilação é suficiente, o mesmo ocorrendo com a iluminação. As carteiras são individuais. As disciplinas são ministradas por professores específicos de cada área. O perfil destes alunos é do tipo falante e agitado. A escola possui um imenso pátio, com quadra de esporte e dispõe de um auditório, onde se realizam as solenidades e apresentações dos trabalhos dos alunos.

#### *4.1.1.2 - Abrindo a Agenda...*

Inicialmente, foram feitos contatos com a direção dos estabelecimentos para a apresentação do trabalho sendo falado do meu interesse em realizar reuniões com os professores para conhecimento da proposta. Devido à dificuldade em agendar estes encontros, entreguei cópia do trabalho à direção para divulgação interna, solicitando indicação da(s) turma(s) de alunos com interesse nos objetivos do trabalho.

A direção do Colégio A indicou uma turma de 23 alunos considerados tímidos e bem comportados. (Aceitei sem discutir o critério que supuz era para tranquilizar um professor que vem de fora, no caso eu mesma). A diretora e a autora (mediadora) definiram o cronograma dos encontros.

A direção do colégio B indicou uma turma de 33 alunos considerados criativos, supostamente identificados com a metodologia proposta. Aceitei sem discutir e percebi que ali estava um outro critério distinto do primeiro. Tive um encontro com a professora da turma e juntas definimos o cronograma de encontros. Ambas as turmas eram formadas por meninos e meninas na faixa etária de 9 a 11 anos.

O resultado aqui apresentado é uma amostra interativa do processo desenvolvido em 7 (sete) encontros de periodicidade semanal, com duração de 60 minutos cada. A experiência foi além de 6 (seis) semanas completando-se ao final de 2 meses, na disciplina de Ciências e Programas de Saúde, junto a escolares da 4ª série do 1º grau. As 2 (duas) semanas a mais correspondem a um intervalo de 15 dias, por acordo feito com as crianças.

Nesta relação, os escolares re-visitaram suas práticas de A.M., e os saberes que se associavam iam culminando numa ação participativa que se fortalecia a cada novo encontro. Por se tratar de uma proposta aberta, os encaminhamentos desta prática educativa foram imprevisíveis na medida em que o que se desejava era que os escolares, através do lúdico, pudessem construir um novo conhecimento sobre o tema em questão.

Nossos encontros empregaram estratégias de aprendizagem que incluíram atividades musicais, dramatizações, teatro, consulta por parte das crianças de materiais bibliográficos referentes ao A.M. e trabalhos em grupos.

#### *4.1.1.3 - Os encontros registrados como fonte de dados*

##### **Colégio A**

Ao apontar uma classe com este perfil (tímidos) no primeiro momento passei a fazer algumas indagações, a mim mesma, sobre este fato. Uma delas, foi a de que por se tratar de uma pessoa de fora da instituição e portanto visitante, trazendo consigo uma tarefa acadêmica, pela timidez os alunos apenas obedeceriam (o que não era desejável para mim). A imagem que a direção deseja para os seus alunos teria que ser preservada, e a timidez ajudaria a silenciar. Além do mais a forma afetuosa com que a direção recebeu a proposta me levou a pensar naquela época que ela não desejava que eu enfrentasse problemas disciplinares com seus alunos. Na verdade, nesse Colégio A, os professores não tinham entre suas escolhas, a referência a Vygotsky.

Também fica uma brecha para pensar, que a indicação poderia ter sido para atender a um dos critérios previamente colocado pela mediadora, quando falou que desejava atuar com alunos da 4ª série do primeiro grau. Esta suposição poderia ser confirmada se o colégio não dispusesse de outra turma de alunos da 4ª série.

O que posso refletir hoje também é que ambas as turmas de ambos os Colégios foram as mais apropriadas ao que a proposta feita por mim se interessava; foram autênticas, participativas, criadoras, reflexivas, afetivas e mais que tudo possibilitaram-me testemunhar suas expressões de desenvolvimento.

##### **Colégio B**

Quando da indicação da direção para atuar com alunos “tidos como atuantes e participantes”, ou seja, segundo o Colégio, “criativos”, poderá ter sido em função do entendimento da sua direção de que: os meninos “danados” e interessados se ajustam melhor numa atividade que traz algo de novo e desafiante na estratégia pedagógica.

Possivelmente assim o foi por considerar-me “uma pessoa de fora” mas necessariamente porque este era um Colégio que se afinava com experiências vygotskianas e apostava no avanço de minhas proposições.

Estas indicações tinham se pautado nas diferenças, o comportamento e a convivência dos alunos de ambos os Colégios, não se revelaram dentro do previamente anunciado e esperado de suas direções institucionais. Ainda bem, que na época, estas

exigências não tinham sido feitas pela mediadora, senão eu teria perdido a grande oportunidade de aprender e admirar as diferenças dos outros num processo de crescimento individual e coletivo.

Também a minha atitude silenciosa em respeito a determinações dos Colégios, não criou impedimentos. Aprendi que a tendência a rotular as turmas de alunos, por melhor que seja a intenção, nem é melhor, nem corresponde ao que a turma já mostrava e muito menos, ao que ela pode vir a ser.

## **4.2 - Leituras sistematizadas do processo nos Encontros**

Uma leitura mais crítica e com mais distanciamento da experiência, passa a ser feita a partir de registros “encontro-a-encontro”. Nesses registros, a estrutura de dados comporta em cada um deles, três classes de dados interarticulados:

- roteiro de apoio
- ocorrências fluentes
- impressões à mediação

Nessa análise, um dos seus elementos implicou em destacar as convergências entre “roteiro”, “ocorrências” e “impressões” caracterizando-as conforme temas emergentes desses registros. A idéia foi, por sucessivas aproximações, fazer um esforço de leitura para descortinar do processo registrado, aquilo que se afina ou desafina com a proposta em si, e, finalmente, identificar os acenos ou pistas da construção do conhecimento esboçados em cada encontro registrado.

Por sua vez, ao esgotar os registros analisados sob tal sistematização faço uma síntese da ambiência, do contexto não-verbal que possa ser extraído da exploração mais exaustiva das minhas impressões, valorizadas enquanto mediadora.

O conjunto das leituras sistematizadas de todos os ENCONTROS REGISTRADOS compõem uma visão panorâmica da experiência, sem relegar a sistematização dos dados contidos nos Registros desses Encontros, dados estes aqui destacados como: 1) interarticulação de classes de registro; 2) convergências ou

divergências entre processo e proposta; 3) indícios da construção do conhecimento; 4) destaques não-verbais nas impressões da mediadora.

Esta visibilidade da experiência, trazida por esta sistematização de dados dos registros da mediação, vem para ampliar possibilidades de retratá-la do modo mais próximo possível, apoiando a outra etapa de análise de dados, decorrente da produção textual das próprias crianças escolares.

A seguir, estão organizadas em ordem crescente, as leituras sistematizadas dos encontros (L.S.E.), compondo uma série de sínteses dos registros, numerados de 1 a 7.

#### ***4.2.1. A sistematização de leitura dos encontros***

##### **L.S.E. nº 1 – “Chegando e conversando”**

Toda estréia de um novo encontro social, traz nas suas entranhas nuances de expectativas, inseguranças e desejo de realizações. Naturalmente, ao me dirigir ao encontro dos escolares carregava comigo alguma preocupação do tipo: “Serei aceita? Estou no rumo certo?”

Um elemento tranquilizador nesta minha caminhada foi a receptividade do meu projeto de Prática Assistencial, pela direção dos dois colégios e pelas professoras das classes, pois ambas já tinham sido contactadas anteriormente. Mas ainda não conhecia as crianças... Assim, chego às classes...

Inicialmente, coloco para os alunos qual a proposta do nosso trabalho e faço a minha apresentação pessoal, institucional, mostrando a eles de onde venho, meu Estado de origem (desenhei um esboço do mapa do Brasil) e o que faço nesta cidade (Florianópolis). Os olhares das crianças vão se dirigindo ao rumo do Estado que vai sendo apontado e assim vou me sentindo mais a vontade e, certamente, eles também.

Um item do roteiro assegurava aos alunos a sua auto-apresentação, o que para mim era complicado ver na minha frente tantas crianças interessantes e não poder gravar os seus nomes desde o 1º encontro. Foi só uma questão de tempo, nossas marcas vão nos identificando como pessoas. Eles e eu fomos nos conhecendo.

Ao apresentar o tema, percebi que as crianças do sexo masculino não se sentiam à vontade para acompanhar este “papo” sobre aleitamento materno, chegaram a ter conversas

paralelas, onde se percebia que os assuntos ali tratados eram de origem privada e, por isso, eles riam de forma contida.

Desejosa de saber o que eles sabem do A.M., lancei 3 perguntas em classe e assim eles foram sendo envolvidos com o estudo do tema, e, ao mesmo tempo, percebendo o que eles já dispunham em seu desenvolvimento real, e portanto, o conhecido.

Um novo clima ia se estabelecendo e ao entregar a carta e o formulário para que eles levassem aos seus pais, começou o processo de ampliação de cumplicidade e, nesse momento, vi que certamente as crianças perceberam que havia algo de novo (diferente) e socializado nesta experiência que estava sendo apresentado. Aos poucos eles iam se “soltando” e começaram a formular perguntas sobre a dinâmica do trabalho e, especificamente, ligadas ao tema. O interesse começou a se manifestar voltado ao A.M.. A primeira forma foi fazendo perguntas, para mais tarde, encaminharem raciocínios de respostas...

Neste espaço escolar, tive a consciência de que o saber representado pela cultura, pela possibilidade de exercer a liberdade, são parte de uma estratégia que amplia a participação de escolares, mesmo que seja colocado por uma mediadora que trazia um perfil diferente dos outros mediadores que convivem neste espaço de aprendizagem, como os professores.

Tais ocorrências demonstraram que ao privilegiar o lúdico, como a mais forte estratégia, a criança se revigorava, ampliava a sua capacidade de transitar em vários mundos, sem perder a sua condição de sujeito social. E assim “marcharemos para o mar, com a certeza de que traríamos bons peixes, mesmo enfrentando tempo ruim...”

O tempo se faz, segundo as nossas aspirações. Ao adornar este tempo para o estudo o seu destaque é quase que imperceptível pois a sua essência é criar possibilidade de experiências e estratégias metodológicas prazerosas e atraentes, onde a criança é vista não apenas pela sua capacidade de maturação orgânica e, principalmente, pela certeza de que ao ousar arrancá-las do estágio de prontidão, ela se revela apta para aprender algo novo e desafiante. Como ousar fazer?

Inicialmente percebi que a qualidade deste trabalho pedagógico em saúde teria que estar associada a promover o desenvolvimento destes meninos e meninas, não mais buscando o que eles já sabem fazer e, portanto, não só no que já possuem nível de

resolutividade e sim, naquilo que eles têm a competência de saber ou de desempenhar somente com a colaboração de outros mediadores, para amanhã desempenharem sós.

Com este olhar fui andando. Certamente não era um caminhar para o vazio, ele era permeado de trocas afetivas (alunos, professores e famílias) e nesta nutrição de energia das relações fomos aprendendo sobre o tema do A.M. e desenvolvendo a nossa potencialidade de construir uma constelação com diversos sóis, diversos centros. Cada parte, alunos e mediadores, simbolicamente, aqui concebido como um conjunto que tem luz própria e traz a si a idéia do todo. Talvez essa seja a nossa bússola para esta e outras caminhadas...

### **L.S.E. n° 2 – “Construindo as primeiras frases”**

Ao fazer uma análise entre o roteiro previamente por mim definido, as ocorrências ali verificadas merecem ser aqui comentadas para que se destaque como um roteiro é flexibilizado quando se tem uma intencionalidade pedagógica dessa natureza.

Vejam bem, este encontro nivelaria inicialmente o grau de satisfação e de motivação que os alunos demonstrariam após o intervalo deste primeiro encontro, quando expus o nosso trabalho. A distância entre o 1º encontro e o segundo, certamente permitiu aos alunos a troca de opiniões, a reflexão e até mesmo o desencadeamento da curiosidade sobre a atividade.

Os alunos de ambos os colégios se mostraram receptivos a minha presença, dando sinais que tínhamos feito uma aliança de estudarmos o tema do A.M., conforme proposta dita no 1º encontro.

Aparentemente este fato poderá ser entendido como normal e corriqueiro nas atitudes dos escolares, entretanto carregava comigo alguma ansiedades que foram aos poucos sendo diluídas através dos olhares, sorrisos, perguntas dos novos parceiros.

Percebi de imediato que os alunos estavam desejosos de apresentar as frases construídas por suas mães e uma aluna do colégio particular afirmou que quem tinha respondido a pergunta teria sido o seu pai. A aluna ao comentar este fato demonstrou um certo ar de timidez, talvez por ela ter sido a única que enfrentou este tipo de problema.

Neste mesmo dia, foi apresentada a historieta escrita pela mediadora e, aí, a descontração foi tomando conta dos alunos. A idéia é que no primeiro encontro, ao falar da atividade como um todo, eu fosse solicitar a participação das mães para a construção das frases sobre o A.M., parece que com essa solicitação ficou uma sensação de que era mais uma coisa complicada que lhes cercava. Certamente ao apresentar a historieta construída pela mediadora com apoio de máscaras e música proporcionou uma “quebra de gelo” e aí... o pacto da construção de um estudo participativo foi sendo iniciado.

No final deste encontro, entreguei individualmente um roteiro de como realizar uma entrevista, para discussão no próximo encontro.

Fiz entrega individualmente a cada aluno da classe de uma cópia da historieta “Últimas Notícias do Brasil”, porque, além de ter muitas informações sobre a situação do aleitamento no Brasil, eles também passariam a conhecer a mensagem, e, em linhas gerais, o formato de uma historieta.

Esta atitude me fez repensar o quanto é importante abordar de forma criativa as questões de saúde numa classe de meninos e meninas do ensino fundamental. Assim como assumir uma postura de inovar e criar estratégias metodológicas para discutir temas do cotidiano social destas crianças de forma lúdica é ir aos poucos percebendo e reproduzindo os nossos papéis sociais, presentes nas relações afetivas e intelectuais, para além dos nossos próprios limites.

A busca da construção do conhecimento gerado no encontro como esse se transformou numa tarefa prazerosa e motivadora, em que se evidenciou a propriedade da utilização do conceito de ZDP aqui empregado e a sua aplicabilidade neste estudo, que iria aos poucos se firmando como algo que aparentemente poderia ser visto como um tema novo para os escolares, estes iam se desvelando de forma progressiva a cada encontro. Assim, a dimensão educativa prospectiva ia revelando a sua grande possibilidade de acontecer numa Prática Assistencial junto à Disciplina Ciências e Programas de Saúde com crianças de ambos os sexos.

### **L.S.E nº 3 – “Brincando de ser repórter”**

Ao analisar o roteiro empregado nos dois colégios neste encontro, percebo que eu tinha que ampliar a variedade de recursos didáticos utilizados, transformando-os num

encontro muito rico de vivências e de aprendizagem, conforme os interesses crescentes dos grupos.

Tomemos como exemplo a leitura e discussão do roteiro de entrevista adaptado para esta situação, e a dramatização que se seguiu quando eu fiz a entrevista de alguns alunos (todos queriam participar) e o restante da turma ia anotando atentamente as falhas que surgiam e depois eles fizeram os comentários. É interessante perceber o nível de atenção e de observação que eles tinham, mostrando que esta forma de aprendizagem facilita a compreensão, desenvolve a observação e a crítica e, o mais importante, permite a aprendizagem pelas relações no grupo social.

Em seguida, eles se formaram em duplas, e agora a ação era um colega entrevistando o outro e depois alternavam-se fazendo a mudança de papéis.

No dia deste encontro no colégio B a sala de aula estava com 33 alunos, fato este que inviabilizou a entrevista entre os alunos, pois era difícil desenvolver esta atividade numa sala com tantos alunos. Mesmo assim a demonstração de como fazer a entrevista, foi feita entre a mediadora e um voluntário. É interessante observar o poder dessa simulação como recurso da aprendizagem. Na hora juntos, os escolares e eu mediadora, criamos um tema, fizemos um roteiro e saiu uma demonstração.

Após esta etapa, os alunos foram convidados a escolher cinco perguntas que serviriam de roteiro para as entrevistas com as mães. Como estas perguntas eram consensuais, ficou decidido que cada aluno faria uma “pergunta livre” desde que assim o desejasse. Ainda neste encontro, projetei um filme sobre o tema com depoimentos de profissionais médicos defensores do A.M. e várias orientações de como amamentar no peito um bebê.

Durante a projeção percebi o valor deste recurso que traz consigo diferentes tipos de linguagem visual, de imagens, informações e outros tipos de conhecimento do mundo. Os alunos comentaram várias cenas e aspectos trazidos no filme, esboçando certa maturidade no interesse pelo assunto.

O diretor do Colégio B se fez presente na sala de projeção e a sua presença parece ter estimulado os alunos para me sabatinar (e exibir suas capacidades de problematizar para que o diretor as conhecesse) sobre o conteúdo que ali estava sendo exibido. Eles não deixaram por menos, perguntaram tudo que era novo para eles, até o significado de

algumas palavras técnicas que surgiram nas falas e nos diálogos do vídeo. Algumas perguntas foram sufocadas pelo avançado do tempo, outras foram deslocadas para o próximo encontro.

O espaço “faz de conta” realizado em sala entre a mediadora e os alunos, por se encontrar dissociado e protegido de censuras (frequentemente encontradas na sociedade), se transformou num espaço de experiência bem original. Talvez por isso a presença curiosa do diretor na sala (embora bem-vinda mas não planejada) comigo e as crianças.

Com a idéia de aliar a busca da criação ao entendimento sobre o A.M. e às oportunidades de antecipar o conhecimento dos escolares, este espaço de experiência foi sendo nutrido pelo convencimento de que é possível ensinar através da imitação. Os caminhos para a aprendizagem são variados, e a imitação para muitos é vista e aceita como um ato meramente mecânico, repetitivo e copiado de alguém ou de algo. Entretanto, neste encontro, a imitação provocou no aluno uma reconstrução daquilo que ele observou, aprendeu e, por isso, o fez. A imitação aqui tem o sentido dado por Vygotsky.

#### **L.S.E. n° 4 – “A alegria de ser repórter de mãe”**

O roteiro mostrava que nosso convívio se aproximava da reta final e alguns aspectos vivenciados entre o proposto e o realizado começam a se mostrar. O roteiro específico deste encontro trazia muitas ações participatórias, o que num determinado momento senti que estava causando atropelos nos alunos e em mim mesma, pois “não tínhamos pernas” para tanta coisa que queríamos e precisávamos fazer naquele dia.

O momento do relato das experiências das crianças como entrevistadores das suas mães foi efervescente, agitado, pois eles queriam falar das suas emoções e passavam uma idéia de que se sentiam, a partir daí, aptos a exercerem o papel de “repórteres”.

Quando a técnica de entrevista foi discutida e dramatizada no encontro anterior na sala de aula, já se percebia que esta estratégia metodológica tinha rompido o medo de perguntar e ser perguntado sobre assuntos ligados às suas vidas. Mais uma vez é bom pensar que o homem se renova e se humaniza quando faz coisas que lhe dão prazer.

Neste encontro, percebi também que os alunos já possuíam algumas informações sobre o tema, o que certamente lhes possibilitou criar e produzir os textos para as encenações.

Foi interessante perceber neste encontro o quanto os escolares se sensibilizavam com os gastos a que são submetidas as famílias quando optam ou são obrigadas a comprar o leite em pó para amamentar os filhos. A impressão que tive é que a criança urbana tem avançado essa informação sobre os custos da amamentação de uma família (o que é uma caminhada de precocidade na trajetória do desenvolvimento), pois estas questões hoje são discutidas, sentidas e administradas pelas crianças de forma antecipatória. Assim, não foi difícil entender o “quebra-cabeça” que representa o encargo das famílias alimentarem os seus bebês com leite artificial num contexto social ainda tão desequilibrado e desproporcional do qual fazemos parte.

Aqui, os meus temores de romper com o ensino convencional e ter que conviver com o inesperado, o que não era programado, foi penoso. A sensação é que a ordem tinha sido quebrada. Entretanto, de repente as situações foram sendo acomodadas e eu me dei conta de que a aprendizagem ali estava acontecendo, e a justificativa para isso era: “os alunos estão se revelando como pessoas interessadas sobre o tema do A.M.”

Esta práxis mostrava um deslocamento de olhar a criança de forma imatura e improdutiva, tão presentes na ótica do plano individual psicológico e biológico, fortemente presente na nossa cultura. A partir desta reflexão visualizei a possibilidade de uma “nova criança”, pois elas se transformavam a cada instante, revelando suas aspirações sociais e seus desejos de conhecer e estudar o tema A.M., num movimento de liberdade e de apropriação da sua realidade.

O avanço desta ação foi certamente a crença de que a criança aprende quando é estimulada, mediada e aceita como um ser dentro do espaço social.

#### **L.S.E. n° 5 – “Ensaio geral”**

O roteiro deste encontro tinha como questão central a apresentação das historietas dos alunos na sua própria escola. Era uma hora em que eles queriam exhibir o que tinham escrito e desejavam, portanto, encenar.

O colégio A, por não dispor de um espaço próprio para apresentação pública, fez a sua demonstração na própria sala de aula, na presença da professora da classe. Foi uma apresentação contida e os alunos se apoiaram em recursos cênicos criativos, mas que

limitaram uma apresentação mais movimentada e representativa. Foi, portanto, uma apresentação “fechada”, sem a presença da direção da escola.

Todavia, no colégio B, por este dispor de um auditório na suas dependências, a encenação foi mais movimentada, cheia de recursos cênicos que eram substituídos a cada nova apresentação, além dos alunos se apresentarem caracterizados como as personagens das historietas. Nesta apresentação a platéia era composta de diretores do estabelecimento, pais, professores de outras classes, convidados e curiosos. Aqui, era só festa e emoção. Após a apresentação, foi aberto um espaço para ouvir da platéia as opiniões sobre a prática pedagógica-assistencial que ali se realizava, fazendo uso da palavra professores, pais e a orientadora desta dissertação.

Após este momento, fomos até o refeitório da escola, e lá foi servido um lanche. Houve muitas manifestações de efusividade, abraços, felicitações e troca de endereços e a certeza de que tínhamos aprendido que o desenvolvimento e a aprendizagem ocorrem, quando permitimos que as pessoas possam dialogar, duvidar, discutir, questionar e compartilhar saberes. Este pensamento certamente vinha sendo percebido e construído por todos (alunos, pais e mediadora) dos dois colégios trabalhados.

É evidente que após estas apresentações internas percebemos a riqueza das mensagens e dos conteúdos produzidos e, num momento de entusiasmo, decidimos fazer uma apresentação (7º encontro) fora dos muros dos dois colégios. Ali, a escola não poderia ser outra. Escolhido o auditório do CCS – da UFSC como ponto de referência para a apresentação de algo que deveria estar sempre sendo discutido, e mediado pela academia no seu projeto político-pedagógico. As demonstrações de receptividade oportunizaram a reflexão sobre essa abordagem para alcançar o conhecimento o mais precocemente possível, privilegiando a relação entre o intelecto e o afeto nas relações sociais.

#### **L.S.E. n° 6 – “Historietas, imitação da vida”**

Somente as pessoas que tiveram a oportunidade de, durante a sua vida, em especial na infância, experienciar os momentos que antecedem a uma apresentação cênica na escola ou uma outra apresentação pública pode entender as emoções que a criança sente nestes momentos de partilha.

Isto nos remete a lembrar de uma canção popular brasileira que diz:

“Se chorei ou se sorri,  
o importante é que emoções eu vivi”.

Estas emoções efervescentes foram percebidas neste encontro quando o “disse-me-disse” passou a fazer parte do roteiro deste encontro.

Viver estes momentos lindos em que as crianças olhando para si e para os outros pareciam afirmar: “nós somos livres” e, para tanto, podemos criar e sonhar com um mundo onde, ao construir e ensaiar uma historieta sobre o tema A.M., foram criadas novas emoções desafiadoras e mobilizadoras do potencial criador e expressivo destas crianças.

Em alguns momentos, acontecia a substituição ou troca de papéis, quando eles percebiam que não sabiam representar o papel delegado e então os colegas entravam em ação. Os atores eram trocados e assim eles iam identificando quem melhor se ajustava a determinado papel, num acordo, numa negociação, onde prevalecia a horizontalidade para a decisão. Esta era mais uma pista de como estavam se apropriando do conhecimento. A circunscrição a um tema não é tudo. Os seus nexos com as relações sociais, com as construções éticas, apareciam tanto na elaboração dos textos como nas ações de entrar-em-cena.

Assumir o papel de mediadora destes momentos revelou que os escolares estavam dando saltos qualitativos, e aí a ajuda é diferente. Ao se defrontar com uma situação nova e desafiante eles tiveram que aprender a pedir ajuda e entendê-la como parte do processo nas relações sociais. Assim, ao reconhecerem os seus limites frente a um processo para fora da direção de adultos, sentiam-se solitários, e com dificuldade de condução, pois aprendiam que é difícil decidir. Eles pediram ajuda e coletivizaram idéias sentindo-se seguros em suas estréias com a construção do conhecimento em A.M. dentro do “teatrinho”, mas a ajuda foi apenas a mediação, constatando o alcance deles.

Este fato assim descrito, pode parecer que os alunos tinham somente a preocupação com o sucesso das apresentações. Entretanto, percebo que neste emaranhado de buscas e de emoções havia uma intenção metodológica defendida por muitos estudiosos do desenvolvimento cognitivo da criança, e por mim incorporado que é: através do teatro, da música, do desenho e de outras formas de expressão a criança aprende, troca experiência e ensina umas às outras.

Reverendo o conceito utilizado nesta dissertação de ZDP pude perceber que tinha me apropriado desta concepção na prática de uma forma leve ajudada pelas crianças, quase que fluindo como natural, e entendi que tudo caminhava na direção da construção de um novo conhecimento histórico-cultural, que o grupo já estava se apropriando dele e até por isso fluía o compartilhamento do acesso ao saber em construção, envolvendo escolares, seus familiares e professores. O nível de participação crescia com as demonstrações de descobertas de informações por leituras extras ou por relacionamentos com outras crianças ou com alguém supostamente mais apto ou mais experiente (vizinhos, amigos, parentes). O desenvolvimento cognitivo estava atrelado a várias manifestações de saltos de novos patamares do conhecimento, carregando outra postura psicológica e social entre os escolares.

#### **L.S.E. nº 7 – “O grande dia!”**

É chegado o “grande dia” da apresentação dos dois colégios no auditório do CCS da UFSC. Portanto, neste dia, o roteiro era dos alunos e eles só tinham um assunto nesse roteiro: “fazer bonito”. Esse fazer bonito passava por um clima recheado de nervosismos, ansiedades, e muita movimentação por parte da mediadora, alunos, pais e professores. O nosso nervosismo era compreensível eles (os dois grupos que ainda não tinham tido contato) iam se conhecer e conhecerem-se na hora de enfrentar um auditório grande, desconhecido, com pessoas conhecidas e outras tantas desconhecidas.

A direção do Colégio B, que fica distante do local de apresentação, solicitou que a mediadora fizesse um contato direto com os pais dos alunos, para que esses pais autorizassem o deslocamento dos alunos do seu colégio até o local das apresentações. Fiz inicialmente contato telefônico com os pais dos alunos o que foi gentilmente permitido, e, assim, após uma autorização escrita por parte deles, pude contar com a participação dos alunos, seus filhos.

Os alunos do Colégio A dirigiram-se com os pais e professores e diretores sem necessitar de nenhuma formalidade, além da vantagem de o colégio ficar mais próximo que o outro para chegar à Universidade. Para esta apresentação, os alunos “capricharam” nas encenações, com maquiagem apropriada às personagens, roupas ainda melhor selecionadas e muita animação e compenetração dando extrema importância ao que estavam ali fazendo.

Os conteúdos destas historietas apresentadas sob a forma de “esquetes” (pequenos quadros em cenário especial) que também montaram e de acordo com textos narrativos que elas (crianças) igualmente montaram, permitiram formar uma maior rede de pessoas na construção histórico-social do tema.

Alguns pais e professores deram depoimentos sobre a atividade e as suas impressões foram as de que os seus filhos se envolveram muito com o tema e declararam que isto estava preparando-os melhor para a vida. A professora de uma das classes falou da surpresa que teve ao ver o desembaraço apresentado pelos atores, em especial por uma menina, pois ela era vista como muito tímida e se revelou como ótima atriz. Aí estaria possivelmente a evidência do amadurecimento: com a mostra de responsabilidade e participação desses alunos, a ponto de surpreender a professora...

Uma outra mãe, após a apresentação, se colocou à disposição para dar o seu depoimento sobre o trabalho, caso fosse necessário.

No final das apresentações, cantamos a música “História de Pescadores” de autoria de Dorival Caimmy e a platéia ia cantando acompanhando a letra, que tinha sido previamente distribuída.

Para as crianças escolares, falar para uma platéia desconhecida, falar de si para o outro, expressar-se com o corpo, o olhar, os trejeitos, a imitação, o faz-de-conta, foi permitir que a ludicidade em suas ações mais simples, não só possibilitasse estar fantasiando, mas interpretando o real e ao mesmo tempo tecendo a visão de compreensão do mundo. Assim, nesta brincadeira de 7 (sete) encontros, as crianças aprenderam sobre o tema em estudo, registraram parte da sua história de vida, criaram um espaço para ouvir as suas mães e então fizeram o registro histórico, social e cultural de como o A.M. é tratado no nosso meio. Certamente eles somente puderam avançar neste caminho porque puderam utilizar um espaço pedagógico que levou em conta a perspectiva dialética, referindo a noção de ZDP (Vygotsky) e acreditando na geração de saberes socialmente constituídos, e que lhes permitiu dialogar com o mundo.

Eu, na qualidade de mediadora, após estudar o conceito de ZDP, fui impulsionada pela crença de que é possível desenvolver a aprendizagem de uma criança quando nos apoiamos em estratégias pedagógicas que nos permitam compreender que a criança é capaz de realizar tarefas sempre mais avançadas que aquilo que já sabe fazer sozinha, quando

conta com a assistência de uma mediação, seja ela a dos professores, família, o vizinho ou os próprios colegas mais adiantados.

#### ***4.2.2 - Ensaando a entrada na trilha da análise “nossa primeira historieta”***

O desdobramento pedagógico de nossa primeira historieta: “Atenção: últimas notícias do Brasil”.

Ao buscar uma leitura das intencionalidades pedagógicas subjacentes ao texto dessa historieta, uma primeira refere-se ao seu compromisso de fazê-la, construí-la tendo claro que a mesma, em seus elementos, guarda relação com os princípios da aprendizagem e do desenvolvimento do escolar, preconizados por Vygotsky, em especial o conceito de ZDP.

Um dos seus pensamentos era o de que o acesso ao saber dependia, entre outros fatores, de ordem social, política e econômica, da qualidade do ensino oferecido (Rego, 1998).

Do ponto de vista desta teoria histórico-cultural e a sua relação com a historieta, identifica-se o sentido histórico-social das mensagens, bem como as estratégias metodológicas de que se valeu a historieta, estas foram projetadas, evidenciando uma forte interrelação em seu conjunto textual.

A pertinência de sua aplicabilidade será analisada e comentada, não sem antes reconhecê-la com um duplo e simultâneo propósito, qual seja, veiculação da possibilidade de aprendizagem de conteúdo (A.M.) e veiculação da possibilidade de aprendizagem da forma (historieta).

Toda a situação imaginária contém regras, significados e comportamentos relacionados com aquilo que está sendo representado. Por exemplo, ao brincar de contar esta historieta sobre o A.M., fiz um esforço para ser coerente com os papéis das personagens presentes no texto desta historieta. Mais do que nunca, tinha ali uma intenção pré-definida que era a de mostrar para os alunos fragmentos da sua realidade ao lado de enfatizar as qualidades características do A.M. e as suas possíveis implicações sociais.

Seria preciso encontrar uma nova forma de contar a historieta e foi aí que optei pelo uso de máscaras faciais e cartazes ilustrativos para facilitar a compreensão do texto, formando um cenário apropriado à narrativa. Assim, foi sendo quebrada a tradição de conhecimento “livresco”, mostrando aos alunos novas modalidades de ampliação do conhecimento. Nesta etapa, contei com o auxílio da colega co-autora da historieta para compor as falas e os diálogos, participando da encenação. Os alunos perceberam que eu pedi ajuda a Carin e esta era verdadeira, por necessidade, então a percepção do aluno estava também provocada pela intencionalidade pedagógica de compor coletivamente, socialmente.

Ao optar por esta estratégia, da historieta, desejava ir mostrando ao aluno o valor da apresentação cênica, mesmo que despida de recursos sofisticados, o prazer de contar e de ouvir, de forma criativa e original, sobre algo que tem uma estreita relação com a natureza humana e com a manutenção da saúde dos bebês. O que se buscava, e acredito que iniciamos após esta atividade de representar (contando historieta), era aguçar a competência dos alunos para: saber e querer falar sobre A.M. e sobre criar, escrever e encenar historietas, e então, perguntar, responder, discutir, problematizar... Desse modo, eles iam se aproximando de um outro desafio: preparar os seus próprios textos (historietas) que teriam que ser apresentados ao final dos nossos encontros. Essa proposta pedagógica quer possibilitar avanços no sentido de que os escolares mostrem, através das suas próprias historietas, a construção do conhecimento em A.M., conforme suas proximidades com as especificações de seu contexto histórico-cultural. Assim, se revela o ser humano sujeito às especificações do seu contexto histórico-cultural como afirma Vygotsky (1991).

O tema A.M. passou então a mostrar-se na liberdade do universo infantil, sem perder o seu caráter de importância coletiva. A questão central desta estratégia metodológica se aproxima do que fala Prestes (1996):

*“A liberdade, enquanto qualidade essencial do sujeito moderno, é o que lhe permite colocar-se como sujeito”.*

*“A liberdade e o saber estão interrelacionados e pelo discernimento e desenvolvimento o homem pode se esclarecer e se emancipar”.*

As alianças iam sendo feitas e o espaço pedagógico honrava sua intenção de que as práticas possibilitassem que os escolares se colocassem como sujeitos e fossem

discernindo e se desenvolvendo a ponto de interrelacionarem liberdade, saber e ludicidade em suas atividades.

Vale sublinhar que o escolar via, na historieta que lhe foi narrada, que o lúdico também é algo que faz parte do acervo universal e, como tal, fornece a todas as pessoas material para os seus sonhos e alimento farto para suas fantasias.

As possibilidades instaladas são muitas quando o conhecimento se faz veiculado pelo lúdico entre escolares. O aluno vai perceber mais adiante que, muitas vezes, o prazer que ele sente ouvindo historietas, ou criando-as e encenando-as, assemelha-se com o prazer das descobertas e dos “saltos” que dá em seu desenvolvimento cognitivo e sensível, já não conseguindo descolar a estratégia de ludicidade da própria aprendizagem.

### **Análise das Falas: do Dizer e do saber das autoras**

Analisar esta historieta, mostrou-se como um exercício de exploração de falas, implícitas e explícitas, buscando revelar os significados da mensagem, visto a mesma ter sido elaborada, ainda na fase de execução da prática assistencial, anterior a esta dissertação.

Foi neste movimento de análise que percebi um texto permeado de uma linguagem técnica que faz parte da comunicação produzida e utilizada pelos órgãos oficiais de promoção do A.M.

Com este meu olhar crítico fui ampliando o entendimento das questões sócio-histórico-culturais que envolvem o A M. na vida das famílias. Aqui, percebo o quanto aprendi nesta convivência pedagógica, pois ao me permitir criar e contar esta historieta para os escolares, ela se transformou numa fonte de reflexão e crescimento do meu entendimento sobre o A M. e a sua relação com a vida dos seres humanos.

Comporta, nesta análise, mencionar a formação profissional das autoras desta historieta. Ambas são enfermeiras e alunas do Curso de Mestrado da UFSC, sendo que uma é autora desta dissertação. Elas, ao contarem esta historieta para os escolares de ambos os colégios no segundo encontro, apropriaram-se de máscaras faciais, facilitando a identificação e a movimentação dos personagens na encenação da historieta.

O destaque percebido nas falas e nas intenções das autoras são carregados de desejo de despertar nos alunos o interesse pelo tema devido a sua importância para a saúde das crianças.

O título da historieta é bastante usual nos nossos noticiários, quando se deseja destacar a presença ou ação governamental frente a uma medida de abrangência coletiva, de interesse nacional e, portanto, confiável. Ele carrega uma mensagem que pode ser interpretada pelo ouvinte ou leitor como algo novo, trágico, grandioso; enfim, que retrata uma situação de destaque no cenário da sociedade brasileira. As informações divulgadas são vagas e genéricas, trazendo dados que facilmente são percebidos pelos ouvintes, embora não seja esclarecida a complexidade das questões que envolvem este tema.

Ao iniciar a historieta com este discurso, podemos pensar que a idéia das autoras era a de fazerem-se ouvidas e aceitas pelos alunos, pois o que elas falam é verdadeiro e tem um respaldo dos órgãos que promovem o A.M. no Brasil.

Ao afirmar que a campanha do A.M. foi um sucesso, devido à adesão das mulheres frente aos apelos do Ministério da Saúde, demonstram que os argumentos empregados para sensibilizar as mulheres foram suficientes e eficientes para mudar a atitude das mulheres brasileiras.

O sensacionalismo aqui manifesto parece ser exacerbado, revelando a fragilidade das mulheres que se deixam facilmente seduzir e aceitar as normas e regras preconizadas pelas campanhas de incentivo ao A.M.. Ao apoiarem-se nestes argumentos, as autoras deixam de considerar as diferenças culturais, sociais e econômicas que tanto diferenciam, aproximam e afastam o querer e poder amamentar no peito uma criança, nos dias atuais.

A notícia portanto, direcionada para “fazer a cabeça” dos ouvintes, é uma mensagem compacta, verticalizada, que evita criar espaços para o questionamento do conteúdo divulgado não permitindo perceber a natureza dos vários fatores relacionados ao tema. A confirmação desta análise está presente na frase: “Aqui, encerramos o jornal...”

A escolha da mãe como orientadora do tema, reforça o papel da mulher como cuidadora da saúde dos filhos. A exemplo, a sua autoridade nesta cena é oportuna, principalmente se considerarmos a baixa idade dos escolares.

A fala da mãe traz uma dose de saudosismo e romantismo ao comentar os caminhos percorridos pelas mulheres nas suas várias atividades, em especial o de amamentar o filho no peito.

Ao afirmar que, naquela época, as crianças tinham saúde, as autoras não especificam a que época a mãe está se referindo. As autoras parecem desconhecer as altas taxas de mortalidade infantil provocadas por doenças infecto-contagiosas e outras ocorrências, que historicamente ceifaram a vida dos bebês. Assim, a ausência deste dado, não permite ao ouvinte ou leitor fazer uma análise contextual da referida sociedade.

A mãe, ao se sentir conhecedora do tema, não dá trégua para as inquietações do filho e numa atitude “profissional” retoma o discurso e coloca sobre o filho mais informações sobre a trajetória da amamentação dos nossos bebês.

O herói da historieta, portanto, é o homem, muito inteligente, e luta por ocupar um lugar na discussão do tema com a sua família. Ele recebe da sua mãe os elogios por ter entendido as suas explicações. A luta aqui travada pelas autoras é mostrar em classe que o homem tem um papel importante na defesa do A.M. e, portanto, o seu exemplo tem que ser explorado e mostrado em sala de aula.

Assim, somos levados a fazer algumas perguntas: as autoras ao conceberem esta relação de poder da mãe informada, não estariam revelando os seus papéis e as suas práticas pedagógicas quando estão envolvidas em atividades de orientação para a prática do A.M.?

A entrada da filha na historieta e a afirmação da mãe de que as mulheres antigamente sabiam de tudo sobre o A.M., demonstra que a filha foi facilmente envolvida na mensagem que a mãe lhe passou.

Ao trazer a questão da industrialização no país, em especial, a dos leites artificiais, demonstra que este processo tem um endereço certo: a mudança de hábitos e de comportamento da mulher e da sua própria estrutura familiar. Os agravos da mamadeira são muito bem colocados, sem contudo, mostrar para os filhos as causas mais profundas que permeiam esta substituição.

A mãe, por ser uma mulher sábia sobre o tema, demonstra como se prepara uma mamadeira, indo aos poucos destacando alguns perigos no preparo do leite artificial e no

uso da mamadeira, sendo que este argumento parece ser forte e eficaz para o entendimento de pessoas de qualquer sexo e idade, principalmente se estas pessoas fazem parte do grande contingente de famílias que moram em áreas carentes de saneamento.

O filho é a única figura masculina presente nesta historieta, tendo sido a ele delegado o papel de questionador da temática, assim como o que entende rapidamente tudo o que lhe é explicado pela mãe. A sua irmã tem o papel na historieta de uma menina infantilizada e de difícil entendimento para estes assuntos.

Curiosamente, as indústrias de brinquedo constantemente produzem bonecas dando mamadeira ao filho e pouco ou raramente encontramos dando o peito ao seu bebê. Assim, pergunta do tipo como se dá mamadeira ao bebê, feita pela menina, foi colocada pelas autoras como algo novo e muito distante da sua realidade. Sabemos que constantemente encontramos mães oferecendo a mamadeira aos bebês, além do acesso à mamadeira que qualquer pessoa tem, pois elas se encontram nas farmácias e supermercados. Sem contar que é comum encontrarmos nas listas de comprar do enxoval do bebê a presença deste arsenal.

A docilidade ou infantilidade da menina é colocada como alguém que é facilmente manipulada e ignorada pela mãe. Quando ela diz não ter entendido é para “fazer a cabeça das meninas” da sala de aula?

Surge aqui, mais uma interrogação: os noticiários oficiais são eficientes para “fazer a cabeça” desta mãe e de tantas outras “cabeças” de mães brasileiras?

Uma novidade aqui revelada, é a possibilidade de a mãe retirar o leite do peito e oferecer ao filho quando da sua ausência e do direito que a mulher alcançou na legislação trabalhista. Estas informações devem ser ampliadas e divulgadas para contrapor a legião de mulheres que estão trabalhando fora do lar e desmamando precocemente o seu bebê.

As autoras colocam que os profissionais de saúde podem orientar as mulheres sobre o A.M.. Isto nos leva à seguinte pergunta: já não é hora destes profissionais terem uma atitude constante e permanente de orientadores do A.M.. Assim, a frase poderá ser modificada: os profissionais devem orientar mães, pais e familiares para...

O ranço cultural de que mulher é para gerar, parir e criar filhos é tão forte e presente nos dias atuais que até numa prática educativa com escolares de ambos os sexos,

as autoras mantêm este discurso. A exemplo, o filho se sente discriminado e pergunta qual é o seu papel frente a estes assuntos. A sua irmã considera que este assunto é exclusivamente de mulheres, entretanto, as autoras valorizam a atuação do filho e o colocam como alguém que rapidamente entende e aprende coisas e assuntos que, mesmo distantes da sua natureza masculina e dos seus atributos, ele assimila facilmente este assunto que estava sendo discutido na família, embora o tema tradicionalmente seja visto como de interesse e de natureza da mulher.



## 5. TRILHA DA ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO

*Deixe brotar o seu  
lado criança e você  
terá sempre uma  
criança ao seu lado.*

## **5.1 - A escolha da abordagem de análise**

O tipo de análise escolhido para este trabalho está voltado para o discurso que esteve presente na experiência de prática pedagógica assistencial com alunos escolares. Esta análise se utiliza de uma abordagem êmica, ou seja, uma abordagem que privilegia a ação dos participantes, autores, e atores de suas historietas.

Trata-se de uma análise característica da sócio-interacional lingüística e aqui complementada como método da análise do discurso crítica.

## **5.2 - O “corpus” de análise**

O “corpus” de análise está constituído de dados agrupados, segundo sua procedência, nas seguintes fontes:

a – Perguntas dirigidas aos alunos (comunicação entre a mediadora e os alunos) ou O QUE ELES SABIA.M.

b – Conteúdo de entrevistas (comunicação entre as crianças e suas respectivas mães) ou FAZENDO ENTREVISTAS: a participação afetuosa das mães

c- Textos das historietas criadas e encenadas pelos alunos (comunicação entre crianças e a comunidade) ou CONSTRUINDO HISTORIETAS: um conteúdo revelador do ensino – aprendizagem A.M.

Ao analisar a expressão sócio-lingüística interacional observável nas expressões textuais desses participantes, fui buscando identificar alguns elementos sócio-lingüístico interacionais relevantes e emergentes no “corpus” (Goffman , 1998; Gumperz, 1982; Pomerantz, 1997).

### **5.3 - Alguns limites a serem considerados**

Uma limitação para este processo de análise reside justamente na limitação de dados como elementos comunicativos nos textos sistematizados para tal, até porque sempre a realidade será mais rica do que tudo que possamos dizer (registrar) sobre ela. Além disso, há de se levar em consideração os limites lingüísticos de expressão verbal das crianças em idade escolar.

### **5.4 – Análises e interpretações dimensionadas em meu olhar de participante-mediadora**

Nos limites do texto escrito, nem sempre os seus conteúdos se mostraram suficientemente ricos de elementos comunicativos. A escrita dos mesmos envolveria uma maior contextualização da situação comunicativa quanto a gestos, postura corporal, olhares, sorrisos, silêncio, tom e altura de voz, dentre outros que mais adequadamente vitalizariam a própria análise.

Assim, é que, às vezes, o contexto comunicativo está presente e aceso, outras vezes obscuro e omissos, exibindo o limite desse registro textual.

Inicialmente, fiz a análise a partir das respostas às perguntas formuladas nos dois colégios, no primeiro encontro:

- a) Já ouviram falar sobre o A.M.?
- b) Já viram alguma mulher “dando” o peito ou amamentando a uma criança?
- c) O que você sente ao ver cenas como esta? (Mostrando a foto de uma mãe amamentando seu filho).

#### ***5.4.1 - O que eles sabiam de A.M. antes da experiência***

##### **COLÉGIO A**

No dia em que foram lançadas estas perguntas na sala de aula, a classe era composta de vinte alunos e a participação ocorreu de forma espontânea. As suas respostas

foram sendo anotadas pela professora da classe e transcritas em sua forma original neste trabalho.

*Pergunta a) treze alunos responderam a esta pergunta: Nove afirmaram **nada saberem**, duas alunas falaram que a mãe que amamenta não deve fumar, pois causa mal à criança. Um aluno disse que o leite materno é o mais adequado para a criança, outro disse que sua mãe lhe havia dito que a criança deve ser amamentada até os dois anos de idade.*

A participação dos alunos, neste momento, pode ser considerada parcial, pois dos vinte presentes, sete deixaram de opinar sobre esta primeira pergunta, mas o silêncio dos que não opinaram verbalmente, provocou na mediadora outros pensamentos.

### **O que penso:**

Estas respostas colhidas no primeiro encontro, mostram que dos vinte alunos em classe, nove afirmaram nada saber sobre o tema, o que também nos remete a oportunidade proposta com a antecipação deste conhecimento entre crianças escolares. As campanhas de incentivo ao A.M., certamente deveriam rever as suas estratégias de ação, uma vez que as abordagens a esse tema dirigem-se, quase sempre, às gestantes e/ou puérperas.

Duas alunas afirmam já terem ouvido falar que o fumo faz mal ao bebê. Parece-me que elas estão associando este saber que estamos construindo a um outro, o da campanha de combate ao fumo, que tem ganho muito espaço na mídia nacional e internacional.

Um aluno, ao afirmar que o leite materno é o melhor alimento para a criança nos primeiros anos de vida, nos anima a continuar a afirmar: o aleitamento materno nunca foi e nunca será um ato solitário, e sim, uma ação solidária que se inicia na família e se fortalece na escola e nos serviços de saúde.

Outro menino disse que a sua mãe teria lhe dito que o leite materno deve ser oferecido ao bebê até os dois anos de vida. Certamente, esta mãe acredita na eficiência do A.M. e a mesma deve ter um canal de diálogo muito aberto que lhe leva a conversar com o filho temas que tradicionalmente são assuntos mais reservados às meninas. Esses avanços no convívio familiar favorecem a precocidade do conhecimento considerado um pilar na proposta em discussão.

Esta pergunta é aberta e tem um caráter genérico, o que indica ser de fácil compreensão dos alunos, além de trazer um tema que julgamos fazer parte do cotidiano dos escolares. Assim, percebo o quanto é necessário criar estratégias que permitam à criança ouvir, ver e refletir sobre o A.M., possibilitando-os a conhecer ou formar suas próprias imagens e noções sobre assuntos como este (A.M.) que estão estreitamente associados com a vida.

*Pergunta b) Quinze alunos responderam a esta pergunta: Quatro viram suas próprias mães, nove suas tias, enquanto os dois restantes haviam visto mulheres “dando o peito” nas ruas e no hospital.*

### **O que penso:**

Todos os alunos responderam já terem visto as mulheres “dando o peito” aos seus filhos. Isto nos leva a supor que esta cena é facilmente encontrada no universo destes alunos. É notável que estas ocorrências foram registradas no interior de sua própria família e somente duas observações foram feitas na rua e no hospital. É interessante a análise destes dados quando comparamos o “já ter visto” e “o nada saber” sobre o tema. Assim, a sensação que fica é a de que muito temos a fazer nesta caminhada de incentivo ao A.M.

A sensação que se revela é a de que o A.M. é visto nos ambientes públicos e privados, mas há um silêncio em torno disso, faltando, entretanto, abrir esse tema para ser discutido e aprimorado, dentro de uma abordagem sócio-cultural e econômica, tão fortemente presente na decisão de amamentar um bebê.

*Pergunta c) Quinze alunos responderam a esta pergunta: Nove consideraram normal ver a mulher amamentando, enquanto seis não opinaram.*

### **O que penso:**

Os alunos silenciosos podem ser aqueles que continuam a mostrar um certo receio e insegurança quando são mobilizados a opinar sobre o que eles sabem sobre o tema A.M. Daí, somente nove alunos se pronunciaram sobre a normalidade de amamentar o bebê no peito. Será que os demais nada percebem? Ou nunca pensaram na cena? O restante se coloca na posição de expectadores de um tema sobre o qual eles tem receio de opinar?

## COLÉGIO B

Neste dia, a sala de aula contava com vinte e três alunos dos trinta e três matriculados, sendo que a participação ocorreu da seguinte forma:

*Pergunta a) Dezoito alunos responderam a esta pergunta: Doze afirmaram “não saber nada”, quatro afirmaram que “a mãe deve amamentar até os seis meses de vida até acabar o leite”, “bonito”, enquanto dois afirmaram “ser muito importante para o bebê”.*

### **O que penso:**

Apenas dezoito alunos se manifestaram e responderam a esta pergunta, o que mais uma vez nos leva a questionar: a não participação neste momento, pode estar associada ao receio de falar sobre um tema que eles não dominam, na frente de uma pessoa que lhes é desconhecida? Seja qual for a causa, os doze alunos de ambos os sexos, afirmam “nada saber” sobre o tema. Assim, eles demonstram e sinalizam que o ato de amamentar uma criança no seio traz uma forte inspiração para uma campanha de acesso a esse saber junto aos alunos do primeiro grau.

Não saber nada significa nunca ter lido, visto, aprendido ou ter sido estimulado a pensar no assunto. Alguns alunos afirmam que a mãe deve amamentar até os seis meses, e isto nos remete a pensar na mensagem usualmente veiculada pelos discursos oficiais de incentivo ao A.M. O reconhecimento da importância do A.M. para a saúde do bebê somente é verbalizado por dois alunos, demonstrando o quanto são necessárias estratégias de acesso à informação sobre o A.M. na nossa sociedade, em especial com os escolares.

*Pergunta b) Vinte e três alunos responderam a esta pergunta: Dezoito viram as mães e tias, e cinco mencionaram haver visto as vizinhas, cunhadas e empregada dando o peito ao bebê.*

### **O que penso:**

Um grande número de alunos já viram mulheres de vários níveis sociais e econômicos dando o peito aos seus filhos. Este depoimento colhido numa sala com vinte e três alunos, contribui para desmistificar a idéia preconceituosa de que as mulheres que dão peito aos bebês são pobres e sem instrução. Ao resgatar a história do A.M. no Brasil e a

sua relação entre mulheres ricas e pobres, podemos perceber que a mulher de baixo poder econômico, sempre foi fiel ao A.M., ao passo que a mulher de classe alta sempre foi estimulada pelos valores sociais a desmamar precocemente e também fazer uso dos leites artificiais. Assim, as mulheres pobres iam se inspirando neste modelo. Estes leites artificiais, em determinadas épocas, eram prescritos pelos médicos pediatras, sendo que as mulheres pobres pouco acesso tinham a estas orientações. Elas entraram num movimento de oferecer o leite em pó aos filhos guiadas pelas campanhas oficiais de distribuição de leite em pó e pela entrada destas no mercado de trabalho.

É interessante notar que as imagens percebidas pelos escolares no seu ambiente sócio-cultural podem ser utilizadas como estratégias para ampliar o estudo de vários temas na área da saúde, em especial do A.M..

*Pergunta c) dezesseis alunos responderam a esta pergunta: Variando desde o legal, natural, interessante, engraçado, bonito e estranho. Os sete restantes não opinaram.*

#### **O que penso:**

As respostas são variáveis, indo desde o “bonito” ao “estranho”, mostrando também um número reduzido de alunos que se interessaram em responder esta questão. Este fato poderá estar associado à necessidade de que o aluno tem em conhecer o tema para melhor se posicionar.

A diversidade de opiniões aqui manifestadas pode ser entendida como abrangendo tanto as vagas e como as concisas, que se deslocam desde o natural, belo e interessante, até o entendimento de algo que é engraçado. Esta situação nos leva a pensar na riqueza de percepções que eles têm sobre o A.M., mostrando também uma característica de não querer participar da atividade que poderá ser entendida como um direito de não querer opinar sobre algo que eles nada, ou pouco sabem.

A partir desta reflexão, é evidente reforçar a necessidade de se explorar o potencial representado pelo tema: se desconhecem, então isto prova que há uma brecha na educação seja esta brecha criada pela família, seja criada pela escola”.

Por outro lado, há que se pensar na possibilidade desses que não participaram verbalizando opiniões serem alguns escolares que ainda não estão receptivos ao adiantamento desse tema, A.M.

#### ***5.4.2 - “Fazendo entrevistas: A participação afetuosa das mães”***

As entrevistas foram realizadas pelos alunos dos dois colégios após o terceiro encontro, quando já tinham sido trabalhados nos encontros anteriores vários aspectos do A.M. com esses escolares.

A elaboração das cinco perguntas para constarem do roteiro de entrevista foi feita pelos alunos de cada colégio, representa o consenso coletivo dos escolares, sendo que a última pergunta era livre, exprimindo assim, o interesse individual do escolar de conhecer o seu processo de amamentação.

Ao analisar as falas das perguntas da questão livre, podemos perceber dois tipos de preocupações. Um grupo de alunos mostra-se preocupado em resgatar a sua história pessoal enquanto indivíduo que vivenciou o seu ato de aleitamento. O outro grupo busca perceber o nível de conhecimento da pessoa entrevistada sobre o tema A.M..

### **COLÉGIO A**

Dos vinte e três alunos existentes na sala de aula, apenas doze realizaram a entrevista com suas mães e/ou familiares. Portanto, a participação das mães nesta atividade foi pequena. A provável causa para justificar este comportamento poderá ser o desinteresse das mães pelas perguntas, pela falta de hábito de participar das atividades cotidianas do colégio dos seus filhos.

Na primeira pergunta, as respostas obtidas foram assim expressas:

#### ***1ª Pergunta: O que você acha da amamentação natural?***

- *Acho muito importante, porque garante a nutrição e saúde do bebê.*
- *É bom para as crianças.*
- *É excelente para o desenvolvimento do bebê.*
- *Muito importante para o desenvolvimento da criança.*

- *Ela acha que a criança que é amamentada no peito cresce mais forte e nutrida.*
- *É uma alimentação fundamental, prática, já vem pronta na temperatura certa. É só servir quando necessário, apesar de ter que tomar cuidado com a alimentação da mãe, pois tudo que comemos e ingerimos vai para o leite.*
- *Acho muito importante, todos os bebês devem ser amamentados naturalmente no seio até os 6 meses.*
- *Eu acho bom, saudável e prático, bom e saudável para a criança e, para a mãe, econômico, prático e fácil.*
- *Também é bom porque cria laços de ternura entre mães e filhos.*
- *A amamentação é fonte garantida de saúde e carinho.*
- *A mãe deve amamentar o bebê para que ele fique saudável*
- *É essencial nos primeiros meses de vida do bebê, para a saúde dele; o contato físico entre mãe e filho é indispensável.*

Percebe-se no conjunto destas respostas, que a ênfase apresentada é a do reconhecimento da importância do A.M. para a criança, a saúde da mulher só foi citada uma vez.

As respostas colhidas indicam uma reprodução acrítica do discurso pró A.M. que na, sua grande maioria, esquece que antes de haver um bebê, há um outro ser: a mulher. Se a mulher não estiver bem, não se pode falar em bem-estar do bebê, então, a mulher é massacrada pelo mito do amor materno, pelo *marketing* do ideal do A.M. podendo ser um pivô de “neuroses sociais” que tanto prejudicam a dignidade dos indivíduos.

O aspecto de valorização nutricional que o A.M. proporciona ao bebê ganha destaque nas falas, reforçando o conhecimento da eficiência e da eficácia deste alimento para os bebês, portanto, de que ele não tem substituto. O seu padrão de qualidade é comprovado cientificamente e culturalmente por milhares de mães que fizeram e estão fazendo a história da humanidade.

A praticidade do uso do A.M. é apontada por algumas mulheres entrevistadas, indicando que elas reconhecem que o mesmo “está pronto para o uso”, sendo um recurso facilitador junto a sua tarefa de mãe no contexto sócio-histórico-cultural da atualidade.

A questão do fortalecimento dos laços afetivos entre mãe e filho é percebida pelas mulheres e também o valor do contato físico é destacado por elas.

Esta compreensão do valor do toque e do fortalecimento dos laços afetivos permite pensar no desenvolvimento harmônico que meninas e meninos podem obter através deste ato na convivência fraterna da própria natureza do seu SER.

Percebe-se a responsabilidade e a preocupação do fator econômico para manter uma criança de forma a cercá-la de cuidados com a saúde, a higiene e a alimentação.

Assim, estes entendimentos representam uma esperança para um grande número de mulheres que convivem com limitações financeiras para nutrir de forma segura o seu filho, pois ele proporciona a redução de doenças infecciosas, que além de provocar a morte das crianças, evita os altos custos com ações preventivas e com as internações nos serviços de saúde.

***2ª Pergunta: Quanto tempo você me amamentou exclusivamente no peito?***

*As doze respostas obtidas estão sintetizadas nos seguintes intervalos:*

*0 a 3 meses - 5 mães*

*3 a 6 meses - 6 mães*

*Acima de 6 meses - 1 mãe*

Na elaboração da pergunta, os escolares tiveram o cuidado de colocar a palavra *exclusivamente*, indicando uma ação única e, portanto, desejam saber o período que foram amamentados somente com o leite do peito.

Ao analisar as respostas, encontramos cinco mães que afirmam ter amamentado os filhos de zero a três meses e seis mães de três a seis meses. Esses dados são significativos se considerarmos que a idade desses escolares é de nove a onze anos e possivelmente as suas mães são filhas de mulheres que formam o grupo das avós da cultura da mamadeira.

Essas mães participam da grande força de trabalho feminino, que convive com sérias dificuldades para manter a criança em sua companhia durante a jornada de trabalho, embora a promulgação da Constituição Brasileira de 1988, que ampliou a proteção à mulher trabalhadora que amamenta, estivesse nesta época sendo implantada.

**3ª Pergunta: Quais as dificuldades que você teve durante a amamentação no peito?**

As doze respostas obtidas e seus enunciados foram:

*Seis mães afirmaram não ter tido nenhuma dificuldade*  
*Uma mãe relatou que sua dificuldade foram rachaduras no bico do peito*  
*Duas mães tiveram rachadura no bico do seio e muita dor.*  
*Duas mães informaram ter tido rachaduras e sangramentos.*  
*Uma mãe afirmou que as maiores dificuldades foram as rachaduras que provocaram*  
*sangramento, dor e corte no bico do seio.*

Das doze respostas obtidas nesta pergunta, seis entrevistadas afirmam não ter tido nenhuma dificuldade, ao passo que as seis restantes falam em rachaduras de mamilo e ingurgitamento mamário. Estes incômodos são geralmente interpretados pelas mulheres como um experiência traumatizante, cheia de sofrimento para ela e para o bebê.

Segundo Silva (1997, p. 171), “estes desconfortos podem ser percebidos pela nutriz como algo que ela não consegue superar e que a faz optar pela suspensão da amamentação”.

É nestes momentos que, na busca de solucionar o problema de amamentar o filho, a mãe recorre à mamadeira, aos chás e aos conselhos de pessoas da sua confiança.

A qualidade das experiências da mulher com amamentação tem uma estreita relação com a qualidade dos serviços de pré-natal que lhe são oferecidos, principalmente a atitude dos profissionais que a acompanham.

As orientações recebidas na gravidez e no puerpério deverão oferecer à mãe alternativas de solução para que ela se sinta encorajada a tomar decisões acertadas neste momento em que ela é pressionada por muitos.

**4ª Pergunta: Você sabe os perigos do uso da mamadeira para as crianças?**

Das doze mães entrevistadas, doze responderam desta forma:

*Três mães afirmaram que existe o perigo da contaminação.*  
*Uma afirmou que o uso da mamadeira durante a amamentação faz com que a criança*  
*largue o peito rapidamente.*  
*Duas mães afirmaram mais ou menos.*  
*Duas mães falaram que o uso da mamadeira para as crianças faz mal ao crescimento dos*  
*dentinhos do bebê.*  
*Quatro afirmaram não.*

É significativo que deste total de doze mulheres, 50% afirmassem conhecer os perigos do uso da mamadeira, sem, contudo, falar com mais aprofundamento dos seus agravos na saúde do bebê. A interpretação é a de que, mesmo sabendo que a mamadeira é perigosa e nociva para os bebês, as informações que elas têm sobre o assunto são insuficientes, não lhes permitindo argumentar com mais segurança. Apesar de demonstrar conhecer estes perigos, percebe-se que, no cotidiano dessas mulheres, elas ainda convivem com o conflito de abandonar de vez a mamadeira, pois a vêem como uma alternativa no caso de insucesso do aleitamento no peito.

**5ª Pergunta: Quem lhe ajudava ou dificultava quando você me amamentou?**

Das doze mulheres entrevistadas, oito responderam a esta pergunta, estando assim apresentadas:

*Meu marido e minha mãe ajudaram, ninguém dificultou.*

*Ninguém.*

*Nenhuma dificuldade. Meu irmão, pai e tia me ajudaram.*

*Meu marido me ajudava. Meus três filhos foram amamentados até os 6 meses de idade e hoje são saudáveis, graças ao leite materno.*

*Não teve quem dificultasse, o papai sempre incentivou e preocupou-se com o bem estar da criança e com isso ele ajudava.*

*Meu marido ajudava.*

*Nenhuma dificuldade. Minha avó materna ajudou mamãe. Observação: No hospital a primeira amamentação as enfermeiras ajudaram-na. Ela doava leite para o banco de leite materno da maternidade.*

*Ajudava: Meu pai levava água para minha mãe beber pois sentia muita sede quando estava me amamentando.*

Os dados revelam uma grande participação masculina sobre cuidados considerados tradicionalmente femininos, permitindo também perceber os novos papéis de colaboração recíproca de um fazer em comum.

Segundo Sarfati (1992), a atual Constituição Federal prevê a licença à paternidade, concedendo ao pai cinco dias de licença, a partir do nascimento do seu filho. Assim, este dispositivo constitucional favorece sobremaneira o fortalecimento dos vínculos familiares e uma melhor adaptação da mãe e do bebê, principalmente nas primeiras semanas.

Outra categoria facilitadora da amamentação referida é a avó e a enfermeira.

A atuação da avó nestes momentos é por demais reconhecida por tratar-se de uma pessoa que dispõe de um conhecimento já testado e avaliado pela sua prole. Quanto a citação da enfermeira da maternidade, pode-se intuir que somente esta profissional integrante de toda uma equipe que a assistiu deixou para esta mãe a lembrança de uma facilitadora do seu processo de amamentação.

Destacamos Silva (1997, p. 243) ao afirmar: “A intervenção da Enfermagem deve propiciar à mulher os subsídios para uma avaliação e estimativa real da sua existência, auxiliando-a na tomada de decisão no curso do processo da amamentação”.

Destaca-se ainda, que elas não relatam pessoas ou fatos que dificultam a amamentação, o que não deixa de ser curioso, pois costumeiramente elas são cobradas e vigiadas, carregando consigo sentimentos de responsabilidades da sua atividade de mãe nutridora e cuidadora do filho.

#### ***6ª Pergunta: LIVRE:***

Deste grupo de doze alunos, somente quatro elaboraram a pergunta individual “livre”. Este resultado pode ser interpretado pela falta de motivação dos alunos para elaborarem a pergunta, ou por não contarem com a ajuda da família.

#### ***Quando eu era pequena você me dava mamadeira?***

*R- Sim. Com 2 meses o pediatra orientou que completasse sua alimentação, como eu aceitava tudo que o pediatra falava, nem questioneei.*

A pergunta nos leva a pensar que a entrevistadora carrega consigo inquietações sobre a sua fase de amamentação e, aproveitando-se da oportunidade, busca tirar as suas dúvidas. A mãe, age com naturalidade e sensibilidade, afirmando que teve dificuldades e seguiu as orientações do médico pediatra. O fato de a mãe não questionar a orientação do médico pode estar associado a uma total confiança neste profissional ou ao pouco conhecimento que ela possui sobre o assunto. Ou ainda, à docilidade de submeter-se às ordens e prescrições médicas, sem ela nada perguntar para não molestar ou por a competência do profissional em xeque.

***Quais foram as emoções ao me amamentar?***

*R- Foi uma experiência inesquecível, me realizei como mulher.*

A prática do A.M. estabelece uma relação cheia de sentimentos e significados, que são manifestados pelas mulheres de várias formas e intensidades. Isto se deve ao fato de que, para muitas mulheres, o aleitamento é algo que deve ser construído durante a sua própria vivência de amamentar.

Para outras, é algo que é construído de acordo com a interpretação que a sociedade dá. Esta mãe considera que a sua realização como mulher passa pela experiência de ser mãe e amamentar. Essa sua atitude pode estar fortemente ligada à reprodução do mito do amor materno tão presente na nossa cultura.

***Quais são as coisas boas para o bebê que a mãe amamenta?***

*R- A criança fica mais calma. É mais difícil ficar doente.*

Esta mãe reconhece o valor do A.M. no equilíbrio emocional da criança e sua importância na saúde dos bebês. Esta vinculação se faz principalmente quando lidamos com um grande número de meninas exercendo de forma precoce a maternidade. Na realidade atual, estamos acompanhando o movimento de resgatar e valorizar o toque entre as pessoas. O toque é percebido como algo que promove o bem estar das pessoas, além de favorecer a troca energética ente si e com o universo. Certamente, o bebê se sente mais seguro, amado e aconchegado, quando percebe que alguém lhe proporciona um gesto de aproximação e lhe dá atenção.

***O que você acha que deve ser feito para as mães amamentarem os filhos?***

*R- Penso que deveria existir uma maior divulgação em torno dos benefícios da amamentação nos hospitais, nos postos de saúde, e principalmente em rádios e televisão. Além do benefício, a amamentação é linda. (Eu principalmente acho lindo ver um bebê mamando no peito).*

Segundo Maldonado (1990, p. 55), “A propaganda é, sem dúvida, outro fator que, atuando de forma subliminar, “vende” a idéia de que o leite materno não é tão importante e pode até ser substituído com vantagens pelo leite em pó.” Estas afirmações nos remetem a lembranças das figuras rechonchudas dos recém nascidos, nos folhetos distribuídos nas

maternidades e nos quadros fixados nos consultórios médicos, acompanhados de nomes das marcas de leite, destacando seus benefícios.

Ao sugerir uma maior divulgação do A.M. nos nossos meios de comunicação, esta mãe percebe a força da mídia como instrumento formador de opinião pública. A sua sugestão merece ser acatada, principalmente se pretendemos ampliar esta prática para a grande massa de mulheres dos vários rincões do país.

## COLÉGIO B

### *1ª Pergunta: O que você acha da Campanha do A.M.?*

Dos trinta e dois escolares integrantes desta sala de aula, trinta entregaram o questionário de entrevistas que realizaram com suas mães e/ou familiares. Assim, a participação foi fortemente revelada, demonstrando o grau de envolvimento dos escolares e familiares com este trabalho. Nesta primeira pergunta, vinte e suas mães se manifestaram assim:

*Acho, muito bom, porque algumas mães nunca amamentaram seus filhos, é bom para incentivar as pessoas para as mães se conscientizarem.*

*Acho ótimo. É uma campanha que incentiva todas as mães a amamentarem seus filhos.*

*Minha mãe acha muito importante.*

*A minha tia acha muito legal. Porque, assim, as mães amamentam mais seus bebês.*

*Acho legal. Porque incentivam as mães a darem o leite aos seus filhos.*

*Eu acho bom.*

*Eu acho que a campanha do A.M. é muito importante no Brasil, pois amamentar é mais saudável para o bebê.*

*Eles fazem uma campanha muito legal!.*

*É muito importante.*

*Eu acho muito importante para a saúde do bebê.*

*Eu acho que a campanha do A.M. é ótima.*

*Muito importante para a saúde do bebê.*

*Acho muito importante, porque as pessoas tomam consciência e passam a amamentar seus filhos.*

*Acho uma campanha muito boa.*

*Eu acho uma boa idéia. Acho uma campanha boa, porque incentiva as mães a amamentarem os seus filhos.*

*Muito importante, pois é uma maneira de muitas mães saberem que o leite materno é importante para a saúde de nossos filhos.*

*Eu acho muito importante, porque o aleitamento materno é a forma mais saudável de alimentar o bebê. Além de imunizar contra doenças.*

*Eu acho boa campanha, incentiva e também muito legal.*

*Muito importante, pois incentiva todas as mulheres a amamentarem seus filhos*

*Eu acho muito importante para as crianças.*

*Ótima. Porque antes as mulheres não amamentavam seus filhos por falta de informação.*

*Acho muito importante. Porque é gratuito, na temperatura certa de alimentar e previne de doenças.*

A maioria das respostas traz a certeza de que as mães reconhecem a importância do A.M. e, assim, podemos entender que este ato é assimilado e portanto, culturalmente incorporado por elas. A manutenção desta consciência implica em tratá-la com cuidado para evitar colocar sobre os ombros da mulher o peso de mais esta responsabilidade.

Nas falas, elas omitem a análise das campanhas de promoção do A.M., podendo ter sido pela falta de entendimento da pergunta ou até mesmo pela intenção do discurso oficial de anular a criticidade dos conteúdos nela contidos. Assim, as ações idealizadas para o incentivo do A.M. são carregadas de uma linguagem verticalizada, única, não dialógica e ausente de uma percepção sócio-histórico-cultural que faz parte do viver e do ser das mulheres.

### ***2ª Pergunta: Você trocaria o leite materno pelo leite em pó?***

Das trinta mães que responderam a esta pergunta, vinte e sete se expressaram assim:

*Não. Eu nunca faria isso e não há nenhuma possibilidade de isso acontecer.*

*Eu não trocaria.*

*Não. O leite materno está sempre no peito; quentinho e é mais saudável.*

*Eu não trocaria o leite materno por um leite em pó.*

*Não. Porque o leite materno é muito melhor.*

*Não. Porque além de ser um leite saudável ele é um leite muito importante.*

*Não trocaria, pois o leite materno é importante para o bebê.*

*Não, porque eu amamentei os meus filhos até depois dos 6 meses.*

*Não, de forma alguma!*

*Não. Só se for em última necessidade.*

*Não, pois o leite materno é muito importante para o bebê.*

*Claro que não. Pois, no leite em pó, existe muita química. E o leite materno é totalmente natural.*

*Não, porque o leite em pó não tem os mesmos nutrientes que tem o leite materno.*

*Não, porque o leite materno possui muitos nutrientes que são importantes para o desenvolvimento das crianças.*

*Não, pois o leite materno é muito mais saudável. Só se eu não tivesse leite o suficiente para alimentar o bebê.*

*Jamais. Todos os meus filhos ficaram bastante tempo no peito.*

*Não. Porque o leite materno está sempre na temperatura adequada.*

*Não. Porque o leite materno é de graça e é muito saudável.*

*Não a não ser que ocorram problemas de saúde com a mãe, como aconteceu comigo.*

*O restante (oito mães) responderam não.*

Vinte e sete mães responderam que não fariam a substituição do leite materno pelo leite em pó. Assim, o significado do A.M. no entendimento da maioria destas mulheres é algo conhecido e aceito. Dezenove destas, ao reprovar o uso do leite em pó, justificaram a sua posição, entretanto, oito mães se limitaram a dizer que não trocariam o leite materno pelo artificial, contudo não emitiram nenhuma opinião. Algumas destas entrevistas citam as vantagens nutricionais do A.M. para o bebê e apenas uma mãe relatou um problema de saúde que a obrigou a recorrer ao leite artificial. Esta mãe não explicou o tipo de dificuldade que ela enfrentou, mas percebe-se na sua fala que ela foi obrigada a deixar de oferecer o peito a sua criança. As intercorrências do tipo ingurgitamento mamário ou lesões de mamilo são vistas por Silva (1997) como um dos mais comuns incômodos da amamentação.

### ***3ª Pergunta: Se durante a amamentação no peito eu fui saudável***

Das trinta mães entrevistadas, vinte e cinco mães responderam que seus filhos estiveram saudáveis durante a amamentação. Enquanto uma afirmou não ter amamentado o filho. Eis algumas das falas.

*Sim. Eu nunca tive doença contagiosa quando fui amamentado.*

*Eu não mamei no peito.*

*Eu sempre fui uma criança muito saudável. Sem cólicas e sem problema algum.*

*Sim, bastante, pois não teve gripe nem problema de intestino.*

*Fui saudável até 1 mês e meio, quando tive uma infecção intestinal muito grave e o pediatra atestou problema com o leite materno, o que é raro, mas já havia acontecido com os meus irmãos.*

A avaliação e o reconhecimento do leite como um requisito de promoção da saúde dos bebês foi citado pelas mães, referindo-se a ausência de problemas como cólica, diarreia e gripe.

Uma das respostas a esta pergunta refere-se que a criança não foi amamentada deixando de comentar a causa e os riscos ou dificuldades enfrentados por ambas.

A criança informa que foi saudável durante um tempo certo de um mês e colhe da mãe a informação que o pediatra suspendeu a amamentação natural. A obrigatoriedade de amamentar o filho, associada à limitação de informação, parece ter levado esta mãe a amamentar o novo filho, mesmo sabendo que o seu leite causou problema de saúde aos seus bebês.

#### ***4ª Pergunta: Quanto tempo você me amamentou exclusivamente no peito?***

Vinte e oito mães responderam a esta pergunta, apresentando os seguintes resultados:

*0 a 3 meses - Dez crianças.*

*3 a 6 meses - Sete crianças*

*6 meses a 1 ano - Seis crianças*

*Acima de um ano - Cinco crianças*

A pergunta da amamentação exclusiva no peito foi elaborada pelos escolares dos 2 colégios, o que pode significar um grande desejo de conhecer o período do seu processo de amamentação.

O desmame precoce tem uma estreita relação com o sucesso ou fracasso vivenciado pela mulher durante a amamentação, com a sua história de vida e com as condições de vida que lhe são oferecidas. A amamentação vista nesta ótica, terá que ser compartilhada e nunca regulada pela sociedade, pois a amamentação é um processo político e social. Ao analisar as falas destas mães, percebe-se que elas amamentaram exclusivamente o seu filho no peito num prazo considerado bom.

Seis das mães entrevistadas dizem que amamentaram exclusivamente os filhos depois dos 6 meses de vida, atitude pouco comum se considerarmos as exigências nutricionais da criança a partir desta idade.

Além disso, o papel da mulher na participação e na produção do trabalho fora de casa interferem no seu desejo de manter um período mais longo de amamentação natural.

***5ª Pergunta: Qual foi a sensação quando você amamentou no peito?***

Das trinta mulheres entrevistadas, vinte e nove responderam a esta pergunta com as seguintes afirmações:

*Sete afirmaram: Foi uma sensação de amor*

*Uma afirmou: A gente sente uma sensação de amor quando pega aquela coisinha tão pequena e dá o peito para ela começar a mamar é muito bom.*

*Duas afirmaram: Eu adorei amamentar a minha filha.*

*Duas mães afirmaram: A sensação foi muito linda, apesar das dores no bico dos seios.*

*Cinco afirmaram: Foi uma sensação boa, porque além de eu estar dando alimento, também estava dando amor.*

*Duas afirmaram: Foi uma grande sensação de alegria, pois é como dizer ao seu filho como você o ama.*

*Duas afirmaram: Fiquei maravilhada e feliz.*

*Uma mãe afirmou: Foi uma sensação muito boa.*

*Três afirmaram: Senti uma emoção muito grande. É um ato inexplicável, gratificante.*

*Quatro afirmaram: É um dos maiores gestos de amor entre mãe e filho.*

A categoria que mais se destaca na fala dessas vinte e nove mulheres entrevistadas é o sentimento de amor que manteve para com o seu bebê na fase de amamentação.

A fala dessas mães nos remete a lembranças de alguns **slogans** presentes nas campanhas ao A.M. e na visão de romantismo e de sublimação presentes nos cartazes e nos materiais de divulgações referentes ao tema. A idéia que nos é transmitida é a de que o amor supera a dor e as reais dificuldades que interferem na decisão da mulher de amamentar ou não o seu filho.

Segundo Silva (1997), as campanhas de incentivo ao A.M. são recheadas de uma ideologia que traz como pano de fundo o discurso de que o A.M. é uma forma tanto natural da mãe amamentar o filho, como biológica e instintiva, motivada pelo amor materno.

A imagem de proteção, de aconchego presente em várias obras de arte espelham o sentimento de amor e de ternura da maternagem, expressa constantemente nas falas de mulheres e da mídia.

### **6ª Pergunta: LIVRE**

Vinte e sete mães responderam. As falas abaixo citadas representam os pontos de vista mais evidenciados e frequentes.

***O que você acha dessa lei que o governo fez para mulheres que trabalham fora ficarem em casa para amamentar seus filhos?***

*R - Achei muito boa, mas já deveria fazer antes.*

A resposta traz uma certa mágoa pela demora do governo em reconhecer tardiamente uma necessidade sócio-econômica das mulheres que trabalham fora. A Licença à Maternidade e Paternidade traz no seu bojo uma possibilidade de um maior acompanhamento do casal durante a adaptação da família à nova situação de cuidado de um bebê.

Este avanço é considerado pela grande massa de mulheres trabalhadoras uma conquista importante na sua trajetória de lutas e conquistas.

***No seu enxoval de bebê teve mamadeira e chupetas?***

*R - Não, porque eu sempre espero poder amamentar.*

A esperança de poder amamentar traz um desejo de poder usar a aparelhagem corporal permeada de sentimentos de doação, ou seja, ela está se programando para amamentar o seu filho no peito.

Ela verbaliza a possibilidade de conviver com dificuldades e incertezas para amamentar o filho no peito, daí é que ela afirma: “Espero poder amamentar.”

***Mãe você acha que o bebê mamando no peito ele se sente mais amado e mais protegido e se ele fica mais apegado na mãe?***

*R - Sim. Ele se sente mais amado e mais protegido e ele fica mais apegado na mãe.*

O escolar, ao fazer esta pergunta à sua mãe, a fez no sentido genérico, não se atendo à sua própria pessoa. Vale ressaltar que a mãe afirma que deste gesto é criado um elo de doação e de união bilateral que beneficia o emocional da criança e o desenvolvimento afetivo entre ambos.

***Por que o leite materno é melhor do que o leite em pó?***

*R - Porque evita doenças no bebê protegendo-o mais.*

O leite materno é percebido por essa mãe como algo que ela domina e ao falar da questão se apóia numa linguagem carregada de certeza da qualidade do A.M..

***Com quantos anos você me amamentou com o leite em pó?***

*R - Nunca.*

A mãe, ao afirmar que nunca deu leite em pó nos leva a pensar que as suas experiências com o A.M. foram positivas e os fatores que a auxiliaram nesta decisão podem ter sido: ter recebido apoio e orientação correta sobre o A.M. da sua família ou de profissionais da saúde que se movimentam no incentivo ao A.M.. Além da experiência positiva, verificada na sua família ou em contato social com outras mulheres que amamentaram. Convém lembrar que este conhecimento é antigo e acompanha a humanidade desde os primórdios.

***Você tem noção de quantas vezes eu mamava em um dia?***

*R- Todas as vezes que sentia fome.*

O escolar, ao elaborar esta pergunta demonstra estar preocupado com o tempo de espaçamento de uma mamada a outra e se sua mãe o amamentava exclusivamente no peito. A sua mãe lhe revela ter uma total disponibilidade para amamentá-lo e que certamente indica que a mesma teve apoio para cumprir esta tarefa. Geralmente, a situação de ter

filhos e ter que amamentá-los pode causar novos conflitos nos relacionamentos, podendo causar sérias dificuldades na convivência familiar e no equilíbrio do casal.

***O que deveria ser feito para que mais mulheres amamentassem?***

*R- Primeiro alertar os adolescentes para que não caiam na liberdade sexual tão precocemente que muitas vezes leva a abortos e gravidez indesejada. Melhorar o salário e alimentação da população, para que quando ocorrer uma gravidez a mulher tenha saúde plena e possa gerar filhos saudáveis. Só assistência não resolve.*

O escolar demonstra uma preocupação com as mulheres do amanhã e busca ouvir da sua mãe uma solução para aumentar a adesão das mulheres na prática do A.M.. A mãe demonstra preocupação com as mulheres jovens, em especial as mães adolescentes que devem ser alertadas para a maternidade responsável.

A percepção da mãe como estratégia de incentivo ao A.M. é mais ampliada e ela sugere medidas econômicas e uma política social justa que favoreça as mulheres a terem filhos saudáveis.

Ao se colocar desta forma, ela se põe numa postura crítica e reflexiva frente a questões que tanto prejudicam a família brasileira.

***Você já viu um mãe trocando o leite materno pelo leite em pó?***

*R- Sim. Com preguiça de amamentar no peito, várias pessoas, principalmente minha cunhada.*

O escolar busca na mãe uma testemunha para confirmar o uso da mamadeira e a troca do leite materno pelo leite em pó. A mãe afirma que já viu e que esta atitude foi registrada na sua própria família. A curiosidade é a afirmação de que as mulheres tem preguiça em amamentar os filhos, uma atitude que revela desprezo com a amamentação natural. Falando da cunhada “preguiçosa” ela, ao mesmo tempo, prejudica a imagem da cunhada e se auto-valoriza como capaz de amamentar e conhecer o valor do A.M., buscando reconhecimento da sua imagem de boa nutriz. Mais uma vez, a “neurose social” traz as suas implicações nas relações e no viver das pessoas.

A preguiça relatada não tem precedentes práticos, uma vez que, o preparo de uma mamadeira é mais trabalhosa do que dar o peito ao bebê. Além da praticidade, o A.M. evita gastos com a compra de mamadeira, leite artificial e previne a criança de doenças e gastos com cuidados médicos.

Estas riquezas advindas das entrevistas compõem muito dos conteúdos e formas de ver o A.M. para que as crianças passem à montagem das historietas e mais adiante, às encenações. Os escolares apropriaram-se do conhecimento de A.M., pela participação deles na construção, a partir de suas histórias de vida individual e coletiva.

#### **5.4.3 – “Construindo historietas: conteúdo revelador de uma aprendizagem”**

Os conteúdos das historietas foram reproduzidos aqui, integralmente, mantendo-se, inclusive, os erros ortográficos e de sinais de pontuação produzidos pelos alunos compositores das mesmas.

A escrita dos alunos mostra fragmentos da sua compreensão sobre o tema, permitindo também conhecer as relações sociais que transparecem nesta prática pedagógica realizada com estes escolares.

Os nomes dos autores das “historietas” são verdadeiros, em respeito à reflexão e criação dos textos feitos e interpretados pelas crianças escolares.

Por sua vez, os nomes dados aos personagens das historietas, são fictícios, e foram criados pelas crianças na qualidade de autores dos textos; por isso, inteiramente respeitados na forma de escrita.

## HISTORIETA 1: A “DISCURSÃO” DO ALEITAMENTO MATERNO

Autores: Valdir, Jony, Alexsandro, Felipe e Mário.

Florianópolis, 30 de junho de 1997.

**Narrador:** Um dia foram dois fabricantes, fazendo propaganda, um vendia mamadeira e o outro leite em pó. Eles estavam dizendo que o que estavam vendendo era bom para a saúde dos bebês. Logo depois passou um médico dizendo que não valia a pena comprar coisas que fazem mal para a saúde do bebê, os vendedores começaram a discutir com o médico falando que os seus produtos eram bons para o bebê. Mas o médico reagiu e falou:

**Dr. José:** Prova que isso é bom para o bebê!

**Narrador:** O fabricante de mamadeira disse:

**Antônio:** Eu estou vendendo coisas boas para o bebê.

**Narrador:** O médico disse:

**Dr. José:** Estás errado.

**Narrador:** E começaram a discutir. E o fabricante do leite em pó disse:

**Antônio:** Se eu estivesse vendendo coisas erradas não estaria vendendo aqui.

**Mário:** Se meu filho não estiver saudável quando tomando o leite vou dar queixa no Ministério da Saúde.

**Narrador:** O comprador deu leite ao seu filho, mas seu filho não teve saúde ao tomar leite em pó. O fabricante do leite em pó implorou para o comprador não dar queixa. O comprador desculpou-o, mas com a condição que entregasse o dinheiro e não vendesse mais isso, porque só prejudica o bebê. Passaram-se três meses e o mesmo fabricante foi vender leite em pó, mas não recomendado para crianças menores de seis meses.

E o médico disse:

**Dr. José:** Parabéns! Até que enfim fizestes uma coisa boa.

**CONCLUSÃO:** Colocar a criança ao seio materno favorece a secreção do leite. As glândulas mamárias começaram a produzir leite materno, a alimentação ideal do bebê, pois é durante a amamentação que a criança recebe da mãe substâncias imunizadas contra várias doenças.

### Análise e reflexão sobre o dizer e o saber dos alunos

É interessante destacar que este grupo é composto somente por alunos do sexo masculino. O título da historieta mostra a dificuldade dos autores em dominar a estrutura da palavra **discussão**. A idéia do grupo é de abrir um debate para um assunto cheio de controvérsias e que se assenta muito bem durante as conversas de homem. Neste cenário, o tema tem que ser polêmico, cheio de ações e com final consensual. O grupo se preocupou ainda em destacar as negociações de idéias entre eles, e, no final, predominou a boa ação, a boa aprendizagem.

Os fabricantes percebem o valor da propaganda conjugando dois produtos destinados à amamentação da criança e afirmam que ambos são de excelente qualidade para a saúde dos bebês. A propaganda, nesta perspectiva, incentiva e facilita a fantasia e os desejos de muitas mães em manter os filhos saudáveis e nutridos.

A presença do médico e a sua postura de enfrentamento com os dois vendedores mostra uma das formas materializadas da dominação médica frente a pessoas que possuem um conhecimento limitado sobre o assunto da alimentação infantil.

O médico exige com arrogância uma explicação técnica dos vendedores, com vistas a desmascará-los, pois ele sabe que a propaganda é enganosa e prejudicial à vida dos bebês. Nesta breve historieta, a figura do médico tem a liderança autoritária sobre os demais e uma postura de orientador que se fez respeitar pelo título e não pelo que poderia acrescentar ao grupo como um conhecedor do tema. Entretanto, ele não aproveita este momento para agir como um profissional que conhece o tema e poderia fazer uso do seu status de autoridade médica para socializar novos saberes.

O pai do bebê, diante das informações contraditórias que ali são reveladas, fica confuso e, numa atitude de defesa, diz que denunciará ao Ministério da Saúde caso seu filho venha a ficar doente. Assim, ele se coloca como guardião da saúde do filho e busca exercer o seu direito de consumidor. Ele parece ter uma posição bastante favorável ao A.M., porém o discurso dos homens é forte e, portanto, ele tem dificuldades para tomar decisões.

O comprador pai relata que o seu filho não teve saúde ao tomar o leite em pó, mas, aproveitando a oportunidade deixada pelos apelos dos vendedores, não os denuncia aos órgãos de controle de alimentos e de saúde e faz um trato com eles. Entretanto, esta

negociação produziu algo de positivo, pois os vendedores mudaram a estratégia de venda do leite em pó e da mamadeira e passaram a recomendar o leite em pó para crianças a partir de 6 meses de idade.

As falas e a linguagem são carregadas de uma mensagem de autoridade, presente em todas as falas e intenções destes personagens. Cada um é cada qual, dentro deste contexto de homens que discutem o A.M. numa perspectiva de comercialização e de divulgação da qualidade destes produtos. Além disso, o discurso dos homens é carregado de um conteúdo de racionalidade, deixando de abordar as várias vantagens que o leite materno pode oferecer à criança e à mãe.

O profissional médico, ao perceber a mudança de atitude dos vendedores, prontamente afirmou: “Até que enfim vocês fizeram uma coisa boa.” Bem que a frase poderia ser verbalizada de outra forma: “Vocês não podem vender produtos que prejudicam a saúde das crianças. Principalmente relacionadas à alimentação dos bebês nos seis primeiros meses de vida.”

A conclusão da historieta elaborada pelos autores do texto nos leva a perceber que os autores traduziram os seus conhecimentos atuais sobre o A.M. e buscam saídas possíveis entre a utopia e os “pés no chão” frente a um saber milenar, cheio de mitos e valores. Na construção desta historieta, os autores trazem na sua conclusão um conjunto de certezas e de conhecimentos que nos remetem a pensar na estrutura e característica de uma fábula.

Segundo Moisés (1982), a fabulação traz uma mensagem moral implícita ou explícita que encerra uma estrutura dramática. É evidente que as falas “moralistas” desta conclusão, têm a intenção de oferecer ao leitor ou ouvinte uma mensagem confiável que deve ser seguida e incorporada.

Chama a atenção a ingenuidade das crianças ao pensar que o Ministério da Saúde canaliza este tipo de denúncia, mas ao mesmo tempo sustentam-se numa perspectiva ampliadora e esperançosa quanto ao direito de participação do cidadão.

## HISTORIETA 2: O PRIMEIRO FILHO

Florianópolis, 21 de junho de 1997

Autores: Mayara, Fernanda, Isabela, Amanda, Caroline, Jamília

Esta história fala de Dona Flávia e sua filha Carla, que teve um bebê há uma semana.

Todos estiveram esperando ansiosos a chegada do neném, seria o primeiro neto. A vizinha, Dona Benta, dava seus palpites.

- Bom dia, Dona Flávia! Como vai a Carla e o neném?

- Vão bem! Hoje ela tem alta da maternidade, e vem aqui pra casa.

- Ela pretende amamentar Dona Flávia?

- Claro, o leite materno é muito importante. Criança que mama fica imune a muitas doenças.

À tarde D. Flávia foi com seu marido João buscar Carla com o neném, pois o marido de Carla estava viajando.

Quando chegaram, Cíntia, irmã caçula de Carla, estava cheia de perguntas para fazer.

- Como foi o parto? E o neném, posso segurar? Quando você sair eu posso dar mamadeira?

- Calma Cíntia, uma pergunta de cada vez. Foi tudo bem e eu vou deixar você segurar, mas dar a mamadeira não.

- Mas por que Carla?

- Ora, porque eu pretendo só amamentar.

- E quando você sair?

- Eu amamento antes de sair ou eu levo o neném junto comigo.

Carla tinha bastante leite e seu neném cada dia ganhava mais peso e saúde. Muitas vezes ela tinha tanto leite, que mandava até para o Banco de Leite da Maternidade.

Ela retirava do seio com uma bombinha apropriada que já armazenava o leite. Depois telefonava para a Maternidade que vinha buscar.

A enfermeira Márcia toda semana ia na sua casa buscar.

- Oi Carla! Como vai, tudo bem?

- Tudo Márcia. Hoje já retirei o leite pra você levar.

- Que bom Carla, pois muitas crianças do berçário estão precisando. É uma pena que tenham mães que muitas vezes não podem amamentar, sem falar nas desenformadas que preferem a mamadeira.

É verdade, se todas soubessem de como é importante para o neném mamar. Ele terá muito mais saúde.

### **Análise e reflexão sobre o dizer e o saber dos alunos**

O texto foi escrito por seis meninas do Colégio público. As questões abordadas e a linguagem utilizada, revelam preocupação com as dificuldades que geralmente a mulher primípara enfrenta quando amamenta o seu bebê. As relações familiares e sociais são bastante evidenciadas, o que retrata de forma original o cotidiano desta família, assim como as formas de ajuda e de solidariedade que permeiam a cultura e o viver desta gente.

Os integrantes e vizinhos desta família se unem em torno da chegada do bebê e todos demonstram preocupações em acolher e assistir com carinho o novo ser.

Este modelo de família é entendido por Gomes (1994) como um espaço primário de socialização, que promove condições adequadas de cuidado para com as crianças e cria as condições fundamentais para o desenvolvimento psicológico saudável.

A mãe da parturiente, quando perguntada pelas vizinhas se o bebê vai ser amamentado no peito responde com muita convicção que sim e, de imediato, explica para a vizinha a vantagem do A.M. e o seu valor como agente imunizante de doenças da infância.

O que chama a atenção é o fato de a irmã, sendo filha de uma defensora do A.M., demonstrar neste diálogo desconhecer a importância do leite no peito e vai logo se prontificando a oferecer a mamadeira ao bebê, pois ela carrega na cabeça a cultura da mamadeira.

A jovem mãe demonstra o desejo de amamentar o filho exclusivamente no peito de forma rotineira, mesmo que ela tenha que sair de casa devido a seus compromissos.

A “enfermeira” visitadora do banco de leite, ao perceber que a mãe já retirou o leite, aproveita para reforçar o valor de seu ato e comenta que as crianças do berçário necessitam do seu leite e da importância dele para os bebês.

Assim, a enfermeira vai desmistificando a ideologia do discurso oficial de que toda a mulher pode amamentar e se colocando de forma compreensiva e respeitosa com o direito de cada mulher. Assim, a postura da enfermeira é de compreensão e de respeito com as individualidades das mulheres dentro de um contexto sócio-histórico-cultural.

Sou levada a concordar com Silva (1997) quando afirma que as influências do desmame precoce são múltiplas e estão estreitamente relacionadas com a persistência das mulheres em manter o A.M.

Podemos perceber que as autoras reconhecem a enfermeira como um profissional próximo ao seu universo e que ela consegue manter uma atitude de colaboradora e de incentivadora do A.M. A mãe demonstra estar bem orientada, pois ela conhece a estrutura e as pessoas que lhe cercam para ter uma amamentação feliz. A sua autoridade é percebida no jeito de se relacionar, no diálogo e também pela relação amorosa com que é aceita nesta família. Ela se destaca não pela coleta do material na casa e sim pela ação educativa e na coerência da sua fala, quando conversa com a mãe sobre o tema.

### HISTORIETA 3: AMAMENTAÇÃO

Florianópolis, 21 de Junho de 1997

Autores: Bárbara, Nicole, Emili, Eliza, Maria Isabela

**Bárbara** - Certo dia, numa manhã de sol, Luiza estava jogando bola com suas amigas até ouvir sua mãe a chamar:

**Maria Isabela** - Filha, venha almoçar!

**Eliza** - Está bem mamãe.

**Bárbara** - Quando entrou, ouviu Rafael, seu irmão, chorar e perguntou:

**Eliza** - Onde está a mamadeira do Rafinha?

**Maria Isabela** - Eu joguei fora.

**Bárbara** - E a babá que estava pronta para ir ao baile escutou e falou:

**Bárbara** - E agora como vou amamentar o Rafael?

**Maria Isabela** - Você não vai mais amamentar o Rafael.

**Bárbara** - Por mim tudo bem, mas por que isto?

**Maria Isabela** - Porque vou amamentá-lo exclusivamente no peito.

**Eliza** - Para que você quer amamentá-lo no peito?

**Maria Isabela** - Porque o leite do peito é mais econômico, saudável e não transmite doenças. Já a mamadeira não é saudável, transmite doenças e é caro para a mulher brasileira.

**Bárbara**: E a sua filha encantada no assunto falou:

**Eliza** - Mamãe, eu quero saber mais sobre este assunto.

**Maria Isabela** - Está bem, vou chamar uma velha amiga.

**Bárbara** - Depois de meia hora...

**Maria Isabela** - Oi Carol, vai tudo bem?

**Emili** - Sim, vai tudo bem, e quem são essas crianças lindas?

**Maria Isabela** - Obrigado em vir aqui para falar sobre a amamentação.

**Emili** - É, a amamentação é muito importante porque a mamadeira trás muitas doenças como desnutrição, e com estas doenças ela mata muitas crianças e então é chamada de assassina de bebês.

**Bárbara** - Luiza estava com uma curiosidade imensa e perguntou:

**Eliza** - Se ela é assassina, por que não a prenderam?

**Emili** - Isto eu não sei explicar.

**Bárbara** - A conversa estava ótima até que a babá olhou para o relógio e gritou:

**Bárbara** - Ai, estou atrasada para o baile, adeus.

**Eliza** - Carol você não quer almoçar conosco?

**Emili** - Se não for incômodo, quero sim.

**Bárbara** - Então com muito esforço o Rafael falou:

**Nicole** - Vamos comer.

### **Análise e reflexão sobre o dizer e o saber dos alunos**

Segundo Freire (1995), quando estimulamos a imaginação da criança, ela se revela e mostra o que quer e como quer o seu mundo exterior.

Esta historieta foi escrita por cinco meninas do Colégio particular e aqui a família tem uma estrutura burguesa, pois ela tem empregada que auxilia na preparação da mamadeira. A mãe do bebê não sabia dos agravos do uso da mamadeira e só recentemente ela decide dar o peito ao filho.

Os métodos artificiais de alimentação infantil, tais como a mamadeira acompanham o pensamento de pessoas no mundo ocidental (Lang, 1997). Nesta historieta, a filha é jovem, joga bola com as amigas e acredita que a criança, ao chorar, tem fome e deseja a mamadeira. O choro do Rafael pode ser contido com o oferecimento da mamadeira, pois ela entende que o choro não tem outros significados. Assim a mamadeira é aceita como a grande aliada para tranquilizar e nutrir a criança.

A mãe, ao perceber que o filho mama na mamadeira, toma a decisão de jogá-la fora causando indignação junto à babá e a sua própria filha, revelando assim, uma mudança repentina de postura frente a amamentação do próprio filho. Este diálogo é cheio de novidades e de novos saberes deixando transparecer que a mãe agia e percebia a questão do A.M. de forma diferente de seu atual entendimento.

Segundo Silva (1997, p. 17), “embora a amamentação seja um ato natural, ela ocorre em grande parte no aprendizado e na experiência de cada pessoa, principalmente se efetiva pela observação e exemplo”.

Neste cenário de ampliação de um novo saber, a filha revela o desejo de conhecer o tema e a mãe recorre à ajuda de uma mulher que ela considera uma velha amiga e

conhecedora do A.M. Ao recorrer à mulher, a mãe reforça a imagem da natureza biológica feminina para cuidar e orientar sobre temas de saúde, em especial o A.M.

A sua orientadora, é uma velha amiga e não uma profissional ligada a um programa de incentivo ao A.M. Neste contexto, surgem algumas interrogações: Ela não fez pré-natal? E se o fez, não recebeu orientação sobre o A.M.? Ela só acata orientação de pessoas do seu ciclo social? Ou a sua convocação era para distensionar um conflito de idéias?

Neste espaço de aprendizagem compartilhada, a ZDP é estimulada, de modo que as funções ainda não reveladas passem a amadurecer. Assim, a mulher educadora passa a ter uma ação de mediadora entre as três mulheres desta historieta. Nestas trocas interpessoais se vão consolidando a aprendizagem e, conseqüentemente, o desenvolvimento destas pessoas.

Percebe-se a associação entre o saber das vivências acumuladas e a credibilidade de uma amizade antiga permitindo a todas acatar os conselhos e orientações da amiga. Destaca-se a humildade da amiga em reconhecer os seus limites frente ao tema.

A hierarquia do saber e a relação de poder é representada pela amiga, pois ela foi capaz de resolver um conflito de idéias e de gerações evidente neste texto. Nas suas falas, há um destaque para os agravos do uso da mamadeira, deixando de mencionar as vantagens do oferecimento do peito, em especial o fortalecimento dos laços afetivos e emocionais que somente o A.M. proporciona.

Pode-se perceber ainda que é uma linguagem pontual sem possibilidades de gerar questionamentos mais profundos sobre o tema.

Percebe-se que as escritoras omitem a formação profissional da velha amiga. O nome Carol escolhido para esta personagem é o apelido da mediadora, enfermeira e está trabalhando este tema com os autores. Mesmo omitindo a formação da Carol, os autores lhe colocam numa posição de destaque, como alguém que sabe orientar e aconselhar pessoas com problemas de saúde. Assim, esta personagem poderá ser entendida como a imagem que os autores delegam ao profissional da Enfermagem.

## HISTORIETA 4: AMAMENTAÇÃO MATERNA

Florianópolis, 21 de Junho de 1997

Autores: Mabiana, Laís, Laerte, Marcelo e Guilherme

**Mabiana** - A mãe não estava amamentando com o leite do peito.

**Laís**: Eu prefiro amamentar com o leite em pó. Eu ferver a mamadeira, esquento a água e junto o leite e está pronta a mamadeira.

**Marcelo**: Mas quantas latas gasta por mês?

**Laís**: Eu gasto 25 latas por mês. Ele vai tomar só mamadeira até 6 meses, depois precisa menos.

**Mabiana**: Quanto custa cada lata de leite?

**Laís**: Ah! Custa R\$ 4.20. Isso é muito barato!

**Mabiana**: Mas pense bem, mãe, são R\$ 4.20 x 25 = 105 reais durante 6 meses você vai gastar 630 reais mais a mamadeira e o gás para esquentar o leite. Além disso, vai precisar de muitos remédios caríssimos.

**Laís**: É mesmo eu vou gastar muito dinheiro e eu não ganho tanto assim para ficar gastando direto. E o meu filho será amamentado com o meu leite, sentiremos mais amor um pelo outro. O leite nunca será quente nem frio demais. Ainda bem que vocês me alertaram sobre isto. Com este dinheiro posso comprar roupinhas novas para o meu filho e comprar mais comida para minha família.

### Análise e reflexão sobre o dizer e o saber dos alunos

A construção desta historieta contou com a participação de cinco alunos do Colégio público, sendo que o grupo é misto: duas meninas e três meninos.

O conteúdo desta historieta é dirigida aos aspectos econômicos e a sua repercussão financeira no cotidiano nas famílias, e, em especial, da mulher nutriz, quando alimenta o filho com o leite em pó.

Será que o interesse por este assunto tem uma relação com a composição predominante de escolares do sexo masculino e a sua identificação pelos temas econômicos?

Os autores utilizaram cálculos matemáticos para mostrar os altos custos do emprego do leite artificial e algumas desvantagens dessa decisão. Asseguram também que o leite em pó necessita de mamadeiras, incluindo outros gastos no seu preparo.

O grupo percebe que o bebê alimentado com o leite em pó pode ficar doente e os custos com a compra de remédios vão onerando cada vez mais a mãe.

É interessante perceber que aqui a mãe é a responsável pela compra do leite em pó, sendo que a figura do homem como provedor da manutenção financeira desta família não é citada. O fato de que hoje a família brasileira está cada vez mais distante do modelo clássico “pai todo-poderoso, mãe dona-de-casa e muitos filhos”.

Segundo pesquisa do Jornal A Folha de São Paulo de 20/09/1998, a família atual é largamente constituída de pais solteiros e que vivem só com os filhos. O grupo formado por mães solteiras tem os piores indicadores de renda. Isto indica que a mulher “ficou mais forte”, pois além de cuidar da educação dos filhos e das tarefas domésticas, ainda aumentou sua participação na renda da casa.

Neste cenário, os autores parecem ter incorporado o novo papel da mulher no contexto sócio-cultural e econômico da atualidade. Ela de dona-de-casa, passou a dona da casa.

O texto contém um discurso racional, permeado de uma linguagem contábil, sem abordar as questões emocionais, imunológicas, e tantas outras fortemente presentes e reconhecidas no leite materno. A mãe se deixa seduzir pelos argumentos dos contabilistas e prontamente direciona o seu olhar para a boa utilização do seu dinheiro. O destaque é também para o fato de os homens, nas suas falas, se dirigirem sempre para a mulher como a compradora e financiadora dos gastos com a aquisição do leite artificial. O que era raro passa a ser comum nos dias atuais: a mulher é mantenedora do lar, da alimentação natural e artificial do seu filho.

Outro destaque é a valorização da praticidade do leite artificial que é dada pela mãe e a justificativa pela escolha.

Para Silva (1997, p.215), “os motivos que levam a mãe a amamentar estão ligados principalmente aos valores nutricionais do leite materno.”

Surpreendentemente, esta mãe explica o seu ato, não pelas vantagens e qualidades do leite natural, e sim pelas pressões do mercado e da cultura do uso da mamadeira.

Paralelamente, os argumentos de reprovação empregados pelos seus amigos, são compreendidos e aceitos pela mãe, levando-a a perceber os atributos do leite materno como elemento de ligação efetiva entre mãe e filho, das vantagens econômicas que ela poderá proporcionar à sua família.

### **HISTORIETA 5: VENDEDOR FAZENDO A CABEÇA DE UMA MÃE**

Autores: Sandro, Larissa, Roberto, Kátia.

Florianópolis, 30 de junho de 1997.

**Vendedor-** que vai está atrás da mesa com uma caixa ou latas fazendo propaganda do leite em pó. Prender na parede um cartaz com a frase: VENDE-SE LEITE EM PÓ E MAMADEIRA. Neste momento deve ir falando alguma coisa, do tipo: Hoje eu tenho que vender muito leite para os bebês.

**Larissa-** vai passando em frente do vendedor levando o bebê no braço e ele a chama para conversar.

**Vendedor-** Oi ! Mãe a senhora pode vir até aqui?

**Larissa-** Sim. O que o senhor deseja.

**Vendedor-** Eu me chamo Carlos e estou vendendo para todas as mães um leite de primeira qualidade para os bebês.

**Larissa-** Este leite é bom mesmo?

**Vendedor-** Sim . ele é ideal. Com uma colherinha bem pequena e um litro de água morna você prepara um litro de leite, que alimenta o seu filho por um dia. Além disso este leite substitui o leite materno.

**Tio-** Vai passando e pergunta para a LARISSA: O que você está fazendo ai?

*Larissa* - Estou comprando leite em pó para o meu bebê.

*Tio*- Mas, LARISSA, isto prejudica a saúde do bebê. Você tem leite suficiente para alimentar o seu filho. Não vá atras de conversa dos outros.

*Vendedor*- Ë. Se ela oferecer somente o peito ao bebê o seu peito vai cair e você vai ficar feia.

*Tio* - Isto não é verdade. A mamãe amamentou todos os 12 filhos e os seus peitos não ficaram flácidos. Além disto nunca tivemos doenças.

Neste momento vai passando a Dra. CARMEM e resolve parar para ouvir a conversa dos Três.

Boa tarde. Eu me chamo CARMEM, sou médica pediatra e vejo que vocês estão com dificuldades de compreender o valor do leite materno.

Por coincidência eu estou com um livro que acabei de receber e ele fala sobre como amamentar o bebê.

A Dra. CARMEM inicia a leitura fazendo comentários .

Após a explicação da Doutora o VENDEDOR diz:

Neste momento eu mudei de idéia e eu não irei mais vender leite em pó e mamadeira para as mães que têm filhos com até 6 meses de vida.

*Tio*- AGORA QUE TUDO TERMINOU BEM, EU VOU CANTAR UMA MÚSICA PARA VOCÊS. MA.M.ÃE, MA.M.ÃE EU QUERO. MA.M.ÃE EU QUERO MA.M.AR DÁ CHUPETA PRÓ BEBÊ NÃO CHORAR.

### **Análise e reflexão sobre o dizer e o saber dos alunos**

Os autores percebem a força da propaganda como recurso formador de opinião pública, capaz de influenciar os movimentos sociais e suas decisões. Assim, ao definir uma ambiciosa meta do tipo vender muito leite em pó, só resta “fazer a cabeça” das mães que passam no local.

Quem faz a “cabeça de alguém” nem sempre é possuidor do conhecimento, embora tenha uma força de dominação e de persuasão sobre uma outra pessoa. A mãe aqui

é vista como alguém que pode ser facilmente manipulada mesmo em assuntos ligados à sua essência de mulher. Araújo (1997, p. 53) afirma que a mulher é dona de muitos direitos e entre eles destaca “o direito de gestar e parir com segurança, o direito de amamentar como resultado de uma opção consciente”. [Grifo do autor].

O vendedor utiliza-se do marketing de qualidade do produto para sensibilizar a mãe, além de afirmar que o produto pode, e deve, ser comprado por todas as mulheres. Parece que eles não acreditam que o homem possa e deva comprar alimentos para os filhos, por isso, eles só vendem leite para as mulheres.

O vendedor parece desprezar a venda para mulheres que não estão amamentando, como também não se dirige para o comprador do sexo masculino. Curiosamente, o vendedor se sente encorajado e seguro para vender o leite em pó e as mamadeiras para as mulheres não considerando os homens como seus potenciais clientes. Em assim sendo, é estranho que ele possa falar de um produto e de uma prática, que ele mesmo acha que é de competência das mulheres. Ele explora de forma certa uma questão que tanto tem interferido na decisão de mulheres de amamentar no peito um bebê.

A escolha da figura do homem como vendedor de um produto socialmente direcionado à mulher, nos permite perceber uma forte relação de gênero, em que a figura do homem é quem tem o saber apropriado para impor o leite às mulheres. Parece que esta atitude dirigida à mãe tem uma vinculação com o papel da mulher como responsável pelo cuidado e alimentação da família, em especial, da criança.

O vendedor veicula a imagem de praticidade no preparo do alimento, trazendo uma receita econômica para seduzir as mães. Segundo Silva (1997, p. 225), “a amamentação é um processo frágil, e estando a sua continuidade sujeita aos objetos das diversas dimensões da vida da mulher...” portanto, ao apelar para a questão da praticidade e da eficiência do leite em pó, ele atinge um ponto de vulnerabilidade na mulher trabalhadora que precisa encontrar mecanismos facilitadores do seu dia-a-dia diante da função da maternagem.

A proposta do vendedor de substituir o leite natural pelo leite artificial de forma tão contundente, poderá criar um conflito de decisões na mulher. A substituição não permite dúvidas entre os “produtos anunciados”: é “líquido e certo”, ou seja, o primeiro substitui o segundo produto.

A pergunta dirigida à Larissa revela a presença do “macho” controlador do comportamento feminino, mesmo no interior do ambiente primário das relações familiares. A desigualdade como forma de pressão dos homens sobre mulheres é citada por Lopes (1996, p. 70): “ser mulher em nossa sociedade significa estar inserida enquanto agente social, num sistema cujo conteúdo é pautado por subordinações”. A fala do tio tem um teor de crítica significa: “você não deveria estar aí”. Larissa é repreendida por estar buscando, ou desejando somente conhecer, algo que poderá ser uma alternativa para o seu momento. Parece-me que ela é mãe e criança ao mesmo tempo.

Silva (1997, p. 177), revendo as influências do meio sobre a mulher nutriz, afirma “ela apresenta-se vulnerável às opiniões e conselhos das pessoas com as quais interage em seu meio”. A obrigatoriedade de amamentar a criança está fortemente presente nas palavras do tio e, por conseguinte, ele poderá representar as opiniões das pessoas com as quais ela convive. Assim, o conflito do mando se releva neste momento da historieta, e a mulher vê-se imprensada entre dois caminhos: o tradicional - o leite artificial como um meio de aliviar a pressa de seu dia a dia - e o afetivo/emocional - se ela tem o leite e o nega à criança, ela não está sendo uma “boa mãe”.

A mulher é fácil de ser seduzida e incapaz de se defender, de tomar decisões, enfim, a sua condição mesma de mulher a torna vulnerável. A figura do protetor é percebida no discurso do tio, carregado de generalizações: “todos são ruins, menos eu. Portanto, eu sei o que digo e você deve me ouvir”.

Como se pode ver na fala do tio, que se contrapõe a esta fala do vendedor, paralelamente convivemos com outro discurso: o estético, recheado de valores como a feminilidade resume-se a “peito duro e belo”. O discurso político está presente em várias campanhas do A.M. e, aos poucos, este assunto vai cercando as mulheres com diferentes abordagens. Araújo (1997) denuncia o discurso ambíguo da mídia quando fala do tema A.M. nos meios de comunicação.

O argumento empregado pelo tio para anular as palavras do vendedor inclui a força do exemplo vivenciado por sua mãe. É portanto, inquestionável, “amamentou e todos foram saudáveis”. Ele propala a rigidez dos peitos da sua mãe, querendo assim desfazer a imagem de que o peito cai nas mulheres que amamentam os filhos. Segundo Silva (1997) a crença de que a amamentação traz modificações anatômicas nas mamas, é culturalmente

presente na vida das mulheres. Neste diálogo, o homem categoricamente afirma não ser esta a verdade. É interessante notar que o homem que afirma que o aleitamento não deforma a mulher não é o seu parceiro. Além disso, o que ele afirma ele próprio acredita? Ao defender esta posição, ele está resgatando e valorizando o gesto da sua mãe, aliando-o ao sentimento do amor e devoção materna. Segundo Silva (1997), este tipo de julgamento estético pode ser um elemento decisivo para o envolvimento da mulher no processo do aleitamento, ou não.

O saber profissional da médica é aceito no grupo, pois ela é pediatra; sabe cuidar e orientar as pessoas sobre a saúde das crianças. A hegemonia do saber médico é expressa quando ela diz ter um livro que aborda este tema e, portanto, ela tem ambos o título e a prova documental representada pelo livro, credenciais fidedignas que lhe permitem ensinar aos outros. Estas “verdades” médicas permeiam a produção e a reprodução das relações entre o profissional médico e as demais pessoas, especialmente a mãe. Lopes (1996, p. 86), traz as seguintes reflexões “o médico conserva o monopólio da implementação e da orientação do processo da cura. Essa autonomia que o permite construir legitimamente o discurso sobre a saúde que será a antítese do discurso sobre a doença”. Assim, a fala da médica é ouvida e acatada.

Ao delegar à mulher médica a decisão final da discussão sobre a venda do leite em pó, reforça o que Budó (1997, p. 181) afirma: “É a mulher que detém o saber sobre o cuidado”. A competência deste conhecimento se assenta e se revela no saber popular. Assim, as palavras da médica adquirem um valor bem maior junto ao grupo de homens, pois ela é mulher e médica que cuida de crianças.

O vendedor diz ter mudado de idéia, após ouvir os argumentos da Dra Carmen e diz que não mais vende o leite em pó. Se o vendedor deixa de crer no valor daquilo que comercializava em favor do A.M., a mãe, que só contava com o apoio dele, fica sozinha em meio aos que apregoam o A.M. Assim, a mãe foi habilmente “encantada” e levada a seguir outro caminho e ceder à força do discurso oficial.

Os autores mirins trazem à tona a questão da estética dos seios e a sua relação com o ato de amamentar. Esta relação é fortemente presente na nossa cultura e os alunos parecer ter percebido o significado do “ter peitos belos e duros” e a sua importância no imaginário dos homens e das mulheres.

Percebe-se pelas falas que ali havia um confronto de idéias envolvendo três pessoas, sendo dois dominadores homens e uma mulher submissa. Esta relação somente foi quebrada com a autoridade social da médica, associada à sua imagem de mulher estudada e especialista nestes assuntos. Entretanto, a última palavra para encerrar a discussão do assunto é a do homem. No final da historieta, embora a mãe nada diga, tem-se a impressão que a questão está selada: não há espaço para outro tipo de opção além do A.M. Os personagens masculinos, ao cantarem a música passam uma impressão de deboche e brincadeira ao lidar com questões ligadas às mulheres, em especial ao tema aleitamento materno. É significativo que, da música, cantam o trecho do refrão favorável ao discurso político, mas também verbalizam uma parte que o contradiz, (dá chupeta, dá chupeta pro bebê não chorar). Está assim revelada a contradição da aceitação.

A mudança repentina das estratégias de venda e no discurso dos vendedores nos leva a perceber o reconhecimento do valor do A.M. por homens e mulheres. Entretanto, as indústrias na avareza de obtenção de muitos lucros, violam os direitos do consumidor quando tentam confundir as mães e assim elas vão neutralizando o seu papel histórico e social.



## 6. TRILHA DA REFLEXÃO

*Ao ouvir o seu coração, a sua intuição e a sua sensibilidade, interagindo com o seu saber e o saber do outro, você estará caminhando para a melhoria do universo.*

## **6.1 - Conceitos no processo: tecendo o meu fazer**

Ao analisar a minha atuação como mediadora neste trabalho chego a perceber claramente o quanto foi difícil romper com as amarras dos métodos tradicionais de ensino e agir de forma interativa e facilitadora da aprendizagem.

As questões relacionadas à ética foram muitas e já tratadas à parte, mas, na aplicação dos conceitos éticos, estes foram trabalhados no dia-a-dia dos encontros, tendo como preocupação evitar que os escolares se transformassem em juízes do seu processo de aleitamento. A estratégia utilizada foi a de fazer-lhes entender que a amamentação é um processo natural, estando na dependência do “dever” e do “poder” oferecer o peito ao bebê.

### ***6.1.1 - Entre os conceitos desenhados e presentes no processo***

À medida que o trabalho foi sendo desenvolvido, os conceitos mostraram-se de maneira articulada e apropriados, em consonância com os objetivos propostos.

**LÚDICO** - Incentivar escolares a reconstrução do que foi observado, contado e assimilado nos encontros sobre o A.M., foi possível através da imitação de ações que estão dentro da sua zona de desenvolvimento proximal.

Trazer a ludicidade para a sala de aula utilizando a arte de contar, cantar e criar historietas foi e será um recurso de ajuda na aquisição do saber, do prazer e da saúde mental com abrangência junto à humanidade.

O conceito de lúdico empregado, facilitou o rompimento de algumas dificuldades presentes na minha formação enquanto educadora, dando-me chances de vivenciar o “faz de conta” numa atividade de saúde escolar.

Assim, eu me transformo num SER que entende o lúdico como um recurso de ajuda emocional, de descontração, de criatividade e de colaboração com a saúde das pessoas.

Ao rever as questões éticas relacionadas a este conceito tive algumas atitudes, às quais comento: Incentivei os escolares a escolherem o nome para uma criança desenhada

num cartaz afixado em sala e coloquei em cada sala uma caixinha para correspondência entre alunos e mediadora, e a criança do desenho. Pois bem, no decorrer dos nossos encontros estas duas atividades foram ficando de lado, culminando com o seu total abandono. Neste momento, fica aquela sensação do iniciado e do não acabado.

**AMAMENTAÇÃO** - Ao confrontar este conceito com o trabalho desenvolvido com os escolares, sou conduzida a concordar com Jellife, apud Araújo (1990), quando afirma que: o aleitamento materno sendo uma prática milenarmente utilizada pelas mães nas mais diferentes culturas, torna-se fácil a sua abordagem, necessitando contudo, de estratégias apropriadas de ensino para resgatar e promover a sua prática.

Os escolares foram desafiados a conhecer sobre amamentação de um modo reflexivo, a partir das trocas de informação familiar identificando o aspecto histórico-cultural sobre amamentação que lhe diz respeito, adiantando assim, o conhecimento de que podem ser construídas funções psicológicas em processos mentais que estão para ser desabrochados (Dimensão Prospectiva).

Este trabalho, teve como abordagem a dimensão prospectiva, baseada no conceito de Vygotsky, vinculando o princípio de afirmação de valores do A.M. para o ser saudável no mundo. Para isto, através de uma estratégia de ensino-aprendizagem, provoquei um pensamento crítico, um sentimento, um desejo, uma imaginação e uma sensibilidade sobre o desmame precoce e sobre o próprio A.M., relacionando-o epidemiologicamente com a morbi-mortalidade infantil.

Assim, o circuito de atividade entre os escolares veiculados por uma postura pedagógica desta natureza desembocou numa aprendizagem crítica da amamentação como a primeira das medidas maternas de proteção de um ser humano ao seu viver saudável.

**ENSINO APRENDIZAGEM** - O ensino na teoria histórico-cultural permitiu ao aluno construir a sua aprendizagem através de suas interações sociais e a partir das trocas estabelecidas com seus semelhantes e não somente através do seu processo de maturação orgânica.

A associação deste conceito com os demais utilizados, em especial com o lúdico e as habilidades histórico-culturais se constituíram em ferramentas essenciais para a metodologia empregada.

A intencionalidade de provocar no escolar um contato com seu meio sociocultural, através do aprofundamento de tema como A.M. só foi possível com o emprego das idéias projetadas por Vygotsky referentes ao Desenvolvimento precoce das funções psicológicas que estão por vir.

Foi dado destaque ao valor da interação no aprendizado, apoiando-me na construção do conhecimento partilhado, já que através dos outros, a relação entre sujeito e conhecimento são estabelecidos.

Neste trabalho, a Enfermagem teve um Projeto Pedagógico, que se propôs ao desenvolvimento de um processo que adianta as funções psicológicas que estão por vir (Dimensão Prospectiva).

A intencionalidade de provocar o aluno em contato com seu meio sócio cultural possibilitou que ele construísse a sua aprendizagem pela interação com outros. As formas lúdicas e, em especial a narração e interpretação de historietas, apoiaram a construção do conhecimento compartilhado e veicularam as experiências sobre a aprendizagem do A.M.

**CRIANÇA/SER SAUDÁVEL** - As crianças escolares apresentaram-se como seres pensantes, criativos, interativos, com sentimentos diversos, que num processo de troca construíram algo novo, que trouxe na sua essência a compreensão do vivido e do seu meio sócio-histórico-cultural.

A interação estabelecida entre os envolvidos (mediadora, escolares e famílias) estabeleceu mão dupla na produção do conhecimento do tema A.M. Historicamente, através desta interação, o ser humano se abre para si, através do outro, na direção da transformação do universo. Portanto, ele é social e cultural.

A construção do ser saudável neste trabalho se manifestou quando as questões ligadas ao A.M. eram discutidas dentro de um contexto mais amplo envolvendo o viver coletivo de famílias com abrangência no social.

A conquista do “bem estar” tão amplamente perseguido pela humanidade, se revela, na necessidade contínua de homens e mulheres interagirem numa interação dialética para alcançar o status de ser saudável. Em primeiro lugar, ser saudável é ser e não necessariamente ter.

**ENFERMEIRA** - Neste trabalho, a enfermeira mostrou-se como mediadora na interrelação dos escolares e mães e destes, com o conhecimento do A.M.

Procurei fomentar uma prática dialética em que o tema A.M. foi trabalhado dentro do contexto sócio-histórico cultural valorizando o sabido e o vivido das crianças e seus familiares.

Nesta abordagem alternativa de educação e saúde, o meu olhar biologicista, aos poucos foi sendo modificado, para se transformar num elo de ligação entre alunos, e destes com os objetos do conhecimento. Isto, facilitou conhecer as experiências vividas pelas famílias durante a fase de amamentação do seus filhos trazendo-as para o espaço social e, aos poucos, o conhecimento privado foi se transformando em público, criando assim um saber socializado. Certamente ao agir desta forma, tive que ficar atenta às questões de relacionamento e de natureza ética tão evidentes quando vivenciamos uma ação dialogada criativa e prazerosa. A transformação manifestada em cada elemento, no decorrer deste trabalho, está traduzida nas manifestações de carinho presentes durante toda a prática educativa.

### ***6.1.2 - Educação e Ética: concepções e práticas presentes no processo***

As discussões e as experiências por mim vivenciadas na Prática Assistencial, foram a todo momento acompanhadas de um olhar ampliado para a articulação das questões éticas e os aspectos educacionais que ali estavam sendo construídas e também para as relações participatórias entre os escolares, famílias e mediadora.

Podemos ver e perceber essas duas dimensões nas reflexões colocadas nesta dissertação.

### *6.1.2.1 - Educar e ser educador no processo assistencial*

Refletir sobre as relações que se estabeleceram na Prática Assistencial que culmina com este trabalho dissertativo, cujo suporte foi a articulação interdisciplinar, exige um “olhar fotográfico ou de cineasta” que com suas conhecidas e desafiantes lentes vão aos poucos penetrando, esmiuçando e separando o belo do feio, o novo do velho, o nítido do obscuro, o visível do invisível. E assim vai se desnudando a realidade e, neste movimento, vão se delineando os caminhos para os grandes contornos e criações possíveis que um trabalho dessa natureza requer. Neste exercício de aproximação e afastamento do olhar, vão também emergindo as imagens que se constroem no âmago das relações entre os sujeitos, permitindo ainda perceber a relação e o controle dos indivíduos e grupos sobre a realidade das práticas educacionais, notadamente em nossa história do ensino-aprendizagem de saúde com crianças escolares.

Este conjunto de percepções, entre tantas outras, falam claramente da sua complexidade, permitindo ainda nutrir a crença de que é possível promover o desenvolvimento da criança quando mediado por um adulto, que tem a compreensão de que a criança, como qualquer outro ser humano, é um contínuo vir-a-ser histórico e social. De outro lado, o desenvolvimento da criança escolar afina dentro do projeto pedagógico proposto na Prática Assistencial, sobretudo pela sua marca de trazer em seu bojo o respeito a criança escolar no prazer de ser uma criança aprendiz no mundo da liberdade e das necessidades.

Estes passos a uma concepção de educação na assistência de enfermagem a escolares levada a efeito na Prática Assistencial vêm agora constituir elementos componentes desta dissertação. Durante a Prática Assistencial apoiiei-me em práticas e junto com os demais participantes do Projeto, fomos construindo uma relação humana dialógica, que procuramos honrar com compromisso de valorização da participação dos próprios escolares, famílias e professores dos colégios envolvidos no Projeto Assistencial, ao estudar e aprofundar o entendimento do tema A.M.

A intencionalidade deste trabalho não era apenas “saber o saber” dos alunos e familiares e sim com “eles e para eles” e ousar ampliar o compromisso de que a criança tem o direito de ser saudável, e a crença de que isto tem tudo a ver também, e principalmente, com sua história de A.M.

das crianças (escolares), das mães e familiares. As criações dos escolares consolidam-se em expressões na construção coletiva de historietas recheadas de um saber histórico-social e crítico, explicitado no momento das apresentações cênicas feitas pelos alunos (escolares). As palavras e as linguagens utilizadas nessa ocasião da Prática Assistencial transformaram-se não apenas em afirmações mas no entendimento do valor da conquista para o exercício da cidadania.

As metáforas e as imagens que os escolares de ambos os sexos produziram e representaram no encerramento da Prática Assistencial através da encenação das suas historietas, reafirmam que eles aprendem e descobrem os significados “reais” ou “idéias” do mundo, das coisas e das personagens que eles idealizaram nos limites das fronteiras da sua percepção.

A originalidade, a criatividade presente nos gestos, nas falas e nas indumentárias permitiram uma incitação “quase” fiel do mundo da fantasia com fortes transparência do real e do vivido pelos autores e familiares.

A interpretação artística dos pequenos atores em determinados momentos, confundia a platéia e ficava difícil perceber a distinção entre a realidade ali projetada e a imaginação ali contida, criando a simulação feita pelos alunos.

É igualmente importante citar a identificação e aparição dos personagens e sua caracterização aproximada da imagem que fazemos e reproduzimos de alguns grupos sociais e profissionais. A exemplo, a figura estereotipada do profissional médico, revelando ser saudável, de cor branca, cabelo liso e engomados, vestindo uma bata impecavelmente branca, circunspecto com ar distante de autoridade, passos firmes e mãos para trás foi logo percebido. A sua face era rosada o que lhe dava um ar de imponência e elegância. As suas feições eram belas. Certamente, a nossa imaginação se junta a dos alunos e assim neste fazer e perceber foi se revelando o perfil do profissional médico no mundo das nossas fantasias.

Quando da apresentação da Enfermeria, a aluna “atriz” se mostrou como uma mulher madura, com uma postura firme, cabelos longos presos á moda “rabo de cavalo”, que lhe dava um ar de mulher dócil facilmente encontrada nas nossas Igrejas Evangélicas. Os seus gestos e diálogos tem um “que” de aconselhamento. Comportou-se como uma

velha conhecida da família, capaz de orientar sobre a situação do dia-a-dia das pessoas nos aspectos referentes a problemas de saúde.

Nesta ação do “faz de conta”, tão fortemente presente no mundo imaginário infantil, os alunos falam e revelam para o público e os outros colegas o seu entendimento das coisas e dos fatos presentes nas suas vidas. Assim, percebo que estas riquezas de detalhes são fruto de uma aprendizagem vivenciada por eles no seu contexto sócio-cultural do qual eles se inspiraram para representar e nos presentear com as suas historietas, num espetáculo de criatividade, sensibilidade, graça e beleza.

Assim, enquanto a criança vai interpretando, incitando e codificando os significados da sua realidade, ela certamente percebe o valor do A.M. na melhoria de vida, em destaque a vida das mulheres e das crianças.

Neste contexto, é fundamental declarar as relações de gênero fortemente presentes nas falas, gestos e atitudes dos escolares de ambos os sexos, demonstrando assim, conflitos de papéis de homens e mulheres no nosso contexto socio-cultural, no ambiente físico da escola, o que nos remete supor que esta representação também é familiar. As representações da vida social relacionadas a sexualidade, como de resto as relativas a outras categorias de significado à construção de vida, foram expressadas por alguns alunos, quando da apresentação do tema e se traduziam pela resposta de visualização fotografada de imagens importantes à construção do conhecimento na Educação e Saúde.

Em “flashes” da experiência de Prática Assistencial, o conjunto nela percebido faz necessário focalizar a atividade educativa mais situada em programas de Educação em Saúde com meninos e meninas do ensino fundamental e a sua possibilidade de criar e recriar um conhecimento a partir de temas como o A.M., tendo como mediadora uma Enfermeira. A antecipação desse tema, como também pode ser de outros, reserva-se no entrecruzamento da ética e da educação, porque encontra guarida no fundamental enunciado de Vygotsky (1991) relativo à dimensão prospectiva do ensino.

Em todos os momentos os caminhos trilhados tiveram como parceiros diretos os escolares, suas famílias e professores. As luzes de uma argumentação como esta baseada em Vygotsky (1991) não se encerra na concepção do desenvolvimento infantil por ele defendida. Vai além pela vontade de resgatar o velho do novo (a exemplo das músicas cantadas enquanto estávamos juntos nos encontros), trazer o distante para o próximo (a

exemplo do olhar retrospectivo das histórias de cada um), romper com o acrítico e abraçar a crítica na certeza de que somente se é feliz quando um homem, ao crescer consigo mesmo, com o outro e para o outro. A Educação em Saúde viabilizada nesta experiência em colégios pela enfermeira se destaca quando, ao promover a saúde do escolar, isto não se dá despreocupado de uma postura de compromisso com as transformações sociais nem tampouco desatentos a uma perspectiva ética do seu fazer. Assim, também emerge a questão da formação ética dos alunos nas suas relações sociais, na sua percepção e imaginação para tomar decisões e propor solução de problemas ligados à saúde. A educação de que trata esta dissertação aponta para trilhas em que a única atitude indefensável é a de ser tolerante com desvios da lisura e represamento da liberdade para estar no mundo de forma solidária e prazerosa, como entendo que ficou desenhada na referida Prática Assistencial como base argumentativa desta dissertação.

#### *6.1.2.2 - Ética... é possível refletir...*

Perceber e valorizar as questões éticas emanadas de um trabalho que se caracterizou numa ação de Educação em Saúde com crianças escolares no primeiro momento, poderá parecer como algo prescindível, e até desnecessário, em razão de que se trata de uma proposta que envolve a relação entre pessoas.

No entanto, os destaques éticos vêm sublinhar justamente as diferenças desta para outras relações circunscritas a esse campo de atuação. Além disso, no caso desta dissertação derivada de uma Prática Assistencial desta natureza, está presente o lúdico, a participação e a criatividade, elementos que tomam uma característica de componentes incluídos com intencionalidade pedagógica, nesta experiência.

Se admitimos que a ética para ser exercida precisa estar em construção e, para tanto, inserida num ambiente em que as relações traduzam o princípio da liberdade, esta que me refiro aqui, se assenta e se mostra. Pois é num contexto como este, de liberdade e consciência crítica, que possivelmente a ética se revela; e, ao se revelar, põe suas marcas de dignificação da humanidade e, em especial, faz a criança apreender a ser feliz. A ética é parte da natureza dos homens, ela se traduz basicamente na dignidade do modo de pensar, sentir e agir.

Historicamente, os valores em ética acompanham a dinâmica das organizações das sociedades, mesmo quando sabemos que alguns deles são imperativos por atravessar o caminho dos homens em caráter universal.

Frente a isto, é pertinente que esta dissertação contemple em sua análise modos de conduta pois a ética e a moral foram aqui entendidos como se expressa Kalakun (1995, p. 39): “A ética baseia-se em valores sociais com preocupações relativas a cada época”. A partir deste entendimento, foram pré-definidos alguns aspectos éticos desde a concepção do projeto da Prática Assistencial e então eles foram sendo referenciados e acrescentados no processo da realização do trabalho que deu lugar a essa dissertação, feito como Prática Assistencial e envolvendo escolares, familiares e professores e mediadora. O foco da atenção ética situou-se na qualidade de nossas relações interpessoais desenvolvendo as relações entre eles (escolares), as relações consigo mesmos, as relações com seus familiares, com seus professores e comigo, mediadora e proponente do estudo.

Frente a um tema como o A.M., em que as mulheres ficam, na maioria das vezes, como responsáveis pela decisão de amamentar ou não os seus bebês, foi providencial considerar que o ato de amamentar, na maioria das vezes, não é uma simples decisão. Certamente, até tomar a decisão, acoberta-se aí um dilema individual, do poder ou do querer, de natureza ética por dizer respeito á vida. Esta questão está imbricada com fatores econômicos, sociais, culturais e estéticos que permeiam o viver da mulher atual. Com esta compreensão, os diálogos e a postura adotada naquela convivência durante a Prática Assistencial foi particularmente voltada à não culpabilização da mulher por não amamentar os filhos, e isto foi tema emergente no processo que se estendeu com familiares e toda a comunidade escolar, trazendo os aspectos determinantes desta ação e as influências da organização social, as quais foram constantemente discutidas em sala de aula com os escolares e, estes com suas famílias, a despeito de nossa veemente defesa ao direito à amamentação materna.

Assim, os escolares ao conviverem com a situação e respostas obtidas das suas próprias mães, que relataram a eventual impossibilidade de tê-los amamentado, certamente este fato foi assimilado de forma compreensiva e não traumática por parte das crianças e das mães, já que os argumentos da decisão de amamentar ou não passaram a ser vistos, criticamente, diante do contexto social.

Previendo reações como remorso, sofrimento e angústia por não ter amamentado seus filhos, foi colocado à disposição das mães e dos alunos um horário para tirar dúvidas e esclarecimento sobre o tema. Este tempo não foi utilizado para nenhuma consulta, mas acompanhamos através dos próprios escolares o sentimento de liberdade com que se discutia amplamente essa implicação ética em seus lares.

Percebendo que a liberdade do homem nasce com ele e se mantém nas suas relações com os outros, assim foi possível compreender também uma outra questão emergente no processo. Trata-se da atitude dos alunos quando manifestavam a preferência e decidiam na formação dos grupos por sexo para tratar do A.M., tradicionalmente visto como “coisa de mulheres”. Inicialmente foi difícil aceitar esta organização pois para mim, com mediadora, o sentido da estética, da interação entre eles, estava sendo quebrado, e o planejamento contrariado. Naquele momento, surgiu o medo do fracasso, pelo não controle das coisas. Felizmente, fui percebendo e transformando o meu modo de pensar, pois durante o processo as decisões dos grupos foram sendo modificadas. O mais ético naquele momento era não obstruir o processo que se instalava, afinal o compromisso ético com a liberdade requeria flexibilidade na situação. No final, os meninos e meninas (escolares) foram eles próprios quebrando esta composição radical e se organizavam de forma mista. Assim, fui aprendendo que o movimento entre as pessoas terá que ser livre, pois a criança assim nasce e como tal precisa ser tratada. Foi nesse espaço de liberdade e respeito que testemunhei, nesse exemplo que acabo de contar, a aprendizagem da relativização para todos os envolvidos no processo dessa Prática Assistencial.

Provocar que a criança criasse as perguntas para entrevistar as suas mães ou familiares, abordando um tema visto tradicionalmente como de adulto, possibilitou a essas crianças perceberem o quanto eram capazes de sistematizar as suas idéias e inquietação através da quebra das barreiras da comunicação. Assim, eles foram mobilizados a opinar, selecionar e elaborar as perguntas as suas mães. A maioria das perguntas foi projetada coletivamente pelos escolares em salas da escola, e destas, se destacaram dois tipos de questão: do tipo conhecimentos sobre o A.M. e outro de curiosidades ligadas a ocorrências do processo individual do A.M. Nas questões livres percebe-se que alguns alunos fizeram perguntas do tipo eu quero “saber” como é que foi. Neste momento de fazer valer um direito individual, frente a uma questão que faz parte da sua história de vida. Assim o aluno

exercita a liberdade e compartilha parte da sua intimidade familiar com os outros colegas da classe, de modo a favorecer os laços afetivos dentro do próprio grupo.

Não há como expressar o entusiasmo, a alegria e a participação dos alunos, pais e professores no momento da encenação, de suas criações em historietas, autorias respeitadas e apresentações com registros de identificação dessa posição de autores de textos. Essas crianças (escolares) tinham como fio condutor as imagens do cotidiano das suas famílias e do seu mundo real. O que chama a atenção nestes pequenos textos, são os fragmentos da vida privada destes atores e ao fazê-lo eles foram capazes de selecionar e abordar conteúdos e situações que não geraram constrangimento e ao mesmo tempo evidenciavam as verdades adornadas por suas imaginações, o que dava o toque de pureza, ingenuidade e sabedoria das crianças.

Os pais ali presentes, não manifestaram esse constrangimento, ao contrário, entraram no “clima” de participação. Também houve atitude de solidariedade entre os colegas, mesmo quando manifestaram-se contrários ou relataram situações divergentes do que estava sendo orientado. O acato à liberdade individual e coletiva pareceu tornar-se um acordo tácito entre nós.

A capacidade de julgar, de distinguir o acerto do equívoco, o belo do feio, se revelaram neste novo modo de pensar, no escrever ou compor textos e no falar ou interpretar destas crianças.

Tradicionalmente, ao início de um contato de professores e escolares, são utilizadas estratégias com o objetivo de identificar o nível de domínio dos alunos sobre determinada disciplina ou temas específicos. A intenção é que, após um relativo acordo de nivelamento possível deste conhecimento, o professor passa a conhecer o nível dos alunos e define rumos e conteúdos. É o que se aproxima do que Vygotsky chamou de conhecimento real. Portanto, o desenvolvimento real implica naquilo que o aluno conhece e domina, já que faz sozinho.

Eu mesma na qualidade de mediadora iniciei o contato com o grupo de escolares, convencionalmente lançando 3 perguntas em classe nos dois colégios no primeiro dia de encontro. Neste caso, estava desejando perceber o nível de conhecimentos dos alunos sobre o tema? Ou, desejava criar nos estudantes uma motivação para seu estudo? Seja qual for, ou se for o acobertamento das duas intenções, fica nitidamente percebido que dos

cinquenta e três alunos que participaram deste exercício, trinta e um respondiam. Daí, surgem outras preocupações. É justo e ético lançar perguntas para sondagem de conhecimento, com meninos e meninas (escolares), em termos os quais, antecipadamente já sabemos que eles não dominariam? Aprendia nesse processo que no interior da abordagem intelectual (pedagógica) há pontos cegos na ética que requerem vigilância em sua construção.

Nesta busca de entendimento, percebi por mim mesma a relação de poder da mediadora, que no afã de conhecer os alunos e o seu nível de conhecimento, sai perguntando sem considerar o constrangimento que poderia estar se desencadeando nas crianças com esta “sabatina” prévia e embaraçosa a qual estava sendo realizada por alguém que eles estavam vendo pela primeira vez. Além disso, hoje aprendi, a quem interessava esse modo de chegar? A não ser à feitura de um trabalho que convenhamos, sairia tão diferente deste, caso eu não refletisse sobre tais questões.

É interessante destacar a pergunta dos alunos do Colégio B quando se preocuparam em saber das suas mães a sua opinião sobre as campanhas de A.M. realizadas no país. Esta curiosidade é revelada de uma forma tão clara, coletiva e direta, que nos remete a pensar que (precocemente na expectativa convencional) os escolares estão inquietos até mesmo com estratégias de divulgação do A.M. que vem sendo dada pelos meios de comunicação. É preciso considerar que o mundo dos homens, independentemente do mundo das coisas, é um mundo cheio de intenção e de determinações. Olhar e considerar estas falas de escolares, cheias de recomendação, de entusiasmos extraídos de mulheres – mães e futuras mães, que se preocupam com a saúde dos bebês seus e do mundo, faz com que a fé no presente possibilita que nós envolvidos neste trabalho, simples pensantes, próprios escolares ou intelectuais de ofício, lutemos todos no exercício pleno da cidadania, e a vontade política de que essa paz social vá além dessas minúsculas experiências necessariamente partícipes da construção da nova ética, que alcance desde os bebês até os mais novos habitantes da Terra.



**7. UM OLHAR RETROSPECTIVO  
A UMA EXPERIÊNCIA  
PEDAGÓGICA DE DIMENSÃO  
PROSPECTIVA**

*Deixe-se fotografar  
pela criança: ela capta  
as coisas que o  
circundam com os  
olhos do coração.*

## 7.1 - Considerações finais sobre a trilha percorrida

Ao colocar os refletores nas tramas do conhecimento que foram construindo o tecido nesta experiência pedagógico-assistencial com escolares, há que se distinguir algumas posições que marcaram a travessia, entre as quais temos o compromisso de socializá-las torna-se presente.

Uma estrutura própria configura agora alguns pontos críticos, algumas implicações, algumas rupturas e superações notadamente pelo vínculo teórico estabelecido na proposta.

Assim, este final de trabalho é uma abertura a recomeços dado o estado de conclusão jamais alcançado em práticas dessa natureza.

Um dos recomeços se dá neste momento em que um esforço de abstração reúne convergências e divergências no plano das suposições que foram vindo à tona, a partir das situações concretas enfrentadas na trajetória desta prática pedagógico-assistencial em Educação-Saúde com escolares.

Ir além da experiência sem dela mesma se descolar é um exercício intenso ao qual, proponente, na qualidade de mediadora, participante e aprendiz, tive que entrelaçar o pensar, o sentir e o agir. O processo que ia sendo desencadeado, a despeito de um roteiro que, como mediadora, trazia como referência, não se dispunha como controle; ao contrário, ele em si mesmo alcançava a posição de instrumentar a problematização do tema: Aleitamento Materno.

O distanciamento crítico sugere que este era um tema inusitado, a considerar uma experiência com crianças escolares do sexo masculino e do sexo feminino. Por assim ser, aguçadas as curiosidades, o tratamento do tema teria se conformado em aporte de informações em sistema tradicional de ensino-aprendizagem. Diferente disso, “o inusitado” – o aleitamento materno (A.M.) – mesmo não sendo parte do desenvolvimento mental retrospectivo dos escolares, ou seja, mesmo os escolares não tendo ciclos completados ou “amadurecimento para”, em relação a solução independente de problemas nessa questão do A.M., esses escolares envolveram-se e comprometeram-se com a construção desse

conhecimento. Isto tem fundamento na eleição da concepção teórica que trata da interação entre aprendizado e desenvolvimento.

As posições teóricas sobre a interação aprendizagem-desenvolvimento constituem-se em posições polêmicas. A posição que defende a externalidade (aprendizado não se envolve com desenvolvimento). Nesta, a experiência seria inútil ou tanto fazia tatar do A.M. porque em nada impulsionaria o desenvolvimento. Outra, em que o desenvolvimento é pré-requisito, isto é, o A.M. não poderia ser um tema, pois não havia amadurecimento ou conhecimento prévio com ciclo completado, para esse aprendizado. Aqui se dá destaque a um dos pontos críticos e possibilitador de superação nesta prática, ora em síntese. Os escolares participaram com toda pujança desse salto para adiante, sugerindo por suas atividades feitas com a ajuda da mediadora que eles estavam, diante desse tema específico, em vias de maturação. O processo, que tomou lugar, fotografou, no seu teor de conhecimento em construção, indícios de que a concepção de Vygotsky quanto as relações entre o aprendizado e o desenvolvimento mental se dá com o ensino na dimensão prospectiva.

Esta experiência circunscrita a uma prática pedagógica-assistencial que não teve qualquer intencionalidade de generalizações, está remetida a um estudo que acompanhou tal prática, assentada no recorte da concepção teórica Vygotskyana de Zona de Desenvolvimento Proximal. Transitar beirando esse conhecimento, com a responsabilidade de reconhecê-lo neste trabalho de saúde com os escolares fez-me perceber que há muito que explorar nessa zona (ZDP) considerada com uma área em prontidão ou “em vias de” receptividade a um aprendizado. Esta experiência contraria mesmo os programas de educação e saúde em sua convencional abordagem com estratégias “sisudas” de palestras, conferências isoladas, as quais quase sempre atingem apenas níveis de informação, para adequar a escolares passam a mostrarem-se “minimalizadas” e por não se interessarem teoricamente nas bases do desenvolvimento e desse aprendizado, correm o risco de se tornarem estéreis ou práticas reiterativas ou ainda, o que é pior, infantilizadoras.

Assim, o que surge de aceno como um avanço é a possibilidade dos Programas de Saúde valerem-se dessa abordagem nas escolas e então, colocarem-se diante da pressuposição teórica de que situar precocemente o tema aleitamento materno (entre escolares), com abordagem sócio histórica e cultural, estrategicamente arquitetado pela

ludicidade, traz esperanças de respostas importantes no desenvolvimento mental da criança e nas relações consigo mesmas e extensivas a seus familiares e comunidades onde se inserem.

Por sua vez, repensar as práticas pedagógicas em programas de Educação em Saúde entre escolares, não é tão simples caso não se inicie pela historicização desses saberes e práticas na tentativa de superar o desconhecimento da história da imbricação da Educação com a Saúde, de avançar do mero sentido higienista de tais programas, rompendo com o entendimento acomodado de que “o que sempre foi sempre será”. Esta experiência ajuda a ver esta possibilidade e trilha com pistas a uma posterior discussão dessa natureza.

Há muitas boas razões para o interesse que se verifica hoje em dia pelo estudo e aplicabilidade da obra de Vygotsky, em especial o conceito de ZDP numa sociedade em que os seres humanos que a constituem estão se deslocando das estruturas estáticas, para um sistema social complexo, constantemente submetido a uma velocidade de informação e desdobramentos sem precedentes.

Nesta ciranda constante de novidades e tensões, o cotidiano também se deixa contaminar, embora a complexidade da vida humana não elimine os seus desejos de sonhar, aprender e amar.

A paixão pelo tema A.M., oferecendo múltiplas qualidades para a saúde das mulheres, em especial das crianças, me levaram a buscar respostas através de uma prática pedagógica-assistencial que me elucidasse a seguinte indagação: Em saúde escolar, como as crianças apropriam-se do conhecimento sobre o A.M. ?

A partir daí, fui percebendo o quanto é necessário antecipar esta discussão com crianças escolares, até porque os estudos recentes sobre o A.M. e a sua contextualização social, trazem questões desafiadoras como a AIDS e aleitamento materno e gravidez precoce, além de outros temas que são gerados entre os escolares e não somente por “encadeamentos lógicos” na sistematização de Programas de Saúde.

Estas preocupações fazem perceber que a escola como espaço propício para antecipar a discussão de temas emergentes se revelou com muita propriedade no estudo do A.M. com alunos dos dois colégios selecionados.

É nesta encruzilhada que tive que recorrer a novas formas de abordar este tema, exigindo uma metodologia participatória que facilitasse as interações com os alunos, professores e famílias, na construção de um saber comum.

Um destaque interessante nesse trabalho, foi o meu entendimento de que a aprendizagem se efetivou à partir do contato aderente com a realidade, o meio ambiente e as outras pessoas.

A troca de conversas afetivas e culturais, uma prática até então pouco conhecida dos alunos, proporcionou-nos crescimento profissional e pessoal ao estimular o potencial criativo dos envolvidos. É importante levar em conta que as ligações para o desenvolvimento são como um nicho, apropriadas e projetam-se muito além das escolas e das casas elas vão onde os escolares forem.

Assim, com a parceria dos alunos, mães e professores, fui desvelando o mito social de que “toda mãe pode e deve amamentar o bebê”. Este exercício compartilhado e renovado só foi possível com a criação da metodologia da criança-escolar “ouvir” de sua própria mãe. Estas mães falam dos seus reais problemas, aqueles que tiveram quando deram o peito aos seus bebês.

Tema de saúde, como A.M., mesmo com a especificidade que lhe caracteriza, é possível ser peculiarmente tratado entre os escolares. A relevância deste fato para os escolares tem uma estreita relação com o resgate e problematização de seu mundo sócio-cultural, o que permitiu uma rápida interação com todos os envolvidos na história, além de mediadora, professores, escolares e familiares colocarmos-nos como sujeitos-cidadãos partícipes de uma mesma empreitada.

Neste momento, o conceito da pedagogia prospectiva tem um lugar de destaque. As questões que ficam são as de que o ensino e a aprendizagem fazem parte de um todo (a vida), sempre em movimento como é o desenvolvimento e a aprendizagem de uma criança.

A mediação proposta por Vygotsky para assistir e orientar a criança quando ela já é capaz de fazer mas ainda não consegue fazer sozinha, parece-me, inclusive, um convite para que o homem se coloque ao lado do outro, sempre que perceber que o outro necessita de ser orientado por aqueles mais adiantados.

A experiência suscita a tendência para romper com a tradição e a discriminação de que há assuntos para meninos e meninas na escola, como na vida.

A experiência vivida foi trabalhada e expressada através de estratégias pedagógicas em que o “faz de conta”, o lúdico e o imaginário, aqui foram utilizados e se comportaram como instrumento de estimulação e desenvolvimento intelectual com expressão criativa dos escolares. O ensino, empregando diálogos expressos nas narrativas das histórias criadas e contadas pelos alunos aos poucos despertou, resgatou e recriou as vivências individuais que a cada momento somavam-se compondo um saber coletivo. Tratar temas de saúde com essa prática educativa não tem sido a prática das escolas em geral. No entanto, pode ser antecipada essa possibilidade como conveniente ao desenvolvimento dos escolares.

Assim, a utilização da técnica de narração de historietas como instrumento de comunicação entre o imaginário e a realidade do cotidiano, permitiu que o lúdico trouxesse à tona a criatividade e o prazer da descoberta das nossas potencialidade e ao mesmo tempo, permitiu a valorização da partilha com os demais atores do processo.

O potencial de criatividade manifestado pelos alunos demonstrou o quanto eles são capazes de renovar o que lhes é familiar e de enxertar o novo no velho, sem, contudo, perderem os rumos da beleza e graça de ser e estarem construindo um novo conhecimento, que lhes fortaleça no desenvolvimento relacionado ao aprendizado.

A promoção do A.M. combinou educação com fatores econômicos, ambientais, sociais e culturais que, quando colocados à disposição da população, facilitam a aquisição da saúde e prevenção de doenças. A mediadora somente nutriu esta percepção após longas e desafiantes caminhadas que proporcionaram-lhe o desejo de experimentar novas formas de promoção do A.M. em conjunto com escolares e seus familiares. A reflexão estratégica do tema permitiu-nos criar conhecimento que resultou na valoração das ações educativas na prática do A.M.

Percebi ainda durante este meu fazer, que devido à limitação de tempo, imposta pela natureza do trabalho, algumas questões de saúde que emanavam do grupo foram podadas e sufocadas. Aqui, me revelo como mediadora que se definiu como tendo metas a alcançar. As posturas pedagógicas e éticas certamente terão que ser revistas, evitando incoerências dessa ordem, às quais as formações profissionais estão ainda sujeitas. Após

refletir sobre estas inquietações e interesses revelados pelos alunos, sugiro como estratégia de promoção à saúde a criação de uma comissão com os professores da própria escola que teriam como tarefa trabalhar os novos temas suscitados em sala de aula, sempre envolvendo os alunos e familiares. Esta comissão receberia ajuda direta da mediadora/enfermeira.

Este trabalho aponta para a necessidade de o profissional da enfermagem realizar trabalhos sobre A.M. com escolares, apoiando-se na dimensão prospectiva do ensino como concebida por Vygotsky, valorizando tema há muito esquecido pelas políticas educacionais e de saúde do país.

Enfim, a novidade do conceito de precocidade como oportunidade de desenvolver o tema A.M. leva-nos à reflexão de sua importância na Saúde Escolar e na própria construção de um novo tempo e circunstâncias, como uma milenar questão do desenvolvimento humano.

A concepção dessa prática, provocou reflexão das transformações vivenciadas pelas famílias na formação da criança, bem como da valorização dos seus direitos de cidadania para mostrar-lhe novos caminhos que a preparem para os desafios do cotidiano.

Todavia, ao analisá-la o trabalho cuidadosamente, percebo que a interação entre nós como parceiros poderia ter sido ainda melhor trabalhada. Isto sugere o andamento em outra experiência com alternativas para encontros individuais e/ou de grupos com as famílias para dirimir outras eventuais dúvidas sobre o tema. Esta atitude leva-me a pensar em questões éticas, movida pelo refletir sobre quantos dilemas existem e não chegaram a ser tratados neste trabalho.

Em síntese: a enfermeira, ao optar por trabalhar com educação escolar, deve buscar estratégias pedagógicas onde a construção do saber seja o resultado do seu conhecimento científico, aliado às vivências culturais e sociais das famílias.

## 7.2 - Novas trilhas a serem desvendadas

Assim como há fazedores de trabalhos silenciosos e acríticos, há os fazedores de sonhos, de novos rumos, e cheios de desejos de operar mudanças.

Esta afirmação e o motivo desta “lacuna”, podem ser modificados quando ao término de uma experiência de promoção à saúde, a mediadora debruça-se sobre os resultados da sua prática pedagógica-assistencial e percebe a dimensão do mesmo, os seus acertos, dúvidas e erros, revelados durante a execução do seu trabalho.

As atividades propostas em sala de aula que objetivaram a inserção do tema com os escolares e familiares, foi possível pois eles possuíam um conhecimento prévio, e através da mediação, eles foram capazes de criar, falar, perguntar, responder, discutir e refletir. Estas interações não foram inúteis, há indícios ao longo do trabalho, que comprovam tais afirmações.

Nesta incessante inquietação de perceber, abrir uma nova agenda e aproveitar as “deixas”, e, a partir delas, criar um novo desafio, pude definir uma nova pergunta de pesquisa que englobasse todas as questões aqui suscitadas. Estas observações me levaram a formular a seguinte pergunta: Qual o aprendizado referente ao A.M. ocorrido em crianças escolares do primeiro grau, durante um processo pedagógico de educação para a saúde?

Investigar e compreender a pluralidade de experiências que os alunos têm fora da escola, valorizar a aprendizagem cooperativa-habitual entre eles, respeitar os estilos de aprender, indicam a formulação de novos objetivos, os quais sejam facilitadores da articulação entre experiências de escola e de vida.

Assim entendido, fui conduzida a pensar em novos objetivos que ampliassem e fortalecessem os objetivos inicialmente definidos, e nesta perspectiva busco:

- ◆ Constatar a apropriação do conhecimento sobre o A M., durante o processo de ensino-aprendizagem, das crianças escolares envolvidas no estudo;
- ◆ Desenvolver métodos e técnicas pedagógicas apropriadas para o ensino-aprendizagem sobre o A M. para crianças escolares, baseados na teoria de ZDP.

Com esta visão, percebo o quanto fui sensibilizada por este trabalho, e agora numa postura de “caçadora” de esperanças e de liberdades, rejeito a ilusão de que a solução dos problemas sociais estejam apenas na reformulação do sistema educacional. Não podemos ficar à espera das transformações da sociedade em geral. Pois, “enquanto o seu lobo não vem”, busco delimitar algumas hipóteses no final desta trilha, resultado das novas inquietações e suposições que poderão ser posteriormente estudadas:

- os sentimentos de afeto entre mãe e filho/a, podem ser trabalhados e até promovidos quando a enfermeira/mediadora busca conhecer as experiências singulares de cada família, e faz da sala de aula, um espaço de uso da palavra, para a problematização da realidade sócio-cultural dos atores sociais citados;
- um estudo que atente para os aspectos lingüísticos e sociais referentes a análise dos textos criados pelos alunos, conduzirá o leitor a refletir sobre a aprendizagem de forma mais contextualizada;
- uma prática assistencial-pedagógica sobre o tema A M., envolvendo escolares e familiares, poderá romper com a tradição de que as questões de saúde são de resolutividade do sexo feminino;
- os caminhos para a aprendizagem se iniciam quando acreditamos que o ato e pensar e construir se efetiva com a participação do outro e com o outro;
- o acompanhamento das mães junto aos filhos nas atividades escolares, poderá estar estreitamente relacionado ao contexto social, cultural e profissional, que elas ocupam na sociedade;
- uma metodologia que valorize o lúdico, o criar e o brincar, poderá se transformar num excepcional recurso para o estudo de temas de saúde, que por força da sua importância para o viver saudável, deverão ser precocemente estudados pelos escolares.

Estas e outras suposições estiveram incrustadas na experiência e vieram à tona durante sua realização. São todas emergentes de um processo e convergem para desafiarnos em possibilidades de inserção do aleitamento materno como tema social apropriado a programas de saúde na escola.

A prospecção é uma instigante dimensão que torna o aleitamento materno um tema efervescente entre as crianças escolares e suas famílias, deixando-os ávidos na construção desse conhecimento fundamental no SER SAUDÁVEL.

## 8.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



*Ciranda, cirandinha,  
Vamos todos estudar.  
Como é bom ser tão  
criança.  
E poder tudo criar!*

- ALVES, Rubens. Filosofia da Ciência: introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- ARAÚJO, Lilian Dalete S. Querer-poder amamentar: uma questão de representação. Londrina-PR: UEL, 1997.
- ARAÚJO, Vânia Carvalho de. Criança: Do reino da necessidade ao reino da liberdade. Vitória: EDUFES, 1996.
- BADINTER, Elizabeth. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- BISCHOFF, Ulrich. Edward Munch: Imagens de vida e de morte. Tradução de Jorge Valente, Alemanha: Benedikt Taschen Verlag, 1997.
- BITTENCOURT, Sônia Azevedo. Fome: um drama silencioso. In: MINAYO, Maria Cecília (org). Os muitos Brasis: saúde e população na década de 80. Rio de Janeiro, Hucitec, 1995.
- BOEHS, Astrid Eggert. Prática do Cuidado ao recém-nascido e sua família, baseado na Teoria Transcultural LEININGER e na Teoria do Desenvolvimento da Família. Florianópolis, 1990. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Curso de Pós-graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Programa de Incentivo ao Aleitamento Materno. Instituto Nacional de Alimentação. Brasília, 1991.
- BUDÓ, Maria de Lourdes. A mulher como cuidadora no contexto de uma comunidade rural de imigração italiana. Revista Texto & Contexto - Enfermagem. Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 181-197, jan./abr. 1997.
- COELHO, Betty. Contar histórias uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 1994.
- COSTA, Emilia Viotti. Da senzala à Colônia. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- COULTHARD. Carmen R.C. Women who pay for sex. And enjoy it: Transgression versus morality in women's magazines. In:- Texts and practices: Reading in Critical Discourse Analysis. London: Routledge, 1996. p. 250-270.

- From Discourse analysis to critical discourse analysis: the differential representation of women and men speaking in written news. In: Sinclair. Techniques of Description: Spoken and written discourse. J.London: Routledge, 1993.
- DALLA ZEN, Maria Izabel. Histórias de leituras na vida e na escola: uma abordagem lingüística, pedagógica e social. Porto Alegre: Meditação, 1997.
- DIAS, M.B.O. Os sentimentos expressos pela mulher durante a amamentação. Florianópolis, 1996. Dissertação (Mestrado em Assistência de Enfermagem) - Curso de Pós-graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina.
- DUARTE, Newton. Educação Escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vygotsky. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.
- DYTZ, J. G. et al. A ludoteca como espaço para uma nova abordagem de educação em saúde. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v. 48, n. 2, p. 134-139, abr./jun. 1995.
- FAIRCLOUGH, N. Discourse and social change. Cambridge: Polity Press. 1993.
- FEIST, Peter H. Pierre, RENOIR, Auguste. Um sonho de harmonia. Tradução de Sebastião Iken. Colônia: Benedikt Taschen Verlag, 1990.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Básico da Língua Brasileira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- FERRIANI, Maria das Graças C. A inserção do enfermeiro na saúde escolar. São Paulo, EDUSP, 1995.
- FLORES, Lourenço. SC tem quarto melhor qualidade de vida do país. Diário catarinense, Florianópolis, 10 set. 1998. p. 4.
- FLORES, Moacyr. O negro na dramaturgia brasileira:- 1838 a 1888. Porto Alegre: Epipucrs, 1995.
- FREIRE, Madalena. A paixão de conhecer o mundo: relato de uma professora. 12. ed São Paulo: Paz e Terra, 1995.

- FREITAS, Maria Tereza de A. O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil. São Paulo: Ática, 1995.
- FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. 12. ed. Brasília: UnB, 1963.
- GOFFMAN, E. Footing. In: GARCEZ, P.M., RIBEIRO, B. T. Sociolinguística interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso. Porto Alegre: Age, 1998. p. 70-97.
- GOMES, Heloisa Szymanski. Educação para a Família: uma proposta de trabalho preventivo. Revista Brasileira de Crescimento Humano. São Paulo, v. 4, n. 1, p.34-38, jan./jun. 1994.
- GUMPERZ, J.J. Contextualization conventions. In: GUMPERZ, J.J. Discourse strategies. Cambridge: Cambridge University Press, 1982. p. 9-37.
- HEBERLE, Viviane.. Maria. Substantivos anafóricos. In:- MEURER, José Luiz (Org). Parâmetros de Textualização. Santa Maria: UFSM, 1997.
- HOEY, Michael. On the surface of discourse, London: 1983. George Allen & Unwin Ltd, 1983.
- ISAIA, Sílvia Maria de Aguiar. Fundamentos psicológicos da educação: uma leitura vygotskiana e riegeliana. Perspectiva, Florianópolis, n. 24, p. 111- 124, jan./jun./, 1996.
- JOBIM e SOUZA, Solange. Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin. 3. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1996.
- KALAKUN, Luciane et al. A ética, o cliente com câncer e o enfermeiro. Revista Texto & Contexto: Enfermagem. Florianópolis, v. 4, n.2, p.38 - 47, jul./dez. 1995.
- KARDEC, Allan. O livro dos espíritos. Tradução de J. Herculano Pires. São Paulo: Lake, 1997. p. 260.
- KRAMER, Sonia, LEITE, Maria Isabel (orgs). Infância e produção cultural. Campinas, Papirus: 1998

- LANG, Sandra. Xícara: um método alternativo para alimentação infantil. Documento do mês sobre amamentação. n. 1 1997
- LIMA, C. B. et al. Educação e Saúde visando a cidadania: Práxis grupal de enfermeiros. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v. 50, n. 4. p. 469-476, out./dez. 1997.
- LOPES, Marta Júlia Marques. Gênero e Saúde. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- MALDONADO, Maria Tereza. Nós estamos grávidos. 8. ed. Rio de Janeiro: Bloch, 1990. p. 55.
- \_\_\_\_\_. Psicologia da gravidez. Rio de Janeiro: Bloch, 1990.
- MARTINS, Filho José. Como e porque amamentar. 2. ed. São Paulo: Sarvier, 1984.
- \_\_\_\_\_. Qual a questão da amamentação. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MAZOLLI, Maria C. Relacionamento em Enfermagem: aspecto psicológico. 2. ed. São Paulo: Sarvier, 1987.
- MINAYO, M. C. de S. Os muitos Brasis: saúde e a população na década de 80. São Paulo: HUCITEC, 1995.
- MOISÉS, Massaud. Dicionário de Termos Literários. 3. ed. São Paulo: Cutrix, 1982.
- MONTAGU, Ashley. Tocar: o significado humano da pele. Summus: São Paulo, 1988.
- OLIVEIRA, Ana Maria Faraco. O brincar e o desenvolvimento infantil. Revista Perspectiva, Florianópolis, n. 22, ago./dez., 1994.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky : Aprendizado e desenvolvimento um processo sócio histórico. 4. ed. São Paulo: Pcupione, 1998.
- PESQUISA revela o novo papel da mãe. Folha de São Paulo, São Paulo, 20 de set. 1998. Caderno Especial. P. 1 - 16.
- PINO, Margarida. Educar para la salud. Padres y Maestros. La Coruña, Espanha, n. 235, mar. 1998.

- POMERANTZ, A., FEHR, B.J. Conversation analysis: an approach to the study of social action as sense making practices. In: Teun van Dijk. Discourse as social interaction. London: Sage, 1997. p. 64-91.
- PRESTES, Nadja Herrmann. A propósito das relações entre ética e educação. Revista Perspectiva, Filosofia e Educação, Florianópolis, v. 14, n. 25, jan/jun, 1996.
- RAPPAPORT, Clara Regina. Psicologia do desenvolvimento. São Paulo: EPU, 1982.
- REGO, Tereza Cristina. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- RESENDE, Ana Lucia Magela, SOUTO, Estelina. Criando histórias, aprendendo saúde: uma experiência com crianças de classes populares. São Paulo: Cortez, 1988.
- SANTIN, Silvino. Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento: Porto Alegre: EST/ ESEF – UFRGS, 1994.
- SARAIVA, Deolinda. Brasil, um país tri-partido. Revista Rumos. Rio de Janeiro, n 130, p. 24-31, nov. 1996.
- SARFATI, Fanny et al. Uma abordagem sobre a licença paternidade. Revista Escola de Enfermagem USP. São Paulo, v. 26, n. 3, p. 383 - 394, dez. 1992.
- SILVA, Isidia Aparecida. Amamentar: uma questão de assumir riscos ou garantir benefícios. São Paulo: Robe, 1997.
- SOUSA, Maria do Socorro et al. Oficinar- Uma construção coletiva. Revista de Educação, Brasília, n. 90, p. 73-77, jan./mar. 1994.
- TRIVIÑOS, Augusto N.S. Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.
- UNICEF. Situação Mundial da Infância. Brasília, 1997, p. 11-14.
- \_\_\_\_\_. Situação Mundial da Infância. Brasília, 1995, p. 28-29.
- \_\_\_\_\_. Situação Mundial da Infância. Brasília, 1994, p. 16-17.
- \_\_\_\_\_. Situação Mundial da Infância. Brasília, 1998.

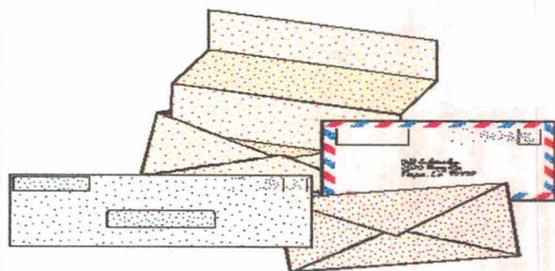
- VALLA, Victor Vincent, NAVARRO, Eduardo. (orgs). Educação, Saúde e Cidadania. Petrópolis, R.J: Vozes, 1994.
- VARANI, Adriana. No grande palco da escola: Quem é o aluno. Revista da Educação, Brasília, v.27. n 107, abr./jun. 1998.
- VEER, René van der, VALSINER, Jaan. Vygotsky: uma síntese. Tradução de Cecília C. Bartalotti. São Paulo: Loyola, 1996.
- VYGOTSKY, L. S. Obras escolhidas. Madri: Viroi, 1996.
- \_\_\_\_\_. Formação social da mente. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- \_\_\_\_\_. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone, 1988
- WALTER, Igor F. Paul Gauguin. Quadros de um inconformado. Tradução de Etelvina Rocha Gaspar, Alemanha: Benedikt Taschen Verlag, 1993.



# ANEXOS

AS MANIFESTAÇÕES  
LÚDICAS PERMITEM  
QUE A CRIANÇA SEJA  
CRIANÇA, AS  
MÁSCARAS, ELA  
PERCEBE NO ADULTO.

## Anexo 1



Florianópolis, 12 de Maio 1997

Prezada Senhora,

Dirijo-me a senhora para dizer quem sou e o que estou propondo realizar na escola em que seu filho(a) estuda. Meu nome é Carolina Sampaio Barreto (pode chamar-me Carol) sou enfermeira, professora de enfermagem da Universidade Federal do Acre, residindo desde 1995 nesta cidade, fazendo um curso de Mestrado em enfermagem na UFSC.

Dentre minhas atividades como aluna do curso citado, realizarei trabalho prático com crianças sobre saúde escolar. Nos encontros que teremos na escola e na classe que seu filho(a) estuda iremos juntos, discutir e aprender questões relacionadas ao aleitamento materno (amamentação de bebês).

A importância do tema para a saúde das crianças, homens e mulheres, mães ou não, está em que esta é a primeira alimentação que contribui para que as crianças vivam saudáveis. Somente por isso já se justifica pedir sua colaboração e compreensão para o trabalho.

Como os alunos terão atividades extra-classe, irão precisar pesquisar sobre o assunto. O fundamental é ampliarmos (eu, a senhora e estudantes), nosso entendimento sobre o aleitamento materno e assim exercermos mais esta competência de cidadãos.

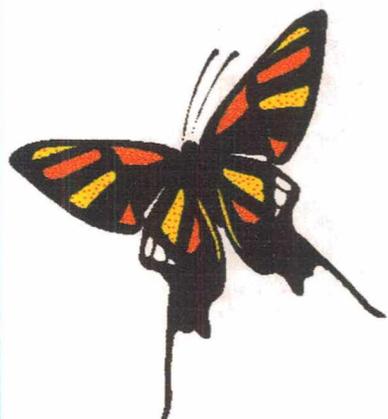
Durante o trabalho manteremos outros contatos, tantos quantos sejam necessários com senhora ou outro membro de sua família.

Espero contar com sua participação acompanhando o processo de aprendizagem de seu filho(a). Caso deseje manifestar-se, favor responder esta carta através de seu filho(a) encaminhando-a à direção da escola.

Atenciosamente,

Carolina Sampaio Barreto.

## Anexo 2



“Construa, junto com seus familiares, uma frase sobre o aleitamento materno (amamentação, bebê mama na mãe), e traga no próximo encontro”

## ANEXO 3



Escrito por Carolina S. Barreto e Carin Iara Loeffler

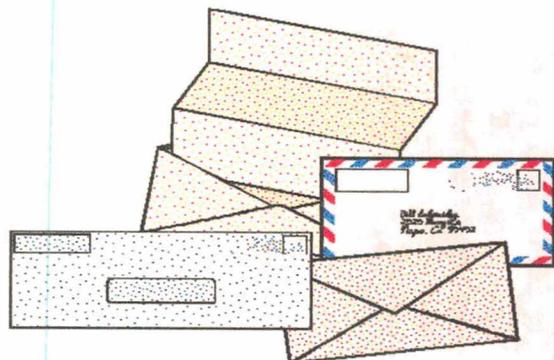
### ***Entrevista***

A entrevista é uma forma de você colher dados sobre alguma coisa que gostaria de saber. Por exemplo: Você já viu os repórteres, jornalistas entrevistando alguém?. Eles fazem perguntas para saber melhor ou mais detalhadamente do assunto. Existem algumas regras para fazer uma entrevista.

- a) Primeiro diga quem você é
- b) Respeite o entrevistado e se for preciso mantenha em segredo o nome dela, quem é;
- c) Tenha um roteiro de perguntas (para não se atrapalhar);
- d) Você pode anotar as respostas em bloco, questionários e pode usar também o gravador ;
- e) Quando terminar a entrevista pode deixar o entrevistado dar o último recado e encerre a entrevista agradecendo;
- f) Sua tarefa é perguntar e ouvir e nunca discutir;
- g) Faça uma pergunta de cada vez. Senão o tiro sai pela culatra;
- h) Mantenha-se calmo, ela favorece seu trabalho;
- i) A confiança entre você e o entrevistado é saudável, e por último;
- j) As perguntas devem ser bem claras

A entrevista abre para você e para o outro um mundo cheio de novidades e companheirismo.

## ANEXO 4



Florianópolis, 6 de Julho de 1997.

Prezada Senhor(a),

Dirijo-me ao senhor(a) pela segunda vez para relatar-lhe um pouco do meu (nosso) processo de vivência com os escolares da 4ª série, em que seu filho(a) estuda e participou da realização do trabalho prático feito com crianças sobre saúde escolar.

Nosso trabalho teve várias etapas. Em cada uma delas íamos (eu, vocês e estudantes) nos envolvendo e inteirando da importância da prática do aleitamento materno nas nossas vidas.

O desafio de estudar este tema a com escolares buscando conhecer um pouquinho das suas vidas pessoais, proporcionou-me uma fonte de aprendizagem e reconhecimento dos aspectos da grandeza e beleza que nós mulheres possuímos quando amamentamos ao peito uma criança. A socialização desse conhecimento o mais cedo possível, além de importante é gratificante.

Neste momento faço um convite a vocês, para uma reunião com outros pais e seus filhos no Auditório do C.C.S., (Centro de Ciências da Saúde) no campus da Trindade da Universidade Federal de Santa Catarina, onde nos conheceremos pessoalmente e tomaremos pequeno lanche enquanto as crianças nos emocionarão com suas histórias.

Desde já conto com suas presenças.

Data do nosso encontro: 11 de julho de 1997

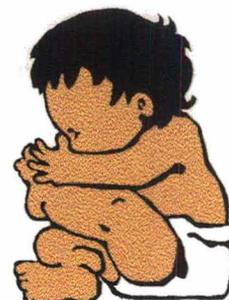
Dia da semana: sexta-feira

Horário: 17:30.

Cordialmente,

Carolina Sampaio Barreto.

## ANEXO 5



### PRIMEIRO ENCONTRO

Nesse primeiro encontro ficou evidente a inquietação dos alunos do sexo masculino ao serem colocados cartazes com figuras femininas de peito nu, e então, as brincadeiras em classe aconteceram de forma contida e discreta. As meninas mostraram-se mais interessadas sobre o tema e de imediato fizeram perguntas e contaram situações conhecidas.

Antes de mais nada, falei que estávamos juntos e que nossa aprendizagem sobre A.M. ia ser a mais prazerosa possível. Então, brincar, imitar, fazer encenações de situação, iam estar presentes na nossa convivência como uma forma de ensino-aprendizagem e assim estaríamos construindo o conhecimento. Certamente não teríamos preocupação com avaliações mas, ao final, elas (as crianças) escreveriam textos em forma de “teatrinhos de vida” sobre o tema A.M. Os próprios autores fariam uma representação e pela representação saberíamos todos o que de mais significativo foi aprendido. Esses teatrinhos seriam parte das últimas atividades do nosso trabalho juntos, e que, para a elaboração dessa atividade, eles teriam um intervalo de 15 dias para dar tempo a toda construção.

Em ambos os colégios apoiei-me no seguinte roteiro de 1º encontro:

- Orientações de como se realizará a vivência;
- Apresentação pessoal, falando da minha formação e trajetória profissional;
- Apresentação do tema a trabalhar, com fixação de cartazes referentes ao tema;
- Apresentação individual dos alunos e
- Entrega de carta aos pais apresentando a proposta do trabalho, convidando-os a participar do mesmo. (Anexo 01).

- Entrega de um formulário para a construção de frases pelas mães sobre o tema. (Anexo 02).

Para identificar o nível de conhecimento sobre aleitamento materno, a mediadora dirigiu aos alunos dos dois colégios as seguintes perguntas:

- a) Já ouviram falar sobre o A.M.?
- b) Já viram alguma mulher “dando o peito” ou “dando de mamar” a uma criança?
- c) O que você sente ao ver cenas como esta? (Mostrando a figura de uma mãe amamentando o filho no peito)

Foi assegurado a todos os alunos o direito de questionar o assunto em discussão, sendo que essa abordagem foi mantida nos encontros seguintes.

Ao lançar em classe a pergunta sobre o tema, percebemos o pouco conhecimento de que os alunos dispunham sobre o assunto, todavia, ao analisarmos os conteúdos das frases elaboradas em conjunto com os familiares, percebemos riquezas nas suas vivências, bem como sua preocupação em contribuir com o trabalho. A análise dessas falas estão apresentadas adiante.

A curiosidade dos alunos foi sendo aguçada no decorrer dos encontros, à medida que traziam novas perguntas, novos relatos. Não raras eram as vezes que os estudantes traziam exemplos da própria família, contando “causos” de parentes e vizinhos, notícias lidas em revistas, ou assistidas na televisão sobre o A.M.

### **Ocorrências do 1º encontro (Colégio A)**

A professora de classe responsável pela turma permaneceu em sala na sua própria declaração porque estava agindo como facilitadora, fato repetido em todos encontros. Nesse dia havia vinte alunos na turma, oportunidade em que eu, como mediadora, estava desejosa de identificar o nível de conhecimento sobre o A.M., para o que dirigi à classe três perguntas, as quais geraram algumas respostas que estão apresentadas e analisadas no item: 5.2.1. O que eles sabiam, pág. 89.

Após esta etapa, aumentou o interesse dos alunos sobre o tema, levando-os a fazer perguntas à mediadora:

**Aluno:** Como é produzido o leite?

**Mediadora:** A criança, ao sugar o peito da mãe, estimula a produção de dois hormônios; um produz o leite enquanto o outro contrai a mama e assim o leite vai sendo produzido.

**Aluno:** Viu na TV uma mãe dizendo não poder amamentar o filho porque seu peito era defeituoso.

**Mediadora:** Desenha no quadro-negro um peito e mostra os diferentes tipos de mamilos. Chama a atenção da importância de identificar os vários tipos, e demonstra como se faz a manobra de Wolfman.

**Aluno:** Relata que nasceu prematura ficando na incubadora durante muito tempo. Diz que sua mãe teve que amamentar outra criança, e depois que cresceu passou a sugar o peito da mãe.

**Mediadora:** O peito não secou porque sua mãe continuou a dar o peito e assim a produção do leite foi mantida.

**Aluno:** Toda mulher pode amamentar?

**Mediadora:** Em princípio sim. Todavia, existem situações que dificultam ou até mesmo impedem a mulher de amamentar, como quando o bico do peito é umbilicado e nas situações em que a mulher tem AIDS.

**Aluno:** Nossa atividade é para nota?

**Mediadora:** Diz que não. Fala que o conhecimento gerado será traduzido na construção de enredos e diálogos a serem transformados em histórias traduzindo as experiências pessoais e familiares sobre o A.M.

### **Impressões da mediadora**

Durante esse encontro de 60 minutos observei que:

Em geral, no primeiro encontro as crianças são inibidas para manifestarem opiniões apresentando dificuldade na auto-apresentação.

O tema causou inquietação no grupo dos meninos com manifestação de risos, olhares e comentários. Acredito que o tema gerou curiosidade por ser entendido como

ligado à sexualidade, e singularmente feminino. A sensação é que a atuação do grupo foi fortemente dirigida pelo desejo de conhecer algo novo.

Um aluno relata de forma “jocosa” que viu mulheres dando o peito nas calçadas e que eram pedintes, passando-me a impressão que o mesmo associava o ato de amamentar à pobreza. A sua fala e os seus gestos eram carregados de um tom de desprezo e indignação.

Quando da apresentação do tema, alguns alunos estavam inquietos e para controlar a situação, solicitei-lhes colocar os braços sobre as carteiras fechando os olhos; em seguida cantei uma canção em tom baixo e suave. A reação foi de aceitação à música e assim pude manter a atenção da turma.

Uma criança mostrou-se preocupada em não poder contar com a mãe para ajudá-la na construção das frases pois a mesma não dispunha de tempo, levando-me a refletir sobre as dificuldades que os escolares têm em receber orientações e acompanhamentos dos pais.

Um aluno fez uma pergunta não claramente sobre o tema em si, mas sobre a avaliação curricular que a abordagem desse tema teria. Refleti sobre sua resposta. Era um aluno do sexo masculino. Quem sabe ele queria me dizer que não estava interessado nesse tema ou mesmo problematizar esse tema, inaugurando-o diante da sua relação com os alunos (masculinos) no grupo. Mas era uma ocorrência em um 1º encontro. Pensei continuar aguardando no processo, atenta a essa posição do aluno...

Assim sou levada a pensar que ele ainda carrega consigo o ranço milenar, fortemente enraizado na nossa cultura, de que esse e outros temas são de natureza feminina. Portanto, ele somente se interessaria em engajar-se nessa proposta se ela tivesse um caráter avaliativo. Para que saber dessas coisas tão distantes do seu mundo masculino?

### **Ocorrências do 1º encontro (Colégio B)**

A professora da turma esteve ausente na prática, todavia assegurou presença nos outros encontros acompanhando de perto as atividades.

A turma com 33 alunos dificultava as apresentações individuais de todos, assim optei em fazê-la de livre escolha. Entretanto, interesse e cooperação revelaram-se quando os alunos se colocaram à disposição para registrar as falas dos colegas.

As respostas às três perguntas básicas utilizadas no Colégio A foram aqui também utilizadas, anotadas e posteriormente analisadas no item: 5.2.1- O que eles sabiam pág.89.

Com o despertar do interesse sobre o tema, as seguintes perguntas surgiram:

**Aluno:** Por que quanto mais o bebê mama a mãe produz mais leite?

**Mediadora:** A produção do leite obedece à reação dos estímulos da sucção. Quando a criança suga vai uma ordem para uma glândula chamada hipófise que passa a produzir o leite estimulando sua liberação. (feito o desenho de uma mama para explicar o processo).

**Aluno:** Por que quando as mães não dão o leite a criança fica doente?

**Mediadora:** O leite materno é o alimento ideal para o bebê pois protege de várias doenças como: diarreia, desidratação, desnutrição e doenças respiratórias. Entretanto, frequentemente encontramos mulheres que tiveram dificuldades em amamentar os filhos no peito, e essas crianças conseguiram manter-se saudáveis.

Acredito que a mãe natureza é parceira e amiga de mães e filhos que habitam no universo.

### **Impressões da mediadora**

Percebo ser necessário falar-lhes que, durante nossos encontros, na condição de mediadora poderia eu ter falado alguns termos técnicos e até mesmo regionais, e não ter sido bem entendida, embora tivesse colocado como importante que, se tivessem dificuldade de entendimento, poderiam interromper-me de imediato e tirar as dúvidas em classe. Assim, como mediadora desenhei o mapa do Brasil no quadro negro e localizei o Estado da Bahia, meu local de origem e o Estado do Acre, onde ainda atuo como docente de Enfermagem, na Universidade Federal do Acre, para melhor explicar-lhes o “sotaque” e os termos regionais destas duas culturas que poderiam surgir em minhas falas. Os alunos mostraram-se bastante receptivos ao trabalho, contudo algumas alunas demonstraram receio em não contar com as mães na construção das frases sobre o A.M. solicitada no 1º encontro através de formulário levado para suas casas.

Embora, no início das apresentações alguns alunos do sexo masculino tenham demonstrado desinteresse, ao final do encontro mostraram-se interessados e participativos.

## SEGUNDO ENCONTRO

Para o segundo encontro com os alunos, em ambos os colégios apoiei-me no seguinte roteiro:

- Recolher as frases construídas com as mães/familiares e fazer leitura alta;
- Contar a história “Últimas Notícias do Brasil”, escrita pela mediadora, relacionada ao A.M., utilizando de recursos como: máscaras, música e mímica;
- Entregar o roteiro das entrevistas aos alunos (Anexo 03);
- Entregar aos alunos cópia da história elaborada pela mediadora aos alunos, que se apoiou no roteiro de narração de histórias preconizado por Coelho (1994), que se compõe de:

**Introdução:** fase preparatória

**Enredo:** conteúdo da história (episódios, conflitos)

**Clímax:** momento de maior suspense e expectativa

**Desfecho:** final da história. Este final será aberto para permitir o questionamento e trazer à cena algumas diversas possibilidades.

### Ocorrências do 2º encontro (Colégio A)

As crianças mostraram-se receptivas à minha presença entregando as frases construídas com a ajuda das mães e familiares. Essas frases foram lidas por mim e algumas comentadas para o aprofundamento do conteúdo. Eis algumas:

- ⇒ “A amamentação para os nenês são úteis para sua saúde e crescimento”
- ⇒ “Durante a gravidez não pode fumar”
- ⇒ “O bebê que mama até os dois anos é mais saudável”
- ⇒ “O leite materno é muito importante para os recém-nascidos, eles devem tomar leite materno pelo menos nos seus primeiros 6 meses”
- ⇒ “O leite materno é o melhor alimento para quem nasceu faz poucos dias, porque ele contém todas as substâncias que o bebê necessita”

- ⇒ “Acho que todo bebê deve ter o leite materno. E quando o nenê nascer, dê só o leite materno, que é suficiente para que se desenvolva
- ⇒ “O bebê que mama no peito da mãe é mais saudável e feliz”
- ⇒ “Mães devem amamentar seus filhos e não largar eles nas mãos dos outros e tem que amamentar até os 6 meses no peito”

Após a narração da historieta a mediadora solicitou aos escolares que comentassem as questões inovadoras, dirimindo dúvidas caso as tivessem.

Os alunos formularam as seguintes questões:

**Aluno:** “Como tirar leite e deixar em casa para amamentar o bebê na ausência da mãe?”

**Mediadora:** Orientei quanto aos aspectos da ordenha manual, do acondicionamento e dos cuidados que devem ser observados durante este procedimento.

**Aluno:** “Solicitou que seja falado sobre a Lei que protege a mulher na fase da amamentação”

**Mediadora:** Falei que esta Lei permite à mulher trabalhadora gozar licença de 120 dias para cuidar e amamentar o filho.

**Aluno:** “Diz não saber que a mamadeira era prejudicial a criança e pede explicação”

**Mediadora:** Demonstrou a diferença entre abocanhar o peito materno e sugar a mamadeira, e como esta causa prejuízos na formação da arcada dentária e desenvolvimento da fala, além de expor o bebê a diarreias causadas por mamadeiras mal higienizadas.

Ao finalizar este encontro distribuí aos alunos de ambos colégios roteiro da entrevista e historieta contada em classe pela mediadora.

### **Impressões da mediadora**

Os alunos ficaram atentos à narração da história, confirmando minha crença que o emprego do lúdico na escola é uma estratégia curricular que cria uma atmosfera de beleza e liberdade, livrando o aprendiz das amarras dos “mesmismos” e da monotonia de uma sala de aula. Segundo Santin (1994), “cada ato lúdico é novo e original, jamais repetido.” Pude viver isto.

### Ocorrências do 2º encontro (Colégio B)

Não contou com a presença da professora nem de qualquer outro(a) professor(a) do colégio. Lá chegando, encontrei uma estudante do curso de pedagogia que estava fazendo estágio prático. Inicialmente os alunos mostraram-se agitados e preocupados em entregar as frases que elaboraram com suas mães e familiares. Algumas delas foram lidas pelos alunos enquanto a mediadora fazia comentário sobre as mesmas. Algumas dessas frases foram assim escritas:

- ⇒ “Eu acho que todas crianças pequenas deveriam ser amamentadas até os 6 meses”
- ⇒ “A mama é muito importante, pois ajuda na saúde e no crescimento do bebê
- ⇒ “Toda criança deve mamar no seio da mãe”
- ⇒ “Amamentar é amar, proteção, e acima de tudo consciência. Criança que mama tem mais saúde. Toda mulher deve amamentar seu filho no mínimo até os seis meses”
- ⇒ “Amamente, você está fortalecendo seu filho. Amamentação, o melhor alimento para o bebê. Amamentando, você está ajudando no crescimento do bebê”
- ⇒ “O leite materno é bom para o bebê porque é saudável”
- ⇒ “O bebê amamentado é muito mais forte e saudável para enfrentar o dia a dia”
- ⇒ “A amamentação é muito importante para o bebê até os 6 meses. O leite materno amamenta o bebê e faz com que não fique desnutrido e fraco”
- ⇒ “O leite materno, é um alimento nutritivo e saudável, o bebê cresce com saúde. Amamentando, a mãe fica mais segura. E dispensa qualquer mamadeira”
- ⇒ “A amamentação, é a melhor alimentação que o bebê pode ter”
- ⇒ “Amamentação é uma coisa muito importante para o bebê até 6 meses de vida”
- ⇒ “O leite materno é o melhor leite para uma criança crescer mais saudável”
- ⇒ “Amamentando uma criança, você estará dando saúde a ela e mais ainda uma grande prova de amor”
- ⇒ “Mãe é a vida do bebê e o bebê é a vida da mãe. O leite materno e a amamentação são muito importantes na vida do bebê porque combatem muitas doenças. E na vida da mãe

é também muito importante sobre seus seios; amamentar bastante para não causar-lhes caroços nos seios e como outras doenças de mama”

- ⇒ “O leite materno é também muito importante para o crescimento de bebê e também para a inteligência do bebê. A amamentação é muito importante para vida da mãe porque quando ela chega numa certa idade, não causa-lhe muito sofrimento na menopausa”
- ⇒ “Mamar faz bem para a saúde”
- ⇒ “É muito importante amamentar o bebê para sua vida senão não será saudável”
- ⇒ “Eu acho muito importante a criança se amamentar até seis meses porque assim a criança evita ficar doente”
- ⇒ “Eu acho que toda criança deve ser amamentada pelo menos até os 6 meses de idade, senão fica desnutrida e precisa da orientação médica”

Ao término desse encontro entreguei cópia da história contada em sala e cópia do roteiro de entrevista para serem lidos quando do próximo encontro.

### **Impressões da mediadora**

Ao apresentar a historietta com o uso de máscaras, músicas e mímicas, observei que os alunos mostraram-se mais descontraídos, levando a questionar:

- a) A ausência do professor(a) contribuiu para a situação?
- b) O tema abordado não desperta o interesse dos alunos?
- c) Os alunos, ao saberem que a atividade não será avaliada, têm seu interesse de participação diminuído?

Todas as questões acima, foram discutidas com a professora da turma, que começou, a partir daí, a mostrar-se presente nos encontros seguintes. Algumas hipóteses podem justificar o comportamento desses alunos: pode ser o excessivo número de alunos em classe, a pouca ventilação, o espaço inadequado ou a quebra convencional da dinâmica de ensino utilizada nesta sala. Acredito que esta quebra convencional dá a sensação de que “a ordem” e o barco está à deriva, porém pode ser que vivenciar essa “desordem” tenha sido um estímulo para aproximar os alunos da mediadora e se afinarem mais com o tema.

### **TERCEIRO ENCONTRO**

Para o terceiro encontro com os alunos, em ambos os colégios, apoiei-me no seguinte roteiro:

- verificação da leitura do roteiro de entrevista distribuído no segundo encontro;
- formação de grupos para prática de técnicas de entrevista;
- realização de entrevista piloto para que os alunos a avaliassem;
- discussão e elaboração pelos alunos, das perguntas das entrevistas com os familiares sobre o A.M., ressaltando que os mesmos seriam confidenciais;
- apresentação do filme “Amamentação: Quem ganha e quem perde”, do IBFAN com posterior debate.

#### **Ocorrências do 3º Encontro (Colégio A)**

Inicialmente a professora introduziu dois novos alunos imediatamente instruídos sobre o escopo do trabalho. Com o intuito de reforçar a importância da técnica de entrevista a mediadora conduziu com um aluno voluntário exercício prático onde falhas eram introduzidas intencionalmente para que os alunos as identificassem e as corrigissem. Para melhor assimilação da técnica de entrevista, os alunos desempenharam ambos os papéis, de entrevistador e entrevistado.

Em seguida, falei-lhes sobre os objetivos da entrevista que fariam com as mães ressaltando a necessidade de definir as questões a serem pesquisadas. Tais questões surgiram dos interesses dos alunos gerando perguntas do interesse coletivo e particular. A análise destas falas estão no item: 5.2.2. Fazendo entrevistas: participação afetiva das mães, pág.93.

As dúvidas dos alunos durante a projeção do filme “Amamentação: Quem ganha e quem perde” do IBFAN foram discutidas com a mediadora, sem contudo aprofundá-las como desejado devido à limitação de tempo.

### **Impressões da mediadora**

Durante a projeção do filme os olhares de curiosidade atestaram o interesse dos alunos pelo tema A.M., embora limitações de tempo tenham restringido as discussões que se seguiram. A seriedade, compenetração e resultados, observados na representação cênica de papéis de entrevistador e entrevistado durante a dramatização de entrevista em duplas, demonstrou que é possível trabalhar com crianças em tarefas consideradas de difícil realização por alguns adultos.

Esse encontro foi muito rico de vivências. Percebo que a qualidade dos recursos didáticos utilizados neste encontro poderiam ser melhor distribuídos, o que certamente daria uma melhor oportunidade de discussão das questões e uma melhor aprendizagem.

Mais uma vez, a técnica de dramatização permitiu uma participação ativa e criativa dos alunos. A exemplo, quando a mediadora entrevista uma menina, os alunos ficaram atentos e passaram a registrar as falhas da técnica de entrevista e os nossos diálogos. Após a apresentação, eles destacaram as seguintes falhas:

- Não gravou o nome da pessoa entrevistada, chamando-a a cada momento por um nome diferente;
- Não se apresentou no ato da entrevista;
- Não fez um roteiro prévio das perguntas;
- No final da entrevista, não agradeceu ao entrevistado.

Assim, eles se preparam para entrevistar as suas mães. Durante a apresentação do filme, os alunos anotaram as palavras novas que iam surgindo nos diálogos e no final da projeção, expliquei o significado das mesmas. Exemplo de palavras questionadas: melena, óbito, saneamento básico, manuseio, salário mínimo e estéril.

### ***Ocorrências do 3º encontro (Colégio B)***

Ao chegar ao colégio, vou encontrando algumas crianças e elas vêm ao meu encontro, chamando-me pelo nome e, a partir daí, vou sentindo que nosso laços de afeto vão se fortalecendo. Percebo que estão mais amáveis e interessadas em relatar suas experiências e algumas afirmam que deixaram seu roteiro de entrevista em casa.

Início o encontro lendo cada tópico do roteiro discutindo as dúvidas eventuais. A turma de 33 alunos impossibilitou a condução do exercício de cada aluno, individualmente entrevistar o colega. Todavia, a mediadora conduziu a entrevista piloto nos moldes descritos para o colégio A. Em seguida, falei-lhes sobre os objetivos da entrevista que fariam com as mães, ressaltando a necessidade de definirem as questões a serem pesquisadas. Tais questões surgidas dos próprios alunos estão apresentadas e analisadas no item: 5.2.2. Fazendo entrevistas: A participação afetuosa das mães, pág. 93.

A experiência adquirida com o colégio A e o tamanho da turma levou-me a adiar as discussões sobre as dúvidas do filme “Amamentação: Quem ganha e quem perde” para o próximo encontro. Sugerir que, para o próximo encontro, eles fizessem uma pesquisa no comércio sobre o preço do leite em pó.

### *Impressões da mediadora*

Os assuntos abordados no filme favoreceram a atenção e motivação dos alunos durante a projeção. Destacou-se também neste encontro, o interesse dos alunos em participar da dramatização da técnica de entrevista com a mediadora, sendo difícil controlar os pedidos, demonstrando que o lúdico e a participação direta dos educandos melhora os resultados da aprendizagem.

Durante a dramatização entre a mediadora e alunos, era visível os olhares e expressões de interesse dos mesmos para registrar os erros e acertos da cena que se delineava à sua frente. Assim, eles iam observando as falas, os gestos, para depois apontar as falhas. Eles chamaram a atenção para os seguintes erros:

- O entrevistador toca o corpo do entrevistado com muita freqüência;
- O entrevistador usa uma linguagem formal e muito íntima com o entrevistado, e ainda disse ao entrevistado que tinha pressa em acabar com a entrevista.

### **QUARTO ENCONTRO**

Para o quarto encontro com os alunos do Colégio A apoiei-me no seguinte roteiro:

- Entrega aos alunos do convite para os pais comparecerem ao encerramento da atividade (anexo 4)
- Discussão com os alunos sobre suas experiências como entrevistadores;
- Coleta dos questionários de entrevista;
- Sorteio de cinco alunos para ler as respostas das entrevistas;
- Discussão coletiva das técnicas de montagem das historietas.

### **Ocorrências do 4º encontro (Colégio A)**

Embora a confidencialidade das entrevistas tenha sido estabelecida no 3º encontro, os alunos mostraram-se ávidos em exibir para todos o resultado da sua entrevista, gerando disputa sobre quais seriam os cinco a ler em público suas respostas. Esses resultados se encontram analisados no item 5.2.2. - Fazendo entrevistas: A participação afetuosa das mães, pág. 93

A mediadora lembrou aos alunos que no próximo encontro os mesmos apresentariam as historietas e as coletivizariam (criando um enredo), colocando-se à disposição para orientá-los no trabalho, lembrando-lhes que na biblioteca estava disponível uma pasta com material informativo sobre A.M.

### **Impressões da mediadora**

Os alunos mostraram-se receptivos à tarefa, procurando organizar-se em grupos para ensaios de elaboração dos textos de apresentação em sala de aula. Em certo momento, os mesmos mostraram-se ansiosos chamando minha atenção a formação dos grupos por sexo. Comentei com a professora da classe, que tranqüilizou-me dizendo ser comum tal formação.

O desejo em contar em classe como teria sido seus processos de amamentação, causou-me a impressão que sentiam orgulho em relatar um pouco de suas vidas.

Os relatos das experiências pessoais do seus processos de amamentação ao entrevistar as mães e/ou familiares, são recheados de sentimentos de emoção, prazer e inquietude. Algumas falas dos alunos exemplificam esses sentimentos:

“Gostei muito, mas fiquei curiosa para saber mais!”

“Me sinto emocionada, por saber um pouco da minha vida!”

“Não fiquei nervosa, pois fiz a entrevista com a minha mãe!”

“Me senti esquisita!”

“Senti um frio no pé da barriga!”

Aqui se revela o ser humano sujeito às especificações do seu contexto histórico-cultural, como afirma Vygotsky (1991).

Assim, a intencionalidade de provocar no escolar um contato com o seu meio sócio-cultural, através do aprofundamento de tema como o A.M. só foi possível com o emprego das idéias projetadas por Vygotsky, referente ao desenvolvimento precoce das funções psicológicas que estão por vir.

#### **Ocorrências do 4º encontro (Colégio B)**

No roteiro desse encontro, adicionei ao já descrito para o colégio A, discussão do filme “Amamentação: Quem ganha e quem perde”, produzido pelo IBFAN. Longe de prejudicar o andamento do trabalho, o debate das dúvidas do filme nesse encontro proporcionou aos alunos mais tempo para pensarem sobre sua mensagem e assim criarem perguntas mais elaboradas que seus colegas do colégio A.

Os entrevistadores relatam que a experiência de entrevistar a sua própria mãe foi algo emocionante e que eles desejariam fazer mais perguntas se lhes fosse permitido. Talvez, aqui, as barreiras da comunicação tenham sido rompidas, criando um novo caminho para o diálogo entre mães e filhos.

No encontro anterior, a mediadora sugeriu à classe que verificasse quanto custava uma lata de leite no comércio, para que eles pudessem avaliar o custo de uma amamentação artificial. Alguns alunos fizeram a pesquisa, chegando a calcular os gastos mensais de uma família. Usaram para isso os seguintes cálculos: uma lata de leite custava,

na época R\$ 5,20. Uma criança consumindo uma lata semanal, daria um custo mensal de R\$ 20,80. A partir daí, eles relacionaram o salário de uma família que era de R\$ 100,00 e, assim a família ficaria com apenas R\$ 79,20 para outras despesas.

No momento de apresentação desta avaliação de custo, um aluno utilizou-se do quadro negro para fazer esses cálculos. Isso causou nos alunos muita inquietação e perplexidade.

### **Impressões da mediadora**

À proporção que os alunos iam aprofundando o conhecimento do tema A.M., nossas discussões em classe iam ganhando caráter mais elaborado, inclusive acrescentando outros temas em saúde. Tive a impressão que a oportunidade de entrevistar as mães e familiares sobre seus processos de amamentação, deu a ambos, entrevistadores e entrevistados, a oportunidade de criar um favorável clima afetivo familiar. Similarmente ao verificado no colégio A, aqui a formação de grupos para a apresentação das historietas seguiu a composição uniforme por sexo. Os alunos demonstravam segurança quanto à tarefa a realizar o que sugere que a prática adotada pela mediadora de encenar historietas no segundo encontro produziu os efeitos esperados, levando-os a sentirem-se confortáveis não apenas com a arte da representação cênica como com o tema A.M.

Combinamos fazer um intervalo de 15 dias entre os encontros comigo (mediadora) que seriam utilizados para os ensaios das apresentações cênicas. Decorridos alguns dias, alguns destes alunos passaram a colocar algumas dificuldades para realizar as tarefas, e passaram a fazer contato telefônico desejosos da minha presença e orientações nesta grande empreitada. A ansiedade parecia estar rodando a vida destes meninos e meninas.

A cada momento me surpreendia e quiçá a eles mesmos, com grau de interesse e preocupação que brotava das suas pequenas cabeças. Assim, agendamos um novo encontro para os acertos e acomodações da produção artística destes pequenos atores.

## QUINTO ENCONTRO

Os alunos de ambos os colégios apresentaram suas historietas em sala de aula utilizando-se de recursos adicionais como música, cartazes, cenários e trajes para compor as personagens.

Cada colégio formou três grupos apresentando em sala de aula historietas referentes à comercialização de leite artificial, orientação às mães de primeiro filho e atuação de uma enfermeira em grupo de mulheres mães.

A riqueza de expressão verbal e corporal caracterizaram a apresentação dos três grupos do Colégio B realizada no auditório da escola.

Foi aberto um espaço, onde a platéia fez comentários sobre o que estavam presenciando e o que ele significou nas suas vidas. Ouvimos depoimentos de pais que acharam importante abordar este tema nessa fase de vida dos seus filhos, assim como parabenizavam a metodologia empregada. A direção desse estabelecimento de ensino também fez comentários elogiosos sobre o trabalho desenvolvido.

Algumas colegas da mediadora do curso de Mestrado compareceram. Destaco ainda a presença da orientadora desta dissertação que no encerramento deste encontro também comentou sobre a atividade.

Após a apresentação foi oferecido lanche aos presentes, oportunidade em que expomos fotos, cartazes com frases elaboradas pelos próprios alunos e familiares bem como recursos decorativos que criaram no ambiente um clima de confraternização e troca de experiências.

O colégio A fez a apresentação das suas historietas na sala de aula com a presença da mediadora da professora da classe. O destaque foi a idéia de um grupo de meninas que criaram uma casa de papelão e cartolina que foi colocada sobre a mesa da professora. As alunas se colocavam por trás da casinha e iam falando o texto da historieta por elas produzida.

Aqui não foi possível oferecer um lanche para os alunos no final desta apresentação devido à falta de um espaço em que pudéssemos festejar o nosso convívio e a nossa aprendizagem. Fiquei assim, devendo aos alunos este momento.

### **Impressões da mediadora**

Esses momentos de apresentações cênicas dos pequenos atores, já anunciavam com graça e beleza o que eles eram capazes de fazer quando se encontram motivados. Assim, o que a priori era para os menos avisados e insensíveis, poderia parecer algo sem valor, entretanto para estes alunos passaram a ter um grande significado, o que se revelou assim, foi um grupo de meninos e meninas com grande potencial criativo que aos poucos ia se descortinando e um novo saber que de tão velho, talvez parece ser novo, pois ele ainda é assunto da atualidade. O que se destacou assim não foi só o conhecimento assimilado, e sim a forma de fazer, aprender e conhecer um tema tão ligado à vida. Mais uma vez temos que concordar com o conceito de ZDP e continuar acreditando que o desenvolvimento e a aprendizagem humana ocorre quando estimulamos a potencialidade do homem em especial a criança.

Considerar a incapacidade da criança para aprender e fazer coisas tidas como avançadas, ligadas ao conhecimento do adulto, aqui nessa atividade o seu espaço foi assegurado e contou com a liberdade e o direito de ser criativo.

### **SEXTO ENCONTRO: “O DISSE-ME-DISSE” DO ENSAIO GERAL**

Os alunos do dois colégios solicitaram cada um deles, um encontro extra com a mediadora para discutir os detalhes da apresentação cênica das suas historietas e fazer um ensaio com todos os atores. Foi um momento de confraternização cheio de articulações, cochichos e risos que a cada momento se entrelaçavam. Um ponto de destaque, verificado no colégio A foi a quantidade de roupas, sapatos e adereços que eles iam tirando das suas sacolas para compor a indumentária das personagens. As meninas insistiam em usar sapato de salto alto, tomados emprestados das suas mães, e procuravam imitar os gestos das mulheres e dos homens, de acordo com seu imaginário.

Uma garota trouxe um vestido branco de noiva, afirmando ter sido usado por sua mãe no dia do casamento. Os ensaios iam acontecendo, carregados de consertos e de recomeços, de medo e risos que tão bem caracterizam esses momentos de “fazer de conta” para representar o vivido, o aprendido de um novo saber.

A mediadora procurou manter uma atitude de ânimo e respeito ao trabalho das crianças respondendo apenas a questões providenciais quando solicitada pelas crianças, e incentivava o grupo, principalmente nos momentos em que os autores achavam que não iam conseguir realizar a tarefa e aí era um “*Deus nos acuda*”, surgiam desabafos, ameaças de desistências que aos poucos, entre eles, ia tudo se ajustando e encontrando novos caminhos. Era um movimento de busca de identidade, de reconhecimento de suas potencialidades e emprego dessas condições nas formas criativas. Acima de tudo, as crianças exibiram uma noção de responsabilidade, ao assumir a produção e projetar a encenação, tudo em clima de tensão e prazer, pois a apresentação teria que acontecer, já que o esforço e o alcance já tinham sido suficientemente demonstrados pelo grupo. É interessante como, nesses momentos, a criatividade e o senso de motivação serviam como força de equilíbrio. Alguns textos quando não correspondiam ao que eles pensavam de imediato, ali mesmo iam sendo modificados e enriquecendo o conteúdo da historieta, traduzindo a ebulição da contínua aprendizagem e desenvolvimento intelectual e social dessas crianças.

## SÉTIMO ENCONTRO

Aqui eu me dou ao direito de chamar esse encontro de “O grande dia”.

Após as apresentações nos respectivos colégios, percebi que o colégio A, por não dispor de um área física apropriada para os seus alunos, foram prejudicados na apresentação e divulgação de seus textos sobre o A.M. Assim, decidi unir os dois colégios (A e B) no Auditório do CCS/UFSC (Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Santa Catarina), quando se apresentaram 5 grupos de contadores de história, de autoria dos alunos dos dois colégios. A platéia era formada de pais, diretores e professores, colegas e professores do Mestrado.

As historietas por eles escritas e apresentadas trouxeram conteúdos e informações por nós trabalhados, representando também o vivido cultural e social do meio em que estes escolares estão inseridos.

A informalidade que os alunos de ambos colégios tratavam dos temas A.M. e sua representação cênica, teve o interessante efeito de provocar a integração dos grupos.

Assim, esse encontro foi cheio de emoções pela produção e apresentação das historietas, como também pela percepção de que a escola pode ser um local de agregação na sua tarefa de fazer a educação promotora do conhecimento e do desenvolvimento social da criança. Ao trabalhar com o conceito de lúdico, deixando de fazê-lo como algo “jocoso” e portanto, sem valor, foi certamente um recurso utilizado para estudar o tema A.M. A educação assim trabalhada colocou os escolares no centro do processo pedagógico, trazendo para perto vários atores sociais de grande ajuda para a aprendizagem.

O entusiasmo dos alunos para esta atividade foi marcante, envolvendo vários ensaios, mudanças e criação de novos roteiros, sem contar com a preocupação dos alunos em se apresentar com roupas e adereços apropriados que compunham as suas personagens. No final das apresentações, uma professora do colégio A falou da importância do trabalho, e de sua surpresa em presenciar o desembaraço de alguns alunos revelando-se como intérpretes, quando em sala de aula são normalmente apáticos, e outras pessoas fizeram uso da palavra destacando o valor da atividade na vida das crianças.

Para encerrar esse nosso encontro, cantamos juntos a música “*História de Pescadores*” de autoria de Dorival Caimmy. E foi servido um lanche para os escritores e contadores de historietas, onde em companhia dos pais, amigos e convidados confraternizamos por estarmos juntos e podermos ter vivenciado o estudo de um tema que está relacionado as nossas vidas.

Acredito que a metodologia facilitou a agregação de todos os presentes, pois o que se viu por parte das crianças foi algo criativo e impulsionador do processo de ser e se expressar naquilo que ele estudou, pesquisou e argüiu. Assim, se deu conta que saber é algo simples de obter, necessitando apenas de alguém que lhe dê um “empurrãozinho”.

O canto contribuiu para a confraternização entre os grupos de alunos de ambos colégios e convidados.

## ANEXO 6

### HISTORIETA 6: ATENÇÃO: ÚLTIMAS NOTÍCIAS DO BRASIL!



Autoras: Carolina Sampaio Barreto e Carin Iara Loeffler.

Florianópolis, 20 de maio de 1997.

A campanha do Aleitamento Materno foi um sucesso. Percebe-se que aos poucos as mulheres no Brasil estão valorizando a amamentação natural e voltam a dar o peito aos seus filhos. Isto segundo o Ministério da Saúde é algo muito importante para a promoção da saúde das nossas crianças. A amamentação ajuda a preservar a natureza.

Aqui encerramos o jornal local, Bom Dia!.

**Afonsinho:** Olha só que legal esse papo de aleitamento materno!.

**Rita:** Filho, venha cá que vou lhe contar uma história!. Há muitos e muitos anos as mulheres têm como tarefa gerar e alimentar os filhos, educá-los, cuidar do marido, da casa, passar e cozinhar. Desde aquela época a forma mais comum de alimentar os bebês era o leite materno. O Bebezinho nascia, abria o bocão e a mamãezinha dava o peito e o bebê acalmava. Naquela época, quase todos os bebêzinhos eram muito saudáveis porque mamavam. Doenças como a desnutrição...

**Afonsinho:** Nossa! que palavrão de doença é essa?

**Rita:** Desnutrição meu filho, quer saber o que é?

Olha para a classe, interroga o que é desnutrição.

Desnutrição é quando a criança ou adulto apresenta estado de fraqueza, enfraquecimento e magreza intensa por alimentação inadequada ou sua falta, entre outros.

Continuando nossa história... doenças como a desnutrição, diarreia, gripes fortes e viroses, não eram tão comuns porque os bebês eram bem alimentados com o leite de suas mães. Mas o tempo foi passando, veio chegando o progresso, as cidades cresciam, surgiram as indústrias e certo dia os fabricantes de alimentos inventaram uma substância para substituir o leite materno criando assim o leite em pó que tornou-se um sucesso; A produção cresceu, cresceu e surgiram as latas, latas e mais latas.

**Lili:** Mamãe! Também tô te escutando: quero saber se as mães, que sabiam de tudo, aceitavam esse tal de leite em pó?. Davam para seus filhos?

**Rita:** Sim minha filha. Coincidiu que nesta época as mulheres estavam deixando de ficar em casa para cuidar dos filhos começando a trabalhar fora de casa na indústria, indo estudar, fazer faculdade, e ter o leite em pó era mais fácil, e com isso quem ficou rico?. Os donos das indústrias que ganharam rios de dinheiro e a vaca que dava o leite para virar pó não ganhava nada.

**Afonsinho:** Que exploração! onde já se viu?, por isso tem aquela música que diz, mãe é mãe, vaca é vaca.

**Lili:** E hoje ainda é assim?. Como se dá esse leite em pó?

**Rita:** Sim, há muitas mães que dão leite em pó aos filhos. Elas preparam uma mamadeira (mostre a mamadeira) e misturam a água com leite em pó.

Acontece que em muitos lugares, esta água não é fervida e sim poluída, a mamadeira não é bem lavada e o leite ainda é muito caro, por isso algumas mães colocam mais água que leite fazendo a criança ficar doente com diarreia e desnutrição às vezes morrendo de tanta fraqueza.

**Afonsinho:** Mas ninguém ensina para ela como deve fazer? E a mãe que trabalha, como faz para preparar a mamadeira?

**Lili:** Claro que dá!, como ela vai fazer? vai deixar as “mamicas” em casa e ir trabalhar?.

**Rita:** Não!, calma eu explico tudo. As mães que trabalham fora podem tirar seu leite e deixar em casa para dar no horário que o bebê tiver fome. Também o governo determinou por lei que as empresas e fábricas devem ter creches para abrigar os filhos das mulheres trabalhadoras para que não sejam forçadas a desmamar precocemente seus bebês. Também

as mães podem ser orientadas pelos médicos, enfermeiras e profissionais da área de saúde sobre as vantagens que o A.M. oferece às mulheres e crianças.

**Afonsinho:** E nós homens só ficamos olhando?

**Lili:** Claro, vocês não tem “mamica.”!

**Rita:** Não, não é porque o homem não dá peito que ele não ajuda. É muito importante que apoie e incentive dando força para a mulher não abandonar a amamentação.

**Lili:** Mas eu ainda não entendi porque é tão importante para a saúde da criança este tal de leite materno.

**Afonsinho:** Eu já entendi: Parece que o leite materno tem alguma coisa que deixa as crianças mais fortes e também mais protegidas das doenças assim como uma vacina natural, não é isso mãe?.

**Rita:** Isso mesmo, você compreendeu: Além de ter a fórmula correta que alimenta e não engorda, tem também anticorpos para proteger a criança das doenças. Meu Deus! já está na hora de pararmos com essa história, vocês terão que ir para a escola!, apanhem seu material e outro dia voltaremos a falar mais desse assunto.